UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Departamento de Letras Modernas

Área de concentração: Estudos da Tradução

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

AMANDA CABRAL VIEIRA BENITES

**CAUTION! CUIDADO! UM ESTUDO DA TRADUÇÃO DAS
ORIENTAÇÕES DE SEGURANÇA EM MANUAIS DE USUÁRIOS DE
ELETRODOMÉSTICOS**

(Versão corrigida)

São Paulo

2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas

Departamento de Letras Modernas

Área de concentração: Estudos da Tradução

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução

**CAUTION! CUIDADO! UM ESTUDO DA TRADUÇÃO DAS ORIENTAÇÕES DE
SEGURANÇA EM MANUAIS DE USUÁRIOS DE ELETRODOMÉSTICOS**

Amanda Cabral Vieira Benites

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Estudos da Tradução do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof. Dra. Angela Maria Tenório Zucchi

(Versão corrigida)

São Paulo

2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

B467c Benites, Amanda Cabral Vieira
CAUTION! CUIDADO! UM ESTUDO DA TRADUÇÃO DAS
ORIENTAÇÕES DE SEGURANÇA EM MANUAIS DE USUÁRIOS DE
ELETRODOMÉSTICOS / Amanda Cabral Vieira Benites ;
orientador Angela Maria Tenório Zucchi. - São Paulo,
2018.
155 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Modernas. Área de
concentração: Estudos da Tradução.

1. Tradução. I. Zucchi, Angela Maria Tenório ,
orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Amanda Cabral Vieira Benites

Data da defesa: 22/02/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Prof. Dra. Angela Maria Tenório Zucchi

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 22/04/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

BENITES, A. C. V. Caution! Cuidado! Um estudo da tradução das orientações de segurança em manuais de usuários de eletrodomésticos. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Aprovado em:

Banca examinadora

Pro. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

A Deus, por ter me dado uma segunda chance à vida e por ter me incutido coragem para sair do interior do Paraná sozinha em busca do sonho de ser mestre pela Universidade de São Paulo.

Aos meus pais, por terem me ajudado com a minha mudança para São Paulo.

À família Smith Angelo, por terem me incentivado a ingressar no mestrado e por terem me acolhido com carinho e afeto.

À Prof. Dra. Angela Maria Tenório Zucchi, por ter me acolhido como orientanda, pela leitura, pela orientação e pelo suporte.

À Professora Dra. Tinka Reichmann, por ter me guiado no início desta jornada com interesse e receptividade.

Às minha colegas, Ruth, Flávia e Aline, pelo companheirismo durante as disciplinas e pela força para não desistir.

A Sam e Sebastian, que me acompanharam nas longas horas de trabalho.

À Ketwly Martens, por anos de amizade e incentivo.

Aos amigos, pela compreensão e pelo incentivo nessa fase e durante toda minha vida.

Resumo

BENITES, A. C. V. *Caution! Cuidado! Um estudo da tradução das orientações de segurança em manuais de usuários de eletrodomésticos*. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

Nesta dissertação foi desenvolvida uma análise contrastiva entre manuais de usuários de eletrodomésticos em inglês estadunidense e suas traduções para o português brasileiro. O principal objetivo desta análise foi identificar como as condicionantes culturais se expressam nas orientações de segurança de cada um dos textos analisados, baseando-se na ideia disseminada por Azenha Jr. (1996) de que textos especializados não são áridos nem sem criatividade. Para isso, partimos de uma análise funcionalista, baseada em Reiss e Vermeer (1984), e das análises de Moreira (2014) e Snell-Hornby (2006), para destacar o conceito de texto como expressão cultural, adequada a uma determinada função. De maneira geral, os resultados da análise indicaram que as orientações de segurança manifestam a cultura do país ao qual pertencem e evidenciam como o perigo é visto nos Estados Unidos e no Brasil. Observou-se também que os manuais traduzidos em português verbalizam o óbvio mais do que os manuais em inglês; além de serem mais enfáticos, evidenciam a preocupação com a segurança elétrica do consumidor, levam em consideração hábitos do povo brasileiro e mencionam, com frequência, a figura das crianças e de pessoas com deficiência.

Palavras chave: tradução especializada, manual de usuário, condicionantes culturais

Abstract

BENITES, A. C. V. Caution! Cuidado! A study on the translation of safety guidelines in domestic appliances user's guide. 2018. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

In this dissertation, we conducted a contrastive analysis between domestic appliances user's guide in American English and their translations in Brazilian Portuguese. The main objective of this study was to identify the cultural practices expressed in the security guidelines of each one of the texts, based on the idea brought by Azenha Junior (1996) which specialized texts are not arid and that they do not lack creativity. Our starting point was a functionalist analysis, based on Reiss and Vermeer (1984), and the analyzes made by Moreira (2014) and Snell-Hornby (2006), in order to highlight the concept of texts being a cultural expression that have a certain function. In general, the results of the analysis indicated that the security guidelines manifested the culture of the country they were from, while showing how danger is seen in the United States and in Brazil. It was also observed that the user's guide translated into Portuguese verbalized the obvious more than the user's guide in English; they also highlighted the concern about safety against electric shock, besides being more emphatic, taking into account the habits of Brazilian people and mentioning children and people with disabilities a number of times.

Key-words: specialized translation, user's guide, cultural markers.

Lista de figuras

Figura 1- Capa de manual impresso	73
Figura 2- Capa de manual digital	74
Figura 3- Layout de manual interativo	75
Figura 4- Instruções/recomendações de segurança	76
Figura 5- Descrição do produto	77
Figura 6- Instruções de operação	78
Figura 7- Instruções de manutenção	79
Figura 8- Solução de problemas	80
Figura 9- Especificações/ características técnicas	81
Figura 10- Especificações/ características técnicas	82
Figura 11- Assistência técnica	83
Figura 12- Representação de corte com a faca elétrica	90
Figura 13- Símbolo de descarte e reciclagem	90
Figura 14- Exemplo de pictograma	91
Figura 15- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português da batedeira Kitchen Aid KEA33	104
Figura 16- Capa e conteúdo dos manuais em inglês e em português do cortador de grama modelo GR3800 da fabricante Black & Decker	105
Figura 17- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português da faca elétrica Cuisinart CEK40	106
Figura 18- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português do liquidificador 1101 da Hamilton Beach	107
Figura 19- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português do vaporizador para passar roupa Steamworks Pro da Singer	108
Figura 20- Email respondido pela instituição	116
Figura 21- NEISS highlights, data and query builder	117
Figura 22- Relatório individual de acidente causado por eletrodoméstico	118
Figura 23- Orientações elétricas manual Kitchen Aid. em inglês	123
Figura 24- Orientações elétricas manual Kitchen Aid em português.....	124
Figura 25- Exemplo de ilustração de informação de segurança	139
Figura 26- Comparação de pictogramas: Estados Unidos e Brasil	141

Lista de quadros

Quadro 1- Organização hierárquica do padrão de equivalência	32
Quadro 2- Exemplos de aplicação dos tipos textuais	33
Quadro 3- Banco de dados online BITRA	44
Quadro 4- Nomenclatura para a tradução do texto especializado no BITRA	45
Quadro 5- Número de ocorrências de cada termo por década desde 1950 até 2017	45
Quadro 6- Total de publicações comparado com as publicações envolvendo tradução especializada	64
Quadro 7- Periódicos qualis A1 e B2 no Brasil	66
Quadro 8- Temas das publicações envolvendo textos especializados no Brasil entre 2010-2017.....	67
Quadro 9- Comparação do Censo 2010 entre Brasil e Estados Unidos.....	96
Quadro 10- Legislação brasileira da pessoa com deficiência	97
Quadro 11- Legislação estadunidense da pessoa com deficiência	99
Quadro 12- Famílias mais relatadas	110
Quadro 13- Produtos mais relatados	111
Quadro 14- Família, eletrônicos e eletrodomésticos	112
Quadro 15- Categorias de produtos	113
Quadro 16- Categorias de produtos	114
Quadro 17- Comparação do manual da batedeira	119
Quadro 18- Comparação do manual do vaporizador	120
Quadro 19- Comparação do manual da faca elétrica	121
Quadro 20- Comparação do manual da batedeira	122
Quadro 21- Instruções que constam apenas no TC Cuisinart	126
Quadro 22- Instruções que constam apenas no TC Hamilton Beach	128
Quadro 23- Acidentes envolvendo crianças de 0-9 anos nos Estados Unidos	130
Quadro 24- Acidentes envolvendo crianças de 0-9 anos nos Estados Unidos	131
Quadro 25- Ocorrências de "children" e de "crianças" no manual Singer	132
Quadro 26- Ocorrências de "children" e de "crianças" no manual Kitchen Aid	132
Quadro 27- Ocorrências de "children" e de "crianças" no manual Cuisinart	134
Quadro 28- Ocorrências de "children" e de "crianças" nos manuais do liquidificador Hamilton Beach	135

Quadro 29: Ocorrência de "children" e de "crianças" nos manuais Black & Decker	136
Quadro 30: Tabela de dados técnicos do vaporizador Singer	138
Quadro 31: Símbolos e cores de advertência	140

Lista de abreviaturas e siglas

ABNT -	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ANSI -	American National Standards Institute
BITRA -	Bibliografia de Interpretação e Tradução
BPA -	Bisfenol A
CONADE -	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
CPSC -	Consumer Product Safety Commission
ELETROS -	Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos
EN-US -	Inglês estadunidense
EUA -	Estados Unidos
FIT -	Federação Internacional de Tradutores
IBGE -	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICE -	Institute for Consumer Ergonomics
INMETRO -	Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia
ISO -	International Standards Organization
NEISS -	National Electronic Injury Surveillance System
NR -	Norma reguladora
OMS -	Organização Mundial da Saúde
ONU -	Organização das Nações Unidas
PT-BR -	Português do Brasil
SAE -	The Society of Automotive Engineers
SINMAC -	Sistema Inmetro de Monitoramento de Acidentes de Consumo
TC -	Texto de chegada
TP -	Texto de partida

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
-------------------------	-----------

1 TRADUÇÃO E CULTURA: O FUNCIONALISMO ALEMÃO

1.1 O funcionalismo de Reiss e Vermeer.....	22
1.2 Equivalência vs Adequação	27
1.3 Os aspectos culturais na teoria funcionalista	33
1.4 Desdobramentos da teoria funcionalista: transferência cultural e textos especializados	37
1.4.1 Condicionantes vs marcadores culturais	39

2 TRADUÇÃO DO TEXTO ESPECIALIZADO: CONCEITO E CONTEXTO

2.1 A problemática da nomenclatura	43
2.2 Tradução técnica e/ou tradução técnico-científica	46
2.3 Tradução não-literária	48
2.4 Tradução especializada.....	51
2.5 Considerações sobre as escolhas feitas neste trabalho	53
2.6 Contexto da tradução especializada: um breve histórico	54
2.7 Contexto da tradução especializada no Brasil entre 2010 e 2017.....	65

3 O MANUAL DE INSTRUÇÕES

3.1 O gênero "manual de instruções"	69
3.2 Tipos de manuais de instruções	72
3.3 Estrutura dos manuais de instruções	76
3.4 Advertências e informações de segurança	83
3.4.1 Palavra sinal	87

3.4.2 Recursos icônicos	88
3.4.3 A questão da acessibilidade nos manuais de usuários de eletrodomésticos.....	92
3.4.3.1 Acessibilidade: um breve histórico.....	99

4 ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES DE SEGURANÇA EM MANUAIS DE ELETRODOMÉSTICOS

4.1 Apresentação do corpus e parâmetros de análise	102
4.1.1 A realidade do perigo por uso de eletrodoméstico: comparação de dados entre Estados Unidos e Brasil	110
4.1.2 A segurança infantil no ambiente doméstico e o uso de eletrodomésticos: comparação de dados entre Estados Unidos e Brasil	129
4.2 Emprego dos recursos icônicos: tabelas, ilustrações, símbolos e pictogramas.....	137

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
----------------------------------	------------

REFERÊNCIAS.....	147
-------------------------	------------

INTRODUÇÃO

No atual momento de democratização do acesso às novas tecnologias e de agilidade da informação - que nos fazem entrar em contato com as mais diversas línguas a todo momento -, a tradução não apenas se amplia, mas se diversifica e assume novas formas, que se tornam imprescindíveis para a compreensão das informações por todo o mundo. No mercado tradutório, que cresce ano após ano, a tradução especializada tem sido a mais requisitada e, como afirma Barbosa (2005, p. 11), pode superar o número de publicações editoriais.

É oportuno mencionar que no universo acadêmico, nas áreas de Letras e dos Estudos da Tradução, percebe-se, muitas vezes, a desconsideração com a tradução especializada e até a construção de conceitos equivocados e preconcebidos - principalmente entre tradutores em formação (BENITES, 2012), mas também no corpo docente das Universidades.

De acordo com Azenha Junior (1996, p.140), a problemática apontada acima deve-se à escassa exploração da tradução especializada, o que acarretou uma visão largamente difundida de que o texto especializado, diferente de outros tipos de texto, é como um terreno árido que não permite nenhuma variação, criatividade e inovação; e que apenas o domínio do assunto a ser traduzido e o conhecimento da língua estrangeira seriam suficientes para se realizar uma tradução completa e de qualidade. Em resumo, a compreensão textual seria apenas no âmbito da mera soma de léxico e sintaxe. Como consequência disso, os problemas da tradução especializada estariam fundamentalmente circunscritos ao plano lexical-terminológico. Todavia, a nossa experiência de trabalho com a tradução desses textos mostra que os tipos textuais são instáveis; que os textos são formas híbridas e estão sujeitos a inúmeras variáveis.

Embora os textos especializados não permitam muitas variações estilísticas, isso não lhes diminui o valor. Seu terreno não é árido simplesmente por ser especializado e envolver uma terminologia específica; portanto, é precipitado considerar que eles não carregam consigo traços culturais. É a partir dessa perspectiva, ao considerá-los como textos híbridos - isto é, expostos a variações culturais-, que Azenha Junior (1999, p.11) propõe uma mudança em relação à tradução

especializada, o que significa compreender um texto especializado como uma estrutura multidimensional.

Quando aceitamos que os significados dos textos funcionam dentro de determinadas culturas, também levamos em conta a existência de características culturais nos textos. Sendo assim, as convenções culturais na construção do texto podem constituir um problema de tradução, principalmente na variedade especializada. Destacar os elementos culturais nesses textos, então, é um fator decisivo para que não aconteçam inúmeros erros de tradução, que podem causar desde eletrodomésticos queimados até dosagem indevida de medicamentos (AZENHA JUNIOR, 1996, p. 137).

Dessa forma, o desafio na tradução desses manuais de eletrodomésticos e bulas, exemplificados acima por Azenha Junior (1996), é a releitura do texto de partida, tornando-o adequado à legislação do país a que o produto se destina e assegurando que as advertências e orientações de segurança sejam veiculadas de forma adequada às necessidades do público leitor, para que, como afirma Tiersma, "possam captar a atenção de um consumidor razoavelmente prudente, dentro das circunstâncias de uso do produto" (TIERSMA, 2002, p. 55, APUD COULTHARD; HAGEMEYER, 2015, p. 55, tradução nossa)¹ e evitar, assim, acidentes e prejuízos ao consumidor.

Nos últimos dez anos, de acordo com o Inmetro (2011), o DataSUS registrou 13.776 internações com 379 óbitos e mais 15.418 mortes imediatas decorrentes de acidentes relativos à exposição a correntes elétricas em residências, escolas, asilos e locais de trabalho. Além disso, dentre os acidentados, o choque elétrico é a terceira maior causa de morte infantil em hospitais do SUS, atrás apenas de maus tratos e acidentes em transportes.

Na busca da diminuição desses números, grandes instituições de cuidados com a segurança infantil, como a Safe Kids, representada no Brasil pela ONG *Criança Segura*²,

¹ "An adequate warning is one in such form that could reasonably be expected to catch the attention of a reasonably prudent [person] in the circumstances of its use and whose content is understandable".

² <https://criancasegura.org.br/evite-acidentes/>

mostraram que 90% dos acidentes podem ser evitados com medidas simples de mudança de comportamento e adequação às leis que promovem a prevenção de acidentes domésticos.

O papel da tradução especializada aparece de forma quase despercebida nesse cenário quando, de fato, é através da reescritura e da adequação à legislação nos manuais de produtos importados que se pode, como afirma Wogalter (2006, p. 3), "Informar as pessoas sobre o perigo, evitando ou minimizando possíveis consequências indesejáveis"; ou seja, é através da análise e da reescrita das advertências de segurança nesses textos que o consumidor pode encontrar uma forma clara e simples de entender como se proteger dos perigos a que se expõe no uso de determinado eletrodoméstico.

Cabe então ao tradutor a visão crítica e consciente a respeito da tradução especializada e das complexidades que essa atividade apresenta, reconhecendo-a como um ato criativo de construção de significados. Com essa visão crítica, é possível abandonar a noção de que a tradução especializada é inferior no que diz respeito à criação textual, e enxergar essa atividade com o grau de conscientização que ela requer.

Diante disso, este trabalho se justifica, por considerarmos que uma reflexão mais crítica possa contribuir tanto para o esclarecimento acerca das relações envolvidas na tradução de textos especializados como para alertar os profissionais de tradução sobre seu papel ativo nesse processo, e, conseqüentemente, promover caminhos de discussão para uma transformação do status de que esta variedade de tradução desfruta no interior das discussões acadêmicas, com vistas a uma abordagem mais realista acerca da tradução especializada.

O objetivo deste trabalho é identificar como os aspectos culturais, em específico as advertências e as orientações de segurança, se apresentam na tradução de manuais de produtos de uso doméstico, a fim de refletir sobre as particularidades culturais que aparecem na tradução especializada.

Como objetivos específicos, pretendemos ainda:

- 1) analisar marcas textuais, no campo léxico, que evidenciem o tratamento dado às advertências e às orientações sobre segurança na tradução;

2) verificar como os recursos icônicos aparecem e se inserem na tradução de textos especializados do gênero manual.

Os objetivos traçados, como é possível perceber, guiam para a seguinte pergunta de pesquisa: Como as condicionantes culturais relacionadas a segurança se manifestam na tradução de manuais? Diante de tal pergunta, formula-se a seguinte hipótese: a tradução de advertências e orientações de segurança em manuais de usuários de eletrodomésticos evidencia relações existentes entre língua e cultura, que influenciam no produto final da tradução.

A análise e o cotejo de conceitos teóricos ocupam o cerne de nossa metodologia. O presente projeto se sustentará nas discussões levantadas por Reiss/Vermeer (1984) a respeito da Teoria Funcionalista e nas análises de Moreira (2014) e Snell-Hornby (2006) sobre essa teoria. Em relação à tradução dos textos especializados, nos apoiaremos em Azenha Junior (1992; 1994; 1996; 1999), Aixelá (1996; 2004; 2016), Zethsen (1999), Stolze (2009) entre outros.

A escolha da base teórica funcionalista foi feita durante a exploração do corpus e avaliação de suas características. Assim, notou-se a necessidade de uma teoria que desse suporte às considerações feitas; por conseguinte, optamos pela teoria de Reiss e Vermeer, que apresenta uma visão ampliada do texto - possibilitada pelas visões de língua e cultura trazidas pelos teorizadores -, mas, acima de tudo, a ideia de “função”, que pode ser aplicada como fio condutor na análise das condicionantes culturais.

Para delimitar o corpus de análise, selecionamos manuais de usuários de eletrodomésticos e ferramentas domésticas estadunidenses comercializados no Brasil. Os fabricantes deveriam ter como sede os Estados Unidos e os produtos selecionados deveriam oferecer riscos aparentes ao consumidor. A escolha do corpus se justifica pois produtos domésticos são de uso comum, mas sua utilização envolve cuidados de segurança importantes. Além disso, os consumidores desse tipo de produto são de ambos os sexos e das mais variadas idades, o que exige cuidados na redação do manual por parte do fabricante. Com base nesse critério, foram selecionados os manuais de produtos de fabricação internacional, em geral, de alto custo, mas necessários para os

fins da pesquisa. Produtos fabricados no Brasil não ofereciam manuais escritos originalmente em inglês estadunidense.

Enfim, chegamos a um corpus composto por cinco manuais em inglês estadunidense e suas respectivas traduções para o português brasileiro. Embora nenhuma passagem do corpus declare claramente tratar-se de uma tradução, o fato de os textos acompanharem o mesmo produto em culturas diferentes, com uma mesma função (apresentar a uma comunidade de consumidores o produto oferecido) foi o critério de partida para considerar um texto como tradução do outro. O elo e a base de comparação entre os textos do corpus é, portanto, sua função.

Os manuais selecionados foram: o da batedeira modelo KEA33 da fabricante Kitchen Aid, o do cortador de grama modelo GR3800 da fabricante Black & Decker, o da faca elétrica modelo CEK40 da Cuisinart, o do liquidificador modelo 51101 da fabricante Hamilton Beach e o do vaporizador para passar roupa modelo Steamworks Pro da fabricante Singer. Todos os manuais mencionados têm versão disponível em PDF, no site de cada empresa. O corpus em inglês possui 13.108 palavras, divididas em 50 páginas, e o corpus em português possui 13.186 palavras, distribuídas em 57 páginas.

Na primeira fase da análise do corpus, faremos a leitura e a comparação entre os textos de partida e de chegada, para a observação das características do léxico e do emprego de recursos icônicos. Nessa etapa, buscaremos localizar lacunas, expansões, alterações e verificar a apresentação visual dos textos. Os dados levantados serão, então, sistematizados e agrupados em tópicos que permitam a discussão dos elementos culturais presentes, baseados no emprego do léxico e dos recursos icônicos. Daremos continuidade com a segunda fase, investigando como a função "manual de instrução" se apresenta entre os textos analisados, assim como os fatores que a definem e condicionam nas duas culturas. Por fim, os resultados serão discutidos contrastivamente, baseando-se nos pressupostos teóricos.

Portanto, será através da comparação entre o texto de partida e o texto de chegada que analisaremos como os aspectos lexicais e os recursos icônicos aparecem e se inserem na tradução, de modo a promover uma discussão que vá além das noções, ainda presentes no senso

comum e no ambiente acadêmico, de que a tradução especializada se constitui como uma variedade de tradução que demanda menos trabalho por parte do tradutor, por não possuir elementos criativos e culturais.

Este estudo é composto por quatro capítulos. O capítulo primeiro consiste em apresentar a fundamentação teórica funcionalista, a partir da obra de 1984 de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer, *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* [Fundamentos de uma teoria geral de translação], acrescida da discussão sobre equivalência e adequação, buscando exemplificar a forma como podem ser tratados os aspectos culturais na tradução. Enfim, discutiremos os desdobramentos funcionalistas referentes ao conceito de "transferência cultural" e a sua relação com os textos especializados e com os conceitos de condicionantes e marcadores culturais usados no trabalho.

O capítulo segundo apresenta uma problematização acerca do termo mais apropriado para nomear a tradução de manuais de usuários, discutindo as possíveis nomenclaturas para esta variedade de tradução, assim como uma breve explanação das justificativas de teóricos pertinentes sobre cada nomenclatura e considerações sobre as escolhas feitas especificamente para a presente dissertação. No tópico seguinte, usamos a base de pesquisa trazida por Aixelá (2016) para comparar as semelhanças e diferenças do crescimento e desenvolvimento desse tipo de tradução no mercado e dentro da academia. No tópico final, fornecemos dados quantitativos das pesquisas publicadas em 5 periódicos brasileiros Qualis A1 e B2, com o objetivo de fornecer um contexto para as discussões que se seguem no presente trabalho.

O capítulo terceiro tem como objetivo apresentar o tipo textual em questão - o manual de usuário - com vistas a esclarecer suas características, particularidades e estruturação. Primeiramente, discutem-se os tipos de manuais de instrução de usuários existentes no mercado, assim como sua estrutura. Depois, apresentaremos um estudo sobre advertências, informações de segurança e recursos icônicos presentes, além de discutir dos aspectos mais relevantes encontrados no corpus como a questão da segurança infantil e as questões de acessibilidade.

O capítulo quarto promove o encontro entre teoria e prática, exemplificando com trechos do corpus a expressão da cultura nas orientações de segurança de manuais de eletrodomésticos.

Inicialmente, introduz-se o porquê da escolha das orientações de segurança para análise lexical no corpus; em seguida, discutimos como o perigo representado no corpus se apresenta no contexto estadunidense e no contexto brasileiro. Na segunda parte do capítulo, discorre-se a respeito do uso dos recursos icônicos nos manuais estudados e dos traços culturais presentes nesses elementos.

Por fim, as considerações finais apresentam um breve resumo do percurso deste estudo, além dos resultados da análise do corpus, discutidos à luz dos pressupostos teóricos apresentados no capítulo um e seguidos das referências dos textos que nos forneceram embasamento teórico.

1 TRADUÇÃO E CULTURA: O FUNCIONALISMO ALEMÃO

Este primeiro capítulo destina-se a apresentar a base funcionalista, utilizada para as discussões que se seguem neste trabalho. O capítulo inicia-se com a apresentação da obra *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*³ [Fundamentos de uma teoria geral de translação]⁴, publicada em 1984 sob a autoria de Katharina Reiss e Hans J. Vermeer, na qual discorrem sobre os preceitos funcionalistas que servirão de base teórica à presente pesquisa (seção 1.1 *O funcionalismo de Reiss e Vermeer*). Em seguida, discutem-se as relações entre equivalência e adequação, presentes na segunda parte da obra dos autores (seção 1.2 *Equivalência vs Adequação*), e identificam-se, na teoria funcionalista de Reiss e Vermeer, as bases teóricas que explicam e exemplificam a forma como são tratados os aspectos culturais na tradução (seção 1.3 *Os aspectos culturais na teoria funcionalista*). Finalmente, discutiremos os desdobramentos da teoria referentes ao conceito de "transferência cultural", sua relação com os textos especializados (seção 1.4 *Desdobramentos da teoria funcionalista: transferência cultural e textos especializados*) e os conceitos de condicionantes e marcadores culturais usados no trabalho (seção 1.4.1 *Condicionantes e marcadores culturais*).

1.1 O funcionalismo de Reiss e Vermeer

É na Alemanha, em um contexto de universidades e institutos de formação de tradutores durante as décadas de 1970 e 1980, que se evidenciaram os pensamentos de uma teoria geral de tradução, na qual nos baseamos para alcançar os objetivos estabelecidos para a pesquisa. Na época, diversas vozes discursavam a respeito da abordagem dos planos teórico e prático na formação de novos profissionais de tradução: havia divergências entre aqueles que se opunham à

³ O livro foi traduzido em 2014 para o inglês por Christiane Nord, sob o título "Towards a General Theory of Translational Action", versão essa que será consultada na redação da dissertação.

⁴ As traduções do alemão usadas neste trabalho são de Moreira (2014), em sua dissertação intitulada "Estudos Funcionais da Tradução: rupturas e continuidades", apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas da Universidade de São Paulo.

ideia de utilizar o espaço acadêmico para fins práticos e aqueles que rejeitavam o emprego de teorias no aprendizado do “traduzir”, o que levou à concepção de modelos que uniam teoria e prática na formação de novos tradutores (MOREIRA, 2014, p.146).

Dessa forma, em 1984, Katharina Reiss e Hans J. Vermeer publicaram *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* [Fundamentos de uma teoria geral de translação], obra que foi recebida pela comunidade acadêmica como um manifesto dos preceitos funcionalistas (SNELL-HORNBY, 2006), no qual os autores concebem bases teóricas próprias ao ensino e à prática de tradução.

A vinculação da teoria com a atividade prática, proposta por Reiss e Vermeer (1984), estaria na própria razão de ser de uma teoria, definida como "a interpretação e a vinculação de dados de observação" ⁵ (REISS; VERMEER, 1984, p. 7, tradução de MOREIRA, 2014, p. 149) obtidos por meio da atividade empírica. É baseando-se nesse raciocínio que os autores fornecem um espaço para que os Estudos da Tradução (al. Translationswissenschaft) pudessem não apenas investigar a problemática que permeia a atividade do tradutor, como também oferecer auxiliar a prática na resolução de problemas.

Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie (1984) divide-se em duas partes, sendo a primeira redigida por Vermeer e a segunda, por Reiss (MOREIRA, 2014, p. 148; REISS; VERMEER, 2013, p. 2). Juntos, explicam as bases teóricas da Teoria do Escopo (al. *Skopostheorie*), com o propósito de elaborar os fundamentos de uma teoria geral de tradução e apresentar soluções para casos em que o *skopos* requeira equivalência de funções entre os textos de partida e de chegada. Por isso, a teoria é aplicável a diversas áreas de investigação do fenômeno da tradução, independente do par de línguas e da cultura.

Reiss e Vermeer (1984) veem a tradução como fenômeno cultural e linguístico, agregando à sua proposta ideias advindas da Linguística e dos Estudos Culturais, além de incluir aspectos da Linguística Textual e da Hermenêutica, já que, para a proposta funcionalista, a cultura tem prevalência sobre a língua, que é a ela subordinada. A linguística aplicada integraria, assim, os estudos culturais (MOREIRA, 2014, p. 149).

⁵ Unter "Theorie" versteht man die Interpretation und Verknüpfung von "Beobachtungsdaten"

Ainda em sua proposta, Reiss e Vermeer (1984) apostam na redefinição terminológica, para transitar de uma definição que enfatiza o aspecto linguístico do processo para uma noção de "translação", que destaca o seu aspecto cultural. Sob essa perspectiva, a "translação" é a ação, o "translato" é o produto da translação e o "tradutor", o tradutor.

A translação, como afirma Vermeer (1984), é um tipo especial de ação, e difere das demais ações contempladas pela Teoria da Ação⁶, na medida em que começa com uma ação primária - o texto de partida -, à qual dá continuidade até chegar na recepção do texto final. Diferente das teorias pré-funcionalistas, na *Skopostheorie* (al. *Teoria do Skopos*), o princípio norteador é a função: "o dominante de toda a translação é seu objetivo"⁷ (REISS; VERMEER, 1984, p. 96, tradução de MOREIRA, 2014, p. 163). Nesse contexto, os termos *objetivo*, *função* e *skopos* (gr. objetivo, propósito) são empregados como sinônimos. O *skopos* atribuído ao translato, então, pode diferir de várias formas do *skopos* atribuído ao texto de partida, uma vez que contêm variações, principalmente, entre culturas e línguas de que tiveram origem.

Além de se agir para um determinado fim, age-se de acordo com uma situação dada, o que difere a teoria das anteriores, que davam pouco valor às condições situacionais individuais que envolvem o processo. De sua parte, Vermeer reafirma a absoluta relevância da situação no processo de significação do texto, afirmando:

Não é possível entender translação como transcodificação de um significado de um texto. Translação pressupõe a compreensão de um texto e, com isso, a interpretação do objeto "texto" numa situação. Desse modo, a translação não está ligada apenas ao significado, mas ao sentido intencionado, logo, ao sentido-do-texto-em-situação (REISS; VERMEER, 1984, p. 58, tradução de MOREIRA, 2014, p. 155).⁸

⁶ A Teoria da Ação preconiza que uma ação tem por objetivo alcançar uma meta e, com isso, a mudança de um determinado estado. A motivação para uma ação consiste no fato de que a meta almejada é estimada como superior ao estado atual, sendo a mudança, além de consequência, objetivo de translação. Essa "mudança", como aponta Moreira (2014, p. 163), não se refere a perdas e ganhos na translação, mas sim a uma nova oferta de informação do tradutor dirigida a um público específico.

⁷ "Die Dominante aller Translation ist deren Zweck"

⁸ Est ist nicht möglich, Translation als Transkodierung toute simple der/einer Bedeutung eines Textes zu verstehen. Translation setzt Verstehen eines Textes, damit Interpretation des Gegenstandes "Text" in einer Situation voraus. Damit ist Translation nicht nur an Bedeutung, sondern an Sinn/Gemeintes, also an Textsinn-in-Situation, gebunden.

Nesse contexto, compreende-se por *situação* o conjunto de "elementos culturais prévios, elementos atuais externos e condições internas e sociais dos parceiros de comunicação e de sua relação com o outro"⁹ (REISS; VERMEER, 1984, p. 18, tradução de MOREIRA, 2014, p.153).

A partir do que foi mencionado acima, Vermeer argumenta que um texto é assim descrito como produto de uma "interação ancorada em um tempo e em um espaço" (REISS; VERMEER, 2013, p.23, tradução nossa). Assim, a produção de um texto, enquanto ação, ocorre em uma determinada situação e é dela dependente, e a não observação do contexto situacional pode acarretar problemas de compreensão ou, até mesmo, de sanções sociais.

A regra fundamental da ação, na teoria dos autores, é formulada da seguinte forma: uma ação é determinada por seu objetivo (é a função de seu objetivo). *Função*, nesse caso, descreve a dependência regular entre duas forças - a ação e o objetivo. Visto que a translação é um processo em direção ao receptor, o objetivo é visto como fator decisivo na definição do *skopos* de uma translação, sendo descrito como uma variável dependente do receptor.

Como mencionado anteriormente, o *skopos* atribuído ao translato pode diferir do *skopos* atribuído ao texto de partida; por isso, Vermeer (1984, p. 103 apud MOREIRA, p. 164, 2014) elenca os três motivos principais dessa mudança:

- A translação é uma ação produtiva diferente da produção do texto de partida e pode servir a outros propósitos;
- Sendo a translação uma forma especial de oferta de informação, esta última é oferecida apenas quando se considera de interesse do receptor, e o interesse do receptor pode estar em outro *skopos*;
- Devido à estrutura diferente entre as culturas e as línguas de origem, a translação se caracteriza como uma transferência cultural; assim, para que o texto se aproxime o máximo possível do texto de partida, uma mudança de função é necessária.

⁹ Die "Situation" besteht kulturellen Vorgegebenheiten, aktuellen äußeren Gegebenheiten und inneren und sozialen Bedingungen der Kommunikationspartner und ihres Verhältnisses zueinander.

Além da definição do *skopos*, Vermeer afirma que o tradutor deve observar a relação existente entre o receptor e o texto: "uma mensagem pode ser considerada 'compreendida' quando é ou pode ser interpretada pelo receptor como suficientemente coerente em si e suficientemente coerente com a situação (de recepção)" (REISS;VERMEER, 1984, p. 123, tradução de MOREIRA, p. 164, 2014).¹⁰

Assim, Vermeer formula a regra da coerência:

Uma interação é bem-sucedida quando é interpretada pelo receptor como suficientemente coerente com a sua situação ou não resulta em protesto, não importa de que forma, contra a transmissão, língua ou contra seu sentido ("intencionado") (REISS;VERMEER, 1984, p. 123, tradução de MOREIRA, 2014, p. 165).¹¹

O referido sucesso da ação depende da ausência de protestos no tocante à: 1) transmissão da mensagem por meio de um suporte inadequado e ao tipo incorreto de veiculação ou 2) ao *skopos* ou mesmo à mensagem do texto. Ao se avaliar uma translação, cumpre avaliar primeiramente a coerência intratextual, depois a coerência com o texto de partida. Esta segunda avaliação não está descartada, pois, como observa Vermeer, a translação é, ao mesmo tempo, um fenômeno da cultura de partida e da cultura de chegada, visto que a translação tem seu início na cultura de partida e pode reagir de forma direta ou indireta sobre ela (REISS;VERMEER, 2013, p. 83, apud MOREIRA, 2014, p. 165).

É a partir das redefinições conceituais acima apresentadas que Vermeer dá uma nova significação ao clássico conceito de fidelidade. Na *Skopostheorie*, a fidelidade refere-se à coerência entre o translato e o texto de partida, ou seja, a coerência intratextual. A regra da fidelidade, então, estabelece-se assim:

¹⁰ Eine Nachricht gilt als "verstanden", wenn sie vom Rezipienten als in sich hinreichend kohärent und als hinreichend kohärent mit seiner (Rezipienten-) Situation interpretiert werden kann bzw wird.

¹¹ Geglückt ist eine Interaktion, wenn sie vom Rezipienten als hinreichend kohärent mit seiner Situation interpretiert wird und kein Protest, in welcher Form auch immer, zu Übermittlung, Sprache und deren Sinn ("Gemeinten") folgt.

"Uma translação visa à transferência coerente de um texto de partida. Nesse contexto, devem ser coerentes,¹² (1) a mensagem codificada pelo produtor do texto de partida, (2) a mensagem interpretada pelo tradutor enquanto receptor e (3) a mensagem decodificada pelo tradutor enquanto (re-) produtor (REISS; VERMEER, 1984, p. 114, apud MOREIRA, 2014, p.165)¹³

A proposta da translação, conforme a teoria de Vermeer, não é exclusivamente dar continuidade ao *skopos* do texto de partida, mas informar um receptor sobre um texto que representa uma ação em uma nova situação comunicativa.

Os princípios formulados nessa teoria geral da translação seriam válidos, a princípio, para qualquer concepção de translação em qualquer ambiente cultural. Assim, como afirma Moreira (2014, p.166), quando se define o *skopos* como o critério determinante no processo translacional, o foco deixa de ser no ambiente de retrospectação e passa a ser no de recepção. O questionamento principal nesse momento é relativo à forma de discutir a equivalência, uma vez que o texto de partida não é mais o critério que rege o processo de translação. Essa discussão é trazida por Reiss na segunda parte do livro, denominada "*Teorias específicas*".¹⁴

1.2 Equivalência vs Adequação

Na segunda parte da obra de 1984, Katharina Reiss busca complementar as discussões prévias de Vermeer através do seu modelo de tipologias textuais, que foi apresentado à comunidade acadêmica primeiramente em 1971, como uma teoria específica enquadrada em uma abordagem da *Skopostheorie*.

A autora inicia a segunda parte da obra *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie* afirmando que as considerações feitas anteriormente culminam em duas ideias: 1) a relação entre o texto de origem e o texto de chegada não é um mapeamento exato de elementos do texto, mas sim "um conjunto de valores X do texto de partida, representado por um

¹² Eine Translation strebt nach kohärentem Transfer eines Ausgangstexts

¹³ O restante da citação é em português, escrita por Moreira (2014)

¹⁴ Na tradução de Nord "*Specific theories*" p. 155

conjunto de valores Y na cultura de chegada"¹⁵ (REISS; VERMEER, 2013, p.156, tradução nossa); 2) o termo "valor" é usado na *ação translacional* para esclarecer que a teoria não se concentra nos fenômenos linguísticos, muito menos na linguística formal, mas sim, no processo de transferência cultural que inclui uma transferência linguística.

Por cada *translatum* (texto de chegada) ter seu próprio *skopos*, a *ação translacional* não se preocupa com a comparabilidade das línguas ou com o sacrifício de certos aspectos do texto de partida em favor de outros - indo em direção oposta ao ditado italiano "traduttore-traditore" que representava o tradutor como traidor e desvirtuador do 'original'. Ao invés disso, a autora se preocupa em descrever os percursos na tarefa dos tradutores, desde o texto de partida até sua chegada ao receptor.

De início, existe a figura do produtor do texto de partida, que oferece informações a um conjunto de receptores da sua própria língua e cultura, o que envolve as expectativas do produtor sobre os receptores e a situação envolvida. Mais adiante, se o texto vier a ser traduzido, o tradutor (tradutor) é o primeiro receptor do texto de partida e passa por uma fase parecida com a do produtor - o envolvimento de suas expectativas em relação aos receptores da tradução e a situação em que se encontram, levando em conta, também, os editores e do cliente (REISS; VERMEER, 2013, p.157).

Após conhecer todo esse trajeto, parece que as expectativas da cultura de chegada e, conseqüentemente, as informações oferecidas aos receptores serão diferentes daquelas relativas à original quanto a forma, conteúdo, quantidade, valores, etc., porque os receptores do texto de partida e de chegada não dividem a mesma cultura, a mesma língua e nem pertencem às mesmas comunidades interpretativas. Assim, não é possível que os tradutores mantenham a forma e a quantidade de palavras exatas do original, a não ser que o *skopos* da tradução seja a mera transcodificação de palavras. Pelo contrário, os profissionais de translação trabalharão da melhor forma possível, de acordo com as exigências do *skopos*, para oferecer o máximo de informação necessária em uma forma que considerem adequada, levando em conta as expectativas do receptor em relação ao translatado de um determinado texto de partida.

¹⁵ "a set X of source values has to be represented by a set Y of target values"

A partir desse raciocínio, Reiss observa que há uma completa imprecisão no conceito de equivalência, pois este tem sido definido das formas mais diversas por teorias sobre tradução: "Não é contestado aqui o fato de que com 'equivalência' se expressa na translatoologia uma relação entre (elementos de) um texto de partida e (elementos de) um texto de chegada; mas a natureza dessa relação continua difusa"¹⁶ (REISS;VERMEER, 1984, p.124, tradução de MOREIRA, 2014, p. 166). Após o exame de diversas definições de “equivalência”, ela conclui:

Como resultado dessa breve discussão, pode-se talvez constatar que todos os conceitos introduzidos pelos autores citados tem algo a ver com equivalência enquanto uma relação específica entre um texto de partida (ou elementos de um texto de partida) e um texto de chegada (ou elementos de um texto de chegada), mas ou esses conceitos são demasiado pouco diferenciados ou tocam apenas em aspectos parciais da equivalência textual (REISS;VERMEER, 1984, p. 127, tradução de Moreira, 2014, p.¹⁷

Para a autora, um conceito de equivalência deve-se pautar no fato de que os sistemas linguísticos e culturais são diferentes, tornando impraticável basear sua existência na igualdade de elementos que são, em sua maioria, heterogêneos. Buscando uma nova definição do conceito, Reiss afirma ser necessária a diferenciação entre "equivalência" e "adequação", justificando-a como resultado do fato de que traduzir, enquanto 'informação acerca de uma oferta de informação', tem como objetivo conceder apenas informações parciais sobre uma oferta de informação de uma língua de partida e, às vezes, só pode conceder informações parciais, como por exemplo em textos antigos, quando a informação "original" não pode ser mais deduzida em todas as suas dimensões (REISS;VERMEER, 1984, p. 133 apud MOREIRA, 2014, p.167).

A partir dessa diferenciação, Reiss; Vermeer (1984, p. 139) tradução de Moreira (2014, p. 167) trazem a definição dos dois termos:

¹⁶ "Daß mit Äquivalenz in der Translatologie eine Relation zwischen einem Ausgangstext (oder- textelement) und einem Zieltext (oder- textelement) gemeint ist, dürfte hier unbestritten sein; aber die Natur dieser Relation bleibt nach wie diffus"

¹⁷ Als Fazit dieser kurzen Diskussion darf wohl festgehalten werden, daß alle von den genannten Autoren aufgeführten Begriffe etwas mit Äquivalenz als einer spezifischen Relation zwischen einem Ausgangstext (bzw. -element) und einem Zieltext (bzw. -element) zu tun haben, aber entweder zu wenig differenziert sind oder nur Teilaspekte einer Textäquivalenz betreffen.

- Equivalência: designaria uma relação entre duas grandezas de igual valor, na mesma posição em um determinado campo e pertencentes à mesma categoria, ou seja, uma relação entre um texto de chegada e um texto de partida que preenche (ou pode preencher), em uma dada cultura, funções comunicativas iguais em níveis iguais;¹⁸
- Adequação: tradução de e/ou elementos de um texto de partida que designariam a relação entre texto de partida e texto de chegada, pautada na consideração coerente de um determinado *skopos*, que se persegue com o processo de translação.¹⁹

Assim, a diferença básica entre os dois conceitos seria de que a equivalência é um tipo especial de adequação, "mais especificamente a adequação estabelecida entre um texto de partida e um texto de chegada, mantida a função constante"²⁰ (REISS; VERMEER, 1984, p. 139, tradução de MOREIRA, 2014, p. 167)

Reiss pontua que adequação aos diferentes tipos de *skopos* demanda estratégias particulares, formulando, então, cinco estratégias tradutórias, cujas categorias estão dispostas em uma escala que se principia com a máxima preservação formal e termina com a liberdade criativa: 1) *Versão interlinear*²¹ (ou tradução palavra por palavra), que reproduz uma sequência linear de palavras, independente das regras da língua de chegada, muito usada em traduções bíblicas; 2) *Tradução literal*, muito utilizada no aprendizado de uma língua estrangeira, em um esquema "palavra por palavra"; mas observa a sintaxe da língua de chegada, embora sem contexto; 3) *Tradução filológica*: reflete a máxima de Schleiermacher - "fazer com que o leitor

¹⁸ Äquivalenz bezeichne eine Relation zwischen einem Ziel- und einem Ausgangstext, die in der jeweiligen Kultur auf ranggleicher Ebene die gleiche kommunikative Funktion erfüllen (können)

¹⁹ Adäquarheit bei der Übersetzung eines Ausgangstextes (bzw. -elements) bezeichne die Relation zwischen Ziel- und Ausgangstext bei konsequenter Beachtung eines Zwecks (Skopos), den man mit dem Translationsprozeß verfolgt

²⁰ Äquivalenz ist in unserer Definition Sondersorte von Adäquatheit, nämlich Adäquatheit bei Funktionskonstanz zwischen Ausgangs- und Zieltext.

²¹ As traduções dos nomes em alemão das estratégias são de Moreira (2014)

vá ao encontro do escritor" -, produzindo uma tradução majoritariamente estrangeirizadora; 4) *Tradução comunicativa*: o translato passa a ser entendido como se tivesse sido produzido na cultura de chegada, mantendo a mesma função, mas se utilizando de jargões e estruturas características da cultura de chegada; 5) *Tradução criativa ou 'linguocriacional'*: é uma estratégia à parte, em que são criados novos conceitos, imagens ou objetos, já que não são presentes da cultura de chegada (MOREIRA, 2014, p. 167 e 168). É relevante ressaltar, como afirma Moreira (2014), que Reiss aborda o caso específico da tradução, em oposição ao que é feito por Vermeer, cujas considerações são supostamente válidas também para a interpretação. Embora todos os casos citados acima sejam motivados por uma adequação ao *skopos*, Reiss explica apenas como as traduções comunicativas constroem equivalência no nível textual.

Mesmo considerando que a equivalência se construa no nível de texto, outros fatores influenciam na equivalência textual, como o produtor, o receptor, o texto, o tipo textual, o contexto sociocultural e a cultura, que estão relacionados entre si, culminando na produção do texto. Por esse motivo, Reiss pontua que em quase nenhum caso de tradução a mera transcodificação dos signos linguísticos é suficiente, afirmando que o desejado é reorganizar as relações semântica e formal dos signos, de acordo com a função conferida ao texto. Dessa forma, Reiss diz que a equivalência não pode se manifestar em todas as esferas do texto e, por isso, há a necessidade de uma hierarquização que estabeleça as propriedades textuais sobre as quais ela deve incidir. Para tanto, a autora desenvolveu uma tipologia textual voltada à tradução, baseando-se nas funções da linguagem descritas por Bühler (1934) apud Moreira 2014, p. 169. Sua tipologia é composta por três tipos de texto:

1. *tipo informativo*: o objetivo é transmitir equivalência no conteúdo semântico [...] ²²
2. *tipo expressivo*: o objetivo é a equivalência no nível da organização artística do conteúdo ²³

²² If an author wants the information offer to convey content [...].

²³ If an author wants the information offer to convey artistically organized criteria [...].

3. *tipo operativo*: o objetivo é a equivalência orientada a manter o conteúdo linguístico e textual persuasivo [...] ²⁴ (REISS; VERMEER, 2013, p. 255, tradução nossa)

Em outras palavras, os três tipos textuais estão organizados em diferentes padrões de equivalência: o tipo informativo em nível de conteúdo, o tipo expressivo a nível de forma estética e o tipo operativo em nível de conteúdo e forma de persuasão.

Quadro 1- Organização hierárquica do padrão de equivalência

	Informativo	Expressivo	Operativo
Configuração persuasiva			X
Organização estética		X	
Conteúdo	X	X	X

Fonte: REISS; VERMEER, 2013, p. 256, tradução nossa

Os tipos textuais da autora prestam-se a diferenciar, de forma rudimentar e abstrata, o comportamento geral de textos antes mesmo do processo tradutório. Essa classificação não está voltada apenas ao translato, mas também ao texto de partida, a fim de se obter clareza sobre o status desse texto em sua respectiva situação. Sua tipologia, no entanto, não tem caráter absoluto, posto que nenhum dos textos é puramente informativo, expressivo ou operativo (MOREIRA, 2014, p. 170).

Para exemplificar a classificação exposta acima e demonstrar que ela não é absoluta, organizamos, em uma tabela, os exemplos mencionados nos escritos da teorizadora.

²⁴ If an author wants the information offer to convey persuasively organized content in order to encourage the recipient to act in accordance with the intention of the text sender (or commissioner) [...].

Quadro 2- Exemplos de aplicação dos tipos textuais

	Informativo	Expressivo	Operativo
Poema		X	
Manual de instruções	X		
Panfleto de publicidade			X
Romance satírico		X	X

Fonte: REISS; VERMEER, 2013, p. 256, tradução nossa

A classificação de textos em tipologias textuais compreende um procedimento de análise do texto de partida, capaz de indicar quais elementos devem ser preservados e, sobretudo, a função desse texto. O texto apresenta comumente alguns sinais indicativos do tipo textual em que pode ser classificado, como por exemplo o título e a designação de gêneros textuais.

Mesmo tendo concebido uma tipologia textual, Reiss não oferece um método analítico próprio de classificação, deixando ao tradutor e à sua competência tradutória a decisão acerca de quais elementos são mais relevantes funcionalmente, quais devem ser reproduzidos de forma equivalente e quais compensações podem ser feitas.

Definir a equivalência segundo a correspondência de funções, segundo Reiss, torna o conceito mais dinâmico, na medida em que demanda uma reordenação da relevância de cada um dos fatores que influenciam, de forma particular, cada processo tradutório. Por fim, como afirma Moreira (2014, p. 171), mesmo trazendo de volta a discussão sobre equivalência, Reiss demonstra uma forma mais dinâmica no tocante ao assunto, propondo uma contraposição diante do imobilismo e da imprecisão do conceito nas teorias pré-funcionalistas.

1.3 Os aspectos culturais na teoria funcionalista

Devido à sua condição biológico-fisiológica, o ser humano, segundo Reiss; Vermeer (1984), não é capaz de perceber a realidade objetiva em toda sua complexidade, mas apenas em

suas manifestações. Por conseguinte, a percepção humana do mundo e a sua representação da realidade são condicionadas a valores compartilhados por indivíduos no interior de uma mesma cultura e a fatores situacionais, os quais incluem atributos do próprio indivíduo.

Assim, o texto, enquanto representação de mundo de um indivíduo, carrega em si valores determinados culturalmente. De acordo com Snell-Hornby (2006, p. 55), o conceito de cultura como visto por Vermeer baseia-se, primeiramente, em Göhring, que afirma que:

"Cultura é tudo aquilo que se precisa saber, dominar e sentir, a fim de poder avaliar em que medida os membros de uma sociedade, em seus diferentes papéis, comportam-se conforme as expectativas ou contrariamente a elas, e para poder comportar-se conforme às expectativas ou contrariamente a elas, caso se queira isso e não se esteja preparado para enfrentar as consequências vindas de um comportamento adverso às expectativas. [...]"²⁵ (GÖHRING, 1977, p.108 apud SNELL-HORNBY, 2006, p. 55)

Esse conceito de cultura como a totalidade de conhecimento, proficiência e percepção das normas e convenções é a base para a abordagem funcionalista da tradução como uma forma especial de comunicação e de interação social, em contraste com as noções de transcodificação, que não contemplaria todos os casos de tradução:

Foram evidenciados casos em que a translação não representa a continuação de uma comunicação com outro código, mas uma nova comunicação sobre a uma comunicação anterior. Nesses casos, o termo 'informação' englobou as funções da segunda comunicação[...]. A segunda comunicação 'informa' acerca de fenômenos da primeira, p. ex. o seu sentido ou o seu efeito. Pode-se também informar acerca da forma da primeira comunicação (REISS;VERMEER, 1984, p. 66, tradução de Moreira, 2014, p. 159).²⁶

²⁵ Culture consists of everything one needs to know, master and feel, in order to assess where members of a society are behaving acceptably or deviantly in their various roles, and in order to behave in a way that is acceptable or deviant for that society, as far as one wishes to do so and is not prepared to take the consequences arising from deviant conduct.

²⁶ Es zeigten sich Fälle, in denen die Translation keine Fortsetzung einer Kommunikation mit anderem Kode, sondern eine neue Kommunikation über eine vorausgehende darstellt. In diesen Fällen deckte der Terminus "Information" die Funktionen der zweiten Kommunikation ab [...]. Die zweite Kommunikation "informiert" über Phänomene der ersten, z. B. deren Sinn oder Wirkung. Es läßt sich auch über die Form der ersten Kommunikation informieren.

Da mesma maneira, a interpretação que um receptor faz de um texto também é influenciada por valores próprios, às vezes diferentes dos que estão subordinados a sua produção. Assim, a translação, enquanto transferência cultural, fatalmente implica mudança de valores, ficando evidente que, além de ser uma consequência, a mudança é também um objetivo da translação.

Nesse ponto, como destaca Moreira (2014, p. 163), é preciso entender que a “mudança” não acarreta perdas e ganhos, já que um texto de partida consiste em uma oferta de informação de um produtor, dirigida a um público específico, e o tradutor, enquanto produtor, também destina uma oferta de informação a um público, que difere do público receptor do texto de partida. Isso, naturalmente, afeta a informação ofertada pela translação:

Está claro que essas expectativas e, com isso, a informação a elas destinada, deverão ser diferentes em forma, conteúdo, volume, valores etc., que do caso primeira oferta, visto que os receptores do texto de chegada e do texto de partida pertencem a comunidades culturais e linguísticas diferentes e culturas e línguas constroem estruturas individuais. O importante aqui é que se trata de informação(oes) outra (s) daquelas do texto de partida²⁷ (REISS;VERMEER, 1984, p. 123, tradução de MOREIRA, 2014, p. 163)

Como resume Snell-Hornby (2006), a ação translatória envolve diversos profissionais e procedimentos, a partir do momento em que o contratante entrega o texto de partida e apresentando as informações sobre o propósito da translação e o que deve constar no texto de chegada. O processo se inicia com a análise textual e com a observação das informações adequadas às normas e legislações da cultura de chegada, incluindo os conhecimentos dos tradutores e de outros especialistas e fazendo as modificações necessárias até se chegar à redação final que é apresentada ao cliente.

Nesse processo complexo, Vermeer expõe a necessidade de levarmos em consideração a situação de recepção, visto que os leitores têm uma visão de mundo coletiva, que depende das disposições biológicas e fisiológicas, mas têm também uma visão particular aprendida na

²⁷ Es ist klar, daß diese Erwartungen und damit die Information für sie in Form, Inhalt, Menge, Werten usw. andere sein müssen als im Fall des Erstangebots, denn Ziel- und Ausgangstextrezipienten gehören zu verschiedenen Kultur- und Sprachgemeinschaften, und Kulturen und Sprachen bilden je individuelle Gefüge [...]. Wichtig ist hier, daß es sich um andere information(en) handelt als beim Ausgangstext.

comunidade em que o receptor cresceu e habita. Então, ao abordar os aspectos culturais envolvidos na translação e em suas refrações, Vermeer (REISS; VERMEER, 2013, p. 31-32, tradução nossa) divide-as em cinco categorias:

1. Convenções culturais específicas: São as convenções que estão presentes como parte da tradição, construídas através do processo de socialização e de organização em comunidades culturais. Desse modo, originam-se as chamadas "comunidades de comunicação"²⁸, que têm ideias semelhantes ou expressam-se de maneira particular (exemplo: a ideia de que os italianos são bem barulhentos; acreditar na existência da vida eterna);

2. Atitude individual: São as ideias ou convenções sociais que podem ser anuladas, corrigidas ou confirmadas, temporária ou permanentemente, por visões individuais baseadas em situações específicas. Esse princípio aplica-se também às convenções linguísticas (exemplo: “Conheço três italianos bem barulhentos”);

3. Diferentes realidades: São as crenças que algumas culturas ou indivíduos têm na existência de um mundo além do que é considerado o mundo real (exemplo: o mundo dos contos de fadas) e que as fronteiras entre esses mundos podem ser desenhadas de acordo com crenças culturais ou individuais (exemplo: “Anjos existem?”);

4. Tradições cristalizadas: São as visões culturais e individuais sobre como o mundo é, cristalizadas na língua como meio de comunicação e pensamento. Algumas expressões convencionais continuam a ser usadas, embora não correspondam ao que sabemos agora sobre o mundo (exemplo: autocídio oposto a suicídio);

²⁸ As comunidades interpretativas de Fisher (1980)

5. Sistema de valores: São os valores atribuídos aos objetos e fenômenos que variam de cultura para cultura e de indivíduo para indivíduo.

Observamos então que os problemas de tradução são muitas vezes tão biculturais como bilíngues. Como afirma Eykman (1977, p. 35-42) apud REISS; VERMEER (2013), podem ser feitas "modificações" (*al. Abwandlungen*) sem que o *skopos* seja modificado, levando em consideração que: "1) sob certas condições, modificações são legítimas e 2) as condições são definidas por normas culturais, mas para serem consideradas adequadas, as modificações devem ter o mesmo grau de convencionalidade que a imagem ou palavra modificada"²⁹ (REISS; VERMEER, 2013, p. 125, tradução nossa).

1.4 Desdobramentos da teoria funcionalista: transferência cultural e textos especializados

A ideia de "transferência cultural" se estabeleceu desde a mudança de paradigma nos Estudos da Tradução - que ficou conhecida como "virada cultural"-, a qual passou de uma visão de tradução centrada na língua para uma visão que concebe a cultura como um fenômeno abrangente, que abarca as manifestações de uma coletividade em um espaço-tempo específico e estabelece uma relação de condicionantes recíprocas entre linguagem e cultura, além de incluir os elementos constitutivos da comunicação em uma dada situação: emissor, receptor, meio, entre outros (AZENHA JUNIOR, 2010, p. 38).

A inclusão dos textos especializados nas discussões sobre "transferência cultural" não é apenas decorrência natural da evolução dos Estudos da Tradução, mas uma reivindicação pertinente, se levarmos em consideração, como pontua Azenha Junior (2010, p. 39), os diversos acontecimentos históricos no Século XX, como as duas grandes guerras, a fundação de

²⁹ (1) under certain conditions, modifications are legitimate, and (2) the conditions are defined by culture-specific norms, that in order to be considered adequate, modifications should have the same degree of conventionality as the modified image or word.

organizações internacionais, o aumento na circulação de pessoas e o intercâmbio de informações veiculadas no ambiente de espaços interculturais nas áreas da ciência, da tecnologia e do comércio. Tais fatos geraram um aumento considerável no volume de traduções especializadas - superando, em larga escala, o volume de traduções literárias -, o que levou esse tipo de tradução para debates a fim de refletir, de maneira mais sistematizada, sobre a tradução de linguagens de especialidade associadas ao conceito de transferência cultural, seja pela sua importância mesma para o desenvolvimento de setores fundamentais da existência humana, seja por força de situações de desconforto, por falhas na comunicação e por mal entendidos, muitas vezes de consequências imprevisíveis.

Dessa forma, a partir da década de 1980, Snell-Hornby propõe a “nova orientação” (al. *Neuorientierung*) dos Estudos da Tradução, cujo objetivo era fundar uma “visão integrada”, na esteira das tentativas de estabelecimento dos contornos para os Estudos da Tradução como campo disciplinar³⁰. Do ponto de vista teórico, essas tentativas tinham o objetivo de alinhar os Estudos da Tradução com as novas abordagens dos Estudos Linguísticos e, do ponto de vista da prática, de constatar que os textos especializados, longe de constituírem uma categoria à parte, definida a partir de elementos textuais específicos, eram fenômenos basicamente híbridos e resistentes a sistemas de categorizações tipológicas tradicionais.

Azenha Junior (2010, p. 47) esclarece que, a partir do momento em que a língua passou a ser vista como "um sistema ancorado culturalmente e constituído por vários subsistemas (as linguagens de especialidade sendo um deles), as pesquisas se voltaram à noção mesma do texto especializado, constatando, na prática de sua tradução, que os desajustes e incongruências para além do léxico faziam parte do trabalho com o texto, assim como em outras modalidades de tradução.

Mais adiante no século XXI, os Estudos da Tradução foram fazendo parcerias com outras áreas de pesquisa que pudessem auxiliar no processo de tradução e no estudo da Terminologia e da Linguística de corpus, o que impôs ao tradutor e ao pesquisador, como ressalta Azenha Junior (2010, p. 51), um exercício de delimitação da tarefa, estabelecendo uma sequência de

³⁰ Sobre os reflexos dessa mudança de paradigma para os Estudos da Tradução técnica no Brasil cf. Azenha Junior (1999), Aubert (2001), Bessa (2003) e Barbosa (2004), entre outros.

procedimentos, organizando-os por ordem de importância para garantir a acuidade do resultado e a adequação aos propósitos específicos da tarefa de traduzir, pedindo auxílio a outros profissionais dessas diferentes áreas para a solução das dificuldades com que os tradutores se deparam ao exercer sua função.

1.4.1 Condicionantes vs marcadores culturais

Como mencionado no tópico anterior, é a partir da noção de "transferência cultural", trazida pela "virada cultural", que se destaca a importância das condicionantes e dos marcadores culturais na tradução de textos especializados. Importante se faz, então, a definição de ambas, para a consecução dos objetivos a que nos propomos na presente pesquisa.

Para Azenha Junior (1999), as condicionantes culturais definem-se como “instâncias geradoras de variáveis capazes de influenciar o resultado final” (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 22), como, por exemplo, a trajetória pessoal e a formação do profissional de tradução, o intermédio feito por agentes e editoras, a situação de recepção do texto pelo tradutor e de produção da tradução, além das condições de recepção do texto de chegada pelos próprios destinatários. Para o autor, todas essas variáveis, além de muitas outras, estão ligadas a uma realidade histórico-cultural e são condicionadas por normas sociais e linguísticas, sujeitas a constantes alterações nas diferentes comunidades, em diferentes tempos.

Com o objetivo de definir marcadores culturais, buscamos apoio teórico em Aubert (1981; 2006), que propõe uma reformulação dos domínios culturais de Nida (1945). Portanto, por marcadores culturais entendemos:

vocábulos ou expressões que representam elementos inseridos em determinada cultura e que revelam realidades específicas do ponto de vista ecológico, material, social e ideológico. Tais peculiaridades socioculturais variam de povo para povo, de país para país ou de região para região. (AUBERT, 1981, p. 2)

Nida (1945) propõe uma divisão que compreende cinco domínios culturais, a saber: ecológico, material, social, religioso e linguístico. O autor afirma que toda obra traz marcas da cultura de partida e que a tradução deve apresentar tais marcas culturais para outras comunidades. Para o autor, as diferenças culturais trazem problemas de equivalência relacionados à ecologia, à cultura material, à cultura social, à cultura religiosa e à cultura linguística.

Na reformulação desses domínios culturais, Aubert (1981) opta por excluir o domínio linguístico, pois seu objetivo é investigar problemas de tradução “referentes a realidades externas à língua que não encontram equivalentes na cultura, experiência de vida e, por conseguinte, na própria língua de chegada” (AUBERT 1981, p. 38). Desse modo, passa a considerar quatro domínios:

1. **Domínio ecológico:** “vocábulos designando seres, objetos e eventos da natureza, em estado natural ou aproveitados pelo homem, desde que o conteúdo intrínseco do vocábulo não implique em que seja um ser, objeto ou evento que tenha sofrido alteração pela ação voluntária do homem” (AUBERT, 1981, p. 40). Como exemplo: “mandioca”, “capinzal” e “curimã”;
2. **Domínio da cultura material:** “vocábulos designando objetos criados ou transformados pela mão do homem, ou atividades humanas” (AUBERT, 1981, p. 40). Podemos citar como exemplo: “cachaça”, “estilingue” e “feijoadá”;
3. **Domínio da cultura social:** “vocábulos que designam o próprio homem, suas classes, funções sociais e profissionais, origens, relações hierárquicas, bem como as atividades e eventos que estabelecem, mantêm ou transformam estas relações, inclusive atividades linguísticas” (AUBERT, 1981, p. 40). Podemos citar como exemplos: “favela”, “mulato” e “cabra safado”;

4. **Domínio da cultura ideológica:** vocábulos que designam crenças, sistemas mitológicos e as entidades espirituais que fazem parte desses sistemas, bem como as atividades e eventos gerados por tais entidades (AUBERT, 1981, p. 40). Podemos citar como exemplos: “macumba”, “pai de santo” e “crente”.

A respeito do quarto domínio, Aubert segue as ponderações de Mounin (1963), englobando a cultura religiosa proposta por Nida (1945) em um domínio mais extenso, o ideológico, pois compreende ideologia como “o conjunto de todas as ideias que os homens de um determinado mundo se fazem desse mundo” (AUBERT, 1981, p. 38).

As divisões explicitadas até o momento nos levam a entender a marca cultural como uma marca de alteridade que, então, é dependente do olhar do observador que tem referências intralinguísticas, intertextuais e extralinguísticas que variam em função do espaço de recepção linguístico-cultural.

As referências intralinguísticas são as marcas relacionadas à gramaticalidade ou especificidades linguísticas de determinados gêneros textuais, como o jurídico ou o de cartas comerciais. As referências intertextuais são representadas por um conjunto de marcadores culturais específicos, mas que, diferentemente das referências intralinguísticas, não se ancoram na estrutura léxico-gramatical - isto é, não constituem fenômeno cristalizado no código linguístico, localizando-se, antes, no acervo dos dizeres, das falas, dos discursos que, por qualquer motivo, incluem-se no repertório do grupo sociolinguístico relevante. Por fim, a referência extralinguística “concerne tão somente aos termos, vocábulos e expressões em que o significado designa um referente não linguístico” (AUBERT, 2006, p.31); ou seja, o que revela a diferenciação não se relaciona à forma como está expressa na língua, mas, sim, ao referente que não é compartilhado pela cultura de chegada.

Trata-se de perceber o marcador cultural não como um fato de dicionário, mas como um fato de discurso e, por isso, a análise se dá sobre termos e fases atualizados em contexto. Aubert (2006) afirma que a marca cultural vincula-se à linguística externa e à situação discursiva,

constituindo não um fenômeno da língua (*langue*), mas da fala (*parole*) - e não de qualquer situação de fala, somente daquela que compreende um elemento de contraste ou diferenciação:

o marcador cultural não é perceptível na expressão linguística tomada em isolamento, nem se encontra confinado dentro do seu universo discursivo original. O marcador cultural somente se torna visível (e, portanto, se atualiza) se esse discurso original (a) incorporar em si uma diferenciação ou (b) for colocado em uma situação que faça sobressair a diferenciação (AUBERT, 2006, p. 33).

Configura-se assim, pela grande subjetividade, mais um desafio para a identificação sistemática de todos os marcadores culturais para o qual, como estratégia para uma identificação mais precisa, Aubert (2006) recomenda o cotejo entre o original e a tradução. Mas, além disso, essa subjetividade interfere também na estratégia adotada durante o processo tradutório, bem como na possibilidade da não identificação da presença dessa marca cultural pelo tradutor.

Com efeito, é possível questionar se o pesquisador tem como identificar sistematicamente todos os marcadores culturais. Por mais consciente que o pesquisador seja em relação às questões culturais, e ainda que seja dotado de um bilinguismo e de um biculturalismo razoavelmente avançados, é quase inevitável que, no cotejo original/tradução, venha a identificar com maior clareza aqueles marcadores culturais que se sobressaem na ótica de sua cultura dominante. Assim, a percepção desses marcadores culturais será feita, sem dúvida, na ótica da diferenciação, mas, muito possivelmente, pela marcação dos termos que para o pesquisador surgem como diferenciados, por tal pesquisador pertencer a outra subcomunidade linguística (AUBERT, 2006, p.34).

2 TRADUÇÃO DO TEXTO ESPECIALIZADO: CONCEITO E CONTEXTO

O segundo capítulo da dissertação apresenta as definições sobre a tradução do texto especializado e seu contexto atual. Inicia-se com a apresentação da problemática acerca do termo mais apropriado para nomear a tradução de manuais de usuários (*2.1 A problemática da nomenclatura*). Discutem-se, então, as possíveis nomenclaturas para a tradução de manuais de usuários, e apresentam-se, brevemente, as justificativas dos autores pertinentes sobre cada nomenclatura e as considerações em relação às escolhas feitas especificamente para a presente dissertação (*seção 2.2 Tradução técnica e/ou tradução técnico-científica*, *seção 2.3 Tradução não literária*, *seção 2.4 Tradução especializada* e *2.5 Considerações sobre as escolhas feitas nesse trabalho*). No tópico seguinte (*seção 2.6 Contexto da tradução especializada: um breve histórico*), usamos a base de pesquisa trazida por Aixelá (2016) para comparar as semelhanças e diferenças do crescimento e do desenvolvimento desse tipo de tradução no mercado e dentro da academia. No tópico final (*seção 2.7 Contexto da tradução especializada no Brasil entre 2010 e 2017*), fornecemos dados quantitativos das pesquisas publicadas em 5 periódicos brasileiros Qualis A1 e B2, com o objetivo de fornecer um contexto para as discussões que se seguem no presente trabalho.

2.1 A problemática da nomenclatura

Muitos termos são utilizados para caracterizar a tradução especializada. Na bibliografia da área, os autores dividem-se: alguns fazem o uso intercambiável de *tradução técnica* e *tradução especializada*, como Wright e Wright Jr. (1993); Rogers (2015) faz o uso exclusivo de *tradução especializada*; outros fazem o uso exclusivo de *tradução técnica*, como Azenha Junior (1992; 1994; 1996) e Byrne (2006); Bednárová-Gibová (2012), por sua vez, admite *tradução não-literária* como o único termo que se encaixaria nas características dos textos especializados.

Ao realizar um trabalho sobre aspectos específicos da tradução de manuais de eletrodomésticos, é necessário definirmos como entender e nomear esse tipo de tradução para,

primeiro, termos um ponto de partida fixo para a pesquisa e, segundo, contribuímos de alguma forma para a discussão das possíveis nomenclaturas a serem utilizadas.

Para tanto, realizamos um levantamento dos títulos de artigos, livros e pesquisas acadêmicas que contivessem as expressões "tradução não-literária", "tradução técnica", "tradução técnico-científica" e "tradução especializada", publicados entre 1950 e 2017, e referenciados no banco de dados online BITRA (Bibliografia de Interpretação e Tradução).³¹

Quadro 3- Banco de dados online BITRA

The screenshot shows the BITRA search interface. At the top, it says 'DEPARTAMENTO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO' and 'BITRA. BIBLIOGRAFIA DE INTERPRETAÇÃO E TRADUÇÃO'. Below this, it states 'Mais de 73000 entradas'. There is a section for 'Campos de consulta' with dropdown menus for 'Todos os campos', 'Tema', 'Autor', 'Ano', 'Título', and 'Idioma'. Each dropdown has a small 'E' button next to it. There is also a 'Palavras-Chave' field and a 'Buscar' button. Below the search fields, there is a row of flags representing various languages. At the bottom, there is a footer with '2001 - Universidade de Alicante DOI: 10.14198/bitra', 'Comentários ou sugestões', and 'Versão portuguesa de Oscar Díaz Fouces'. There are also logos for 'EST', 'GOBIERNO DE ESPAÑA', 'IUTTB', and 'AITEIA'.

Fonte: https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=pt

A escolha dos termos pesquisados foi motivada pela leitura - feita ao longo da nossa jornada acadêmica - de artigos e livros dentro da temática dos Estudos da Tradução, os quais se referem à tradução de manuais de usuários, manuais técnicos, artigos científicos, resumos e textos jornalísticos e publicitários. Abaixo, segue uma tabela com o número de ocorrências para cada nomenclatura:

³¹ BITRA é um banco de dados criado em 2001 e mantido pela Universidade de Alicante (Espanha) sob coordenação do teórico de tradução Javier Franco Aixelá, que inclui mais de 73.000 entradas, entre elas, mais de 9.000 livros, 27.000 capítulos de livros, 32.000 artigos de periódicos, 3.000 teses de doutorado, 200 revistas, além de mais de 37.000 resumos, compondo uma base de dados bibliográfica sobre tradução e interpretação. Existem versões em 15 idiomas: árabe, basco, catalão, chinês, holandês, inglês, francês, galego, alemão, italiano, japonês, coreano, português, romeno e espanhol.

Quadro 4: Nomenclatura para a tradução do texto especializado no BITRA

Nomenclaturas	Ocorrências
tradução não-literária	34
tradução técnica	217
tradução técnico-científica	179
tradução especializada	53

Fonte: BITRA, 2018

Abaixo uma tabela expondo o número de ocorrências dos termos acima pesquisados divididos em décadas, a partir do ano de 1950 até o ano de 2017.

Quadro 5: Número de ocorrências de cada termo por década desde 1950 até 2017

Fonte: BITRA, 2018

O termo mais recorrente foi *tradução técnica*, com 217 ocorrências, seguido por *tradução técnico-científica*, com 179 ocorrências. Na divisão por décadas, *tradução técnica* foi

predominante nas décadas de 1960, 1980, 1990 e 2000, enquanto *tradução técnico-científica* foi mais frequente nas décadas de 1950, 1970 e 2010. As duas nomenclaturas praticamente se revezam na primeira posição, e pouco se distanciam no número de ocorrências gerais.

As reflexões desenvolvidas a seguir têm por fio condutor os números apresentados acima, como forma de nos auxiliar a refletir criticamente sobre o termo mais apropriado para descrever a tradução de manuais de eletrodomésticos e, ao mesmo tempo, encontrar as origens de cada nomenclatura e esclarecer o contexto de uso de cada termo.

2.2 Tradução técnica e/ou tradução técnico-científica

As chamadas *tradução técnica* e *tradução técnico-científica* remontam à década de 1930 (Zavaglia et al., 2011), quando Eugen Wüster, engenheiro austríaco, publicou na Universidade Técnica de Stuttgart, na Alemanha, sua tese de doutorado - intitulada *Internationale Sprachnormung in der Technik* -, que tratava da normalização da linguagem técnica. Assim, inaugurou-se a Teoria Geral da Terminologia (TGT), concebida como disciplina autônoma e definida como um campo próprio de relação entre as ciências das coisas e outras disciplinas, como a linguística, a lógica, a ontologia e a informática (ALMEIDA, 2003, p. 213).

Em 1931, com o livro *Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektronik*, Wüster propôs a elaboração de princípios terminológicos (Barros, 2004, p. 53), o que suscitou maior interesse pela Terminologia nos domínios especializados e levou à criação do Comitê Técnico 37 “Terminologia” (TC37) da ISA (*International Federation of the National Standardizing Associations*) da Federação Internacional das Associações Nacionais de Normalizadores, a precursora da atual ISO (*International Organization for Standardization*) (BARROS, 2004, p.84).

Com o avanço da padronização terminológica, as traduções passaram a ter uma "terminologia técnica", o que deu origem aos termos *tradução técnica* e *tradução técnico-científica* (BARROS, 2004, p.84). Para Byrne (2006, p.8), defensora da nomenclatura *tradução*

científica, a expressão *tradução técnico-científica* é um termo genérico para caracterizar as traduções de textos que aplicam conceitos científicos no ramo da tecnologia.

A diferenciação entre *tradução técnica* e *tradução científica* é ressaltada pela autora: "Enquanto a *tradução técnica* tem suas raízes na indústria e na tecnologia, a *tradução científica* tem suas origens no ambiente acadêmico" (Byrne, 2006, p.8, grifo nosso). A base para tal afirmação estaria na análise do próprio nome de cada categoria, sendo a tradução científica relacionada à Ciência, que pesquisa e aplica o método científico para obter seus resultados, enquanto a tradução técnica se liga à aplicação do conhecimento científico no uso prático da indústria. Embora em ambos os casos haja a presença da terminologia especializada, eles se diferenciam pelos seguintes itens: i) assunto, ii) tipo de linguagem e iii) propósito.

A autora exemplifica:

Podemos traduzir um artigo científico que discorre sobre o conceito de força eletromotriz e os efeitos das correntes passadas por condutores, com fórmulas, hipóteses, discussões e cálculos ou podemos traduzir um guia de instalação de um motor elétrico. Ambos os textos são baseados no fato de que passar uma corrente elétrica exerce uma força que atua em um ângulo reto (ou de forma perpendicular) ao fio. (BYRNE, 2006, p. 8, tradução nossa)³²

A diferença entre as duas traduções é, desse modo, a forma como o conhecimento é apresentado, além da linguagem utilizada. Em um artigo científico sobre força eletromotriz, o objetivo é discutir, explicar e justificar, o que exige do tradutor o uso de toda a extensão do idioma de chegada, dentro de convenções e de normas específicas, para apresentar a informação. Por outro lado, um manual de instalação, escrito para ajudar alguém a realizar uma tarefa, tem por objetivo transmitir a informação que um engenheiro ou técnico precisa para instalar ou montar um motor. Nesse caso, então, o tradutor usará uma linguagem simples, concisa e sem ambiguidades, contando com seu conhecimento de mundo para encontrar as melhores soluções tradutórias para alcançar a função pretendida (BYRNE, 2006, p. 9).

³² So we can, for example, translate a scientific paper which deals with the concept of electromotive force and the effects of currents passed through conductors, complete with formulae, hypotheses, discussions and calculations or we can translate an installation guide for an electrical motor. Both texts are based on the fact that if you pass an electrical current through a piece of wire, a magnetic field is created which exerts a force acting at right angles to the wire.

Diante das definições de *tradução técnica* e *tradução técnico-científica*, percebe-se que ambos os termos costumam ser utilizados de maneira generalizada, quando, na verdade, descrevem tipos de tradução bem específicos - e não qualquer tradução que não esteja relacionada à literatura. Ao buscar pelas palavras-chave *tradução técnica* e *tradução técnico-científica* no BITRA, por exemplo, observamos que poucos trabalhos relacionados à tradução técnica referem-se a textos que envolvam tecnologia. Isso é percebido no artigo de Eres Fernández (2009), intitulado "La traducción de textos técnicos español/portugués: interferencias e (ir)responsabilidades", em que o autor usa como corpus traduções impressas nas embalagens de produtos vendidos nos supermercados de vários países da América do Sul - ou seja, a coleção de textos não se relaciona com tecnologia.

2.3 Tradução não-literária

A classificação binária entre tradução literária e não-literária é discutida por Rogers (2015) na obra *Specialised Translation: Shedding the 'Non-Literary' Tag*. O trabalho da autora consiste em expor a problemática do uso de termos muito restritos e com uma alta carga de significado para classificar certos tipos de tradução, além de revisitar a nomenclatura "literária" *versus* "técnica."

A discussão inicial da obra se propõe a analisar as implicações de se chamar de "não-literária" a tradução de textos especializados, designação que proveio, segundo a autora, da "preferência pela tradução literária na área de Estudos da Tradução" (ROGERS, 2015, p.5) o que se refletiria negativamente no termo "não-literária", ou seja, uma seria a negação da outra.

Para os teóricos que se utilizam dessa nomenclatura, como Bednárová-Gibová (2012), a tradução não-literária compreende as traduções de textos administrativos e jurídicos, documentos ou declarações, bem como textos das áreas de economia e negócios ou de caráter instrucional e publicitário. O estilo dessas traduções deve ser preciso e sem ambiguidade; por isso sua essência seria uma "operação estilística baseada na transferência de informações estéticas e pragmáticas" (Bednárová-Gibová, K., 2012, p.18).

Bednárová-Gibová (2012) considera as categorias não-literária e literária como opostas. Para ela, os textos literários possuem uma representação de cultura mais acentuada, enquanto o texto não-literário seria marcado pelo acentuado respeito ao original, tendendo a ser "mais complexo, mais estranho e mais detalhado" (Bednárová-Gibová, K., 2012, p.19)

A diferença substancial apontada entre os dois é que:

enquanto o texto não-literário diz respeito à informação, aos fatos e à realidade, o texto literário compreende o mundo da mente, ou seja, ideias e sentimentos e baseia-se na imaginação. (...) enquanto os textos não-literários são baseados em precisão, razão e podem ser caracterizados por uma progressão argumentativa mais ou menos lógica, os textos literários, como produto da imaginação do autor, oferecem um terreno fértil por imprecisão de significado, ambiguidade e múltiplas interpretações" (BEDNÁROVÁ-GIBOVÁ, 2012, p.7-8, tradução nossa)³³

A autora continua apontando as diferenças entre as traduções de textos não-literários e literários e afirma que os não-literários exigem "a fidelidade completa ao texto fonte e a máxima precisão em terminologia, não admitindo uma participação muito criativa para o tradutor." Por outro lado, a tradução do texto literário "é mais livre e mais criativa, pois pode oferecer uma interpretação não distorcida da cultura, servindo como porta de entrada para o mundo fictício e sua cultura." (Bednárová-Gibová, 2012, p.22)

A autora conclui ressaltando que, em textos não-literários, a personalidade do autor está escondida, se não invisível, e que o aspecto da interpretação cumpre apenas uma função auxiliar, enquanto nos textos literários a personalidade do escritor é totalmente exposta, através de suas opiniões e convicções que podem gerar interpretações múltiplas.

Considerando as discussões apresentadas nos trabalhos de Azenha Junior (1992, 1994, 1996, 1999), Zethsen (1999), Stolze (2009) e Rogers (2015), a dicotomia *tradução não-literária versus tradução literária*, reforçada por Bednárová-Gibová (2012), nos parece imprecisa, pois, como aponta Azenha Junior (1999):

³³ The substantial difference between the two is that whereas literary text comprises the world of the mind, i.e. ideas and feelings and is grounded on imagination, non-literary text is usually concerned with information, facts and reality.(...) While literary texts as the product of author's imagination offer a breeding ground for vagueness of meaning, ambiguity and multiple interpretations, non-literary texts are based on precision, reason and can be characterized by more or less logical argumentative progression.

os tradutores técnicos não deveriam achar que não têm nada em comum com, por exemplo, os tradutores literários. Ao contrário, justamente porque os problemas de estilo afetam todos os textos, todos os tradutores têm problemas e métodos em comum" (AZENHA JUNIOR, 1999, p.9).

As fontes citadas acima desconstróem a ideia de que o texto especializado é essencialmente informativo e de que apenas o conhecimento da terminologia específica é suficiente para uma tradução satisfatória, além de discutirem o uso da criatividade e a presença de uma alta carga cultural na tradução especializada.

Longe de ser uma operação mecânica, a tradução especializada não está imune a nenhum fator que envolve qualquer ato tradutório. A tradução é um ato de construção de significados que compreende um processo complexo com muitas variáveis, como contexto, tempo, lugar, cultura, função, entre outros. Assim, a tradução especializada, como qualquer outro tipo de tradução, não se restringe apenas a problemas relativos ao vocabulário: envolve também variáveis linguísticas, semânticas, pragmáticas, estilísticas e culturais (STOLZE, 2009, p. 125).

Azenha Junior (1996), ao destacar a importância e diversas particularidades da tradução especializada, afirma:

Num plano mais abstrato, parece que traduzir um manual de operação para uma máquina de emborrachamento de tecido, por exemplo, continua sendo uma atividade "menor" do que traduzir um poema. No domínio concreto do uso, porém, se é verdade que o manual dificilmente seria o livro de cabeceira de alguém, também é verdade que o poema de nada serviria ao operário no momento de trabalhar com a máquina (AZENHA JUNIOR, 1996, pg. 2).

E Zethsen (1999) completa:

A busca pela terminologia obscureceu o fato de que há algo entre as palavras que é igualmente importante para uma tradução satisfatória. Em vez de considerar um texto especializado como uma coleção de termos técnicos, ele deve ser visto como um texto, uma entidade escrita, que serve a vários propósitos (ZETHSEN, 1999, p. 73, tradução nossa).³⁴

Enfim, adotar o termo "tradução não-literária" para classificar a tradução de manuais seria desconsiderar as discussões já promovidas pelos autores citados e significaria admitir que

³⁴ The hunt for terminology has overshadowed the fact that there is something between the terms which is equally important for a satisfactory translation. Instead of considering a technical text as a collection of technical terms it should be seen as a text as an entity written to serve various purposes.

uma tradução possa ser a negação de outra modalidade. A nossa própria experiência de trabalho com a tradução de textos literários e especializados mostrou-se muito semelhante, uma vez que ambos os processos tradutórios geravam, na maior parte dos casos, perguntas e conflitos da mesma natureza, relativos a questões culturais e à adequação à função pretendida. É dessa forma que optamos por dar protagonismo a tradução especializada e abandonar toda e qualquer ideia que a veja como negação de outra vertente de tradução considerada superior.

2.4 Tradução especializada

O interesse dos linguistas pela Terminologia se deu na segunda metade do século XX, já que, de início, os mais interessados eram os próprios especialistas de cada área técnica. A razão de a Terminologia ter-se tornado objeto de interesse dos linguistas a partir da década de 50 deve-se ao fato da Terminologia deixar de ser vista apenas como um instrumento de normalização de termos, para tornar-se mais um instrumento de comunicação (ALMEIDA, 2003, p.213-214).

A visão dividida entre textos técnicos e científicos, e centrada nas terminologias elaboradas por Eugen Wüster, passa por uma expansão na década de 1960, quando Lothar Hoffmann, professor emérito da Universidade de Leipzig (Alemanha), propõe um enfoque que abrange o texto especializado como um todo, instaurando uma Linguística do texto especializado nas décadas de 1970 e 1980. Na visão de Hoffmann, o estudo das linguagens especializadas não pode se limitar ao estudo dos termos presentes nesses textos, pois cada texto apresenta características diferenciadas. Se essas características não são compreendidas, o entendimento do funcionamento do texto, como um todo, pode ser comprometido. Por isso, o autor deixa para trás uma visão centrada nas terminologias e passa a descrever os textos em seus diversos aspectos e níveis linguísticos.

É dessa forma que, desde o início dos anos 1980, a Terminologia vem adotando uma postura mais descritiva e menos normativa, o que possibilita o uso mais recorrente da nomenclatura "texto especializado", que, nas palavras de Hoffmann (2015):

é instrumento e, ao mesmo tempo, resultado da atividade comunicativa exercida em relação a uma atividade especializada sócio–produtiva. Esse texto compõe uma unidade estrutural e funcional (um todo) formado por um conjunto finito e ordenado de orações sintática, semântica e pragmaticamente coerentes ou por unidades de valor equivalente que correspondem, na condição de signos linguísticos complexos, a enunciados complexos do conhecimento humano e a circunstâncias complexas da realidade objetiva (HOFFMANN, 2015, p. 47).

Com base na definição de Hoffmann, podemos observar que o texto especializado é um complexo multifacetado, sem contornos bem definidos, e o léxico especializado não é considerado como única característica distintiva para a sua produção e tradução. A mudança de conceituação nos leva a refletir, inclusive - como afirmam Zavaglia et al. (2011 p. 787) -, sobre o nível de exigência de competência tradutória necessária para trabalhar com textos especializados, devendo esta ultrapassar o mero conhecimento da terminologia.

Ainda na definição de Hoffmann (2015, p. 41), o texto especializado possui dois eixos básicos: um horizontal, relacionado às grandes áreas da ciência e da técnica, englobando diferentes disciplinas; e um vertical, relacionado ao grau de especialização do texto, ou seja, à densidade terminológica. Dado esse quadro de divisões horizontais e verticais, Hoffmann esclarece que, para um linguista, interessa mais a divisão horizontal, porque a divisão vertical se apresenta de forma mais concreta nos termos empregados, mas não nos demais itens do inventário linguístico, como por exemplo, a sintaxe.

Alguns tipos de texto possuem maior densidade terminológica do que outros - a situação em que se comunica e para quem se comunica constituem fatores determinantes do grau de especialização de um texto. Manuais de instrução podem ser mais ou menos especializados, por exemplo, dependendo do público alvo. Um manual voltado ao consumidor, em geral, deverá levar em conta seu conhecimento terminológico sobre o assunto, enquanto um manual voltado para um tecnólogo ou um engenheiro, terá um grau de terminologia mais específica.

2.5 Considerações sobre as escolhas feitas neste trabalho

Diante do caminho teórico traçado, classificaremos a tradução de manuais de eletrodomésticos como especializada, vista como o ramo da tradução que se ocupa da tradução de textos especializados, complexos e multifacetados, que não se distinguem dos demais apenas devido ao léxico especializado não é a única característica distintiva para sua produção e tradução.

O léxico especializado não se separa da linguagem geral, como afirma Asensio (2007, p. 51) - para ele, a linguagem geral pode conter elementos mais característicos de linguagens especializadas e vice-versa; o que varia é o grau de especialização. Por esse motivo, a linha que distingue um texto especializado de um texto de linguagem geral pode ser muito tênue.

Além do léxico especializado, o texto especializado conta com um conjunto de marcas sintáticas, estilísticas e discursivas que são classificadas dentro do ambiente específico do texto, mais conhecido como linguagem de especialidade (AUBERT, 2001, p. 24). Assim, o corpus escolhido para investigação nesta dissertação pode ser classificado como sendo parte dos textos especializados, já que possui marcas linguísticas, tais como o uso do imperativo no texto de partida, traduzido como infinitivo no texto de chegada; marcas estilísticas, como inversões de frases, ao se comparar textos de partida e de chegada, entre outras que serão apresentadas mais adiante.

Por fim, adotaremos a proposta trazida por Azenha Junior (1999), na qual compreende-se que a tradução vai além dos limites do texto e que o ato tradutório tem, como ponto de partida, o ato de comunicação. Sob essa perspectiva, o texto especializado, assim como qualquer outra forma de comunicação, está atrelado a uma realidade sócio-histórica-cultural.

2.6 Contexto da tradução especializada: um breve histórico

Na presente seção, apresentaremos os dados históricos de publicações coletados por AIXELÁ, 2004³⁵ e acessíveis através da tradução de Pedro Luís Sala Vieira³⁶, realizada em 2016 (doravante Aixelá, 2016). Também estenderemos a coleta até 2017 com o objetivo de traçar um breve histórico do desenvolvimento da discussão sobre tradução especializada no âmbito de publicações específicas ao longo da história. Todos os números e gráficos foram atualizados até 2003 e, a partir daí, os dados apresentados são de coleta feita exclusivamente para este capítulo. Utilizaremos o mesmo método de coleta de dados do autor: a pesquisa no banco de dados online de Bibliografia de Interpretação e Tradução (BITRA)³⁷ com a palavra-chave “técnico”³⁸, que se aplica no banco de dados a publicações³⁹ sobre tradução de qualquer texto ou tipo de texto em que haja uma terminologia específica pertencente a uma determinada área profissional ou acadêmica.

Enfatizamos que todos os dados e porcentagens apresentados a seguir estão longe de serem conclusivos, uma vez que provêm de uma ferramenta bibliográfica que, mesmo sendo bem representativa, ainda é incompleta, como destaca Aixelá (2016, p.159). Os números apresentados hoje serão diferentes dos números do próximo ano, à medida que novos verbetes forem incluídos. De qualquer forma, os resultados aqui discutidos constituem uma indicação confiável das tendências demonstradas pelos itens referentes à tradução especializada e aos Estudos da Tradução.

³⁵ O autor colheu dados completos até 2003 e dados parciais em 2004 até a data de publicação de seu artigo, ou seja, não chegou a completar a coleta do ano todo. Por esse motivo, consideramos a coleta do autor até 2003 e fizemos nova coleta para 2004 e seguimos até 2017, com o objetivo de obter dados completos para esses anos.

³⁶ Pedro Luís Sala Vieira é graduado em Letras Português Inglês pela Faculdade de Letras da UFRJ e mestrando em Linguística Aplicada na mesma faculdade.

³⁷ Disponível em: https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en

³⁸ Rf. capítulo II item 2.1

³⁹ Seria pretensão nossa pensar **que** todas as publicações sobre texto especializado estão referenciadas no BITRA, no entanto é a base de dados mais completa da atualidade.

Até 1900⁴⁰

Até o ano de 1900, o número de publicações sobre tradução especializada reunidos no BITRA é zero, de um total de 307 publicações. Trata-se, em geral, de pequenos textos, como prefácios, digressões ou cartas justificando traduções individuais. Naturalmente, este período é o menos completo no banco de dados.

1901-1950

De um total de 778 publicações correspondentes ao período entre 1901 e 1950, existem 14 publicações sobre tradução especializada. Entre elas, há livros, capítulos e artigos com temáticas que dividem-se entre tradução jurídica e uso de dicionários técnicos.

1951-1960

Nessa década, de um total de 878 registros, a tradução especializada aparece como tema de 54 publicações, dividindo-se em 40 artigos, 2 capítulos de livros e 12 livros, o que evidencia um aumento significativo não apenas em números absolutos, mas também na porcentagem total de trabalhos no banco de dados, passando de 1,7 % entre 1901-1950 para 6,1% entre 1951 e 1960.

A terminologia e o estudo das línguas para fins específicos ainda não eram disciplinas acadêmicas de importância; por isso a maioria das publicações reflete uma abordagem prática, ora focada em dicionários especializados, como na publicação de Holmstrom em 1951, "Estudo dos dicionários interlinguísticos científicos e técnicos"; ora focada em considerar o ato de traduzir apenas como profissão, exemplificada pela publicação de Kalé em 1956, "Serviços de tradução técnica".

Aixelá (2016) observa que uma pequena parte dos textos dessa época - como "Tradução técnica e científica e outros aspectos do problema da linguagem⁴¹" (1957) de

⁴⁰ A divisão em períodos é de Aixelá (2004)

⁴¹ As traduções dos títulos das publicações colhidas no BITRA são de Pedro Luís Sala Vieira .

Holmstrom, além dos diversos trabalhos de Rudolf Walter Jumpelt, como “Abordagens metodológicas para a ciência da tradução” (1959), e do livro de Henri van Hoof, “Reflexões sobre a linguagem médica”, do mesmo ano -, parece evidenciar um desejo de transcender o instrumentalismo e iniciar os estudos dessa vertente da tradução com mais profundidade, em uma tentativa de estabelecer uma nova abordagem de pesquisa científica.

O período entre 1951 e 1960 contou com o lançamento de dois periódicos essenciais para a história dos Estudos da Tradução: Babel (1955) e Meta (1956). Aixelá (2016) afirma que é a partir deles que se criou um nicho para a área da tradução, um espaço acadêmico para o trabalho de pesquisadores que serão lidos por pessoas interessadas genuinamente nesta nova área de pesquisa.

Babel é o periódico da FIT (Federação Internacional de Tradutores), que é responsável por quase metade das publicações registradas no BITRA no período entre 1951-1960. Esse periódico histórico contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento dos Estudos da Tradução, focado em questões práticas, profissionais e teóricas da área.

A revista Meta⁴², publicada pela Universidade de Montreal, sempre demonstrou um interesse acentuado pela terminologia e, por ser um periódico universitário, volta-se também para aspectos relacionados ao ensino, contando com mais de 345 artigos sobre a temática. Dentre as publicações da década de 1950, Aixelá (2016) ressalta a presença significativa da língua russa, o que refletiu o cenário geopolítico da época em meio à Guerra Fria. A revista contou, nesse período, com inúmeras publicações centradas na tradução do russo para o inglês, tais como “Estudos de Engenharia e Linguística na tradução automática: relatório técnico”, de 1958.

Vale destacar, em relação aos idiomas mais usados nessa década, que o inglês já se configurava como a língua dominante na pesquisa de tradução, incluindo o estudo da tradução especializada - eram 576 publicações em inglês contra 120 em francês, 69 em alemão e 62 em espanhol. Dentro da área específica de tradução especializada, de um total de 54 verbetes, 36 são em inglês, 8 em francês, 9 em alemão e 3 em espanhol.

⁴² A revista é acessível pela internet só a partir do volume 11, do ano de 1966.

Este fato é um sinal de que os Estudos da Tradução, ao menos no que concerne a esta questão, não é diferente de outras disciplinas científicas. Ainda que a natureza do tema pressuponha um campo de pesquisa multilíngue e equilibrado, a demanda de leitura e a natureza de língua franca do inglês desde a Segunda Guerra Mundial fez com que os artigos científicos preferissem o inglês a suas respectivas línguas maternas, com o fim de obter uma recepção ainda mais ampla.

1961-1970

O período entre 1961 e 1970 é marcado por um grande crescimento no número de publicações, com um total de 1345 publicações. Dessas, 109 eram sobre tradução especializada (88 artigos, 10 livros, 8 capítulos, 2 revistas e 1 monografia) - em sua maioria sobre aspectos teóricos gerais como, por exemplo, o artigo de Horguelin de 1966, intitulado "A tradução técnica", ou o capítulo publicado por Cunningham em 1970, denominado "A Interação entre os tradutores técnicos e literários". Aspectos práticos, principalmente no que tange à terminologia do par inglês-francês, são trazidos pela revista *Meta*, como no artigo "Vocabulário da seguridade social", publicado em 1967 por Grandpré, e em outras publicações, que discutiam tipos específicos de textos, representando a essência do interesse de pesquisadores. As entradas restantes constituem-se de traduções bíblicas e suas análises, tradução literária e tradução automática.

De fato, como pontua Aixelá (2016, pg. 146), a revista *Meta* foi fundamental para alavancar a publicação de textos sobre tradução especializada nesse período: 40 artigos, de um total de 88 entradas, provêm da revista. Por alguma razão, a revista *Babel* reduz de forma significativa seu interesse nesse tipo de tradução, com apenas quatro artigos.⁴³ De qualquer forma, o fato de que quase metade dos artigos dessa época vem de um periódico especializado confirma o papel fundamental desempenhado por essas publicações; caso contrário, elas dependeriam significativamente de disciplinas como a linguística e os estudos literários, que

⁴³ Boa parte dos artigos da *Meta* desse período estão incluídos no BITRA, enquanto muitos artigos da *Babel* não podem ser encontrados; entretanto, independentemente de onde partem os artigos, o fato importante é a influência das publicações trazidas por ambas as revistas.

possuem focos diferentes e impõem limites a contribuições que não são centrais para os seus objetivos.

O panorama não é muito distinto na distribuição de línguas, com 37 publicações em inglês, 59 em francês, 11 em alemão e 2 em espanhol. É verdade que a língua francesa possui maior representação nesse caso, o que pode ser explicado pela produção considerável de periódicos especializados pela revista *Meta*, levando em conta a redução das publicações da *Babel*. De fato, quase metade das publicações em francês provém diretamente da *Meta*, que não publicou nada em inglês na década de 1960.

Enfim, como afirma Aixelá (2016):

Essa década testemunha a produção essencial dos pioneiros da área da Linguística na teoria da tradução, como Eugene A. Nida, Georges Mounin ou John C. Catford. Os trabalhos desses autores, em meados do século XX foram fundamentais, focando em questões relativas à equivalência, traduzibilidade e linguística contrastiva. Todas essas linhas de pesquisa ainda despertam o interesse de muitos autores, ainda que o ramo mais teórico da área autônoma de Estudos da Tradução pareça estar centrado atualmente em outros aspectos, como o papel histórico e atual da(s) tradução (ões) e dos tradutores e a imagem “do outro” que esses transmitem (AIXELÁ, 2016, p. 145).

1971-1980

Essa década, junto à seguinte, pode ser considerada o ponto de partida para a constituição dos Estudos da Tradução como uma disciplina autônoma, em virtude de pesquisas de referência realizadas por autores pioneiros na área, como James S. Holmes, Gideon Toury, Wolfram Wilss, Albrecht Neubert, George Steiner, Hans J. Vermeer, Katharina Reiss, entre outros. Isso também se refletiu no aumento significativo de trabalhos com foco em tradução, com 2688 resultados obtidos na BITRA - quase o dobro em relação à década anterior -, iniciando o que poderia ser denominado, de acordo com Aixelá (2016), a “Era de Ouro dos Estudos da Tradução”.

O número total de publicações no período, como já mencionado, chega a 2688 e, em geral, a tradução de textos literários e de textos bíblicos representam a maior parte da produção desses anos. A produção sobre tradução automática tem um queda nas publicações, pois ela deixa de ser vista como algo prático, ou mesmo como uma solução possível para os problemas de

tradução. Outras temáticas, como a história da tradução e a própria tradução especializada, continuam se desenvolvendo. Finalmente, as pesquisas de aspectos relacionados ao ensino passam a refletir em novos cursos de graduação de tradução e interpretação (AIXELÁ, 2016, p. 147).

Quanto às línguas representadas, o inglês mantém sua soberania, totalizando 1197 publicações, seguido pelo francês, com 626, enquanto outras línguas vêm bem atrás - o alemão com 462 publicações e o espanhol com 195 publicações, por exemplo.

A tradução especializada, nesta década, conta com 182 publicações, o que representa um pequeno aumento em relação à década passada, comentando questões específicas de textos jurídicos, da área de negócios, medicina e tecnologia de informação (TI). A revista *Meta* ainda exerce bastante influência e relevância no número de publicações, chegando 81 artigos sobre tradução especializada, enquanto a revista *Babel* parece focar mais em aspectos teóricos nesse período, com 20 artigos sobre tradução especializada.

A década de 1970 marca o surgimento das primeiras bibliografias especializadas, que aparecem na medida em que há material suficiente para listar e comentar, como dicionários, livros e obras lexicográficas de referência. Foi só nesse período que se sentiu a necessidade de organizar tal material, como fez Hoof, em 1974, com o artigo “Uma bibliografia sobre tradução médica”, ou ainda Gémard e Horguelin, em 1977, com o livro “Uma bibliografia para o tradutor. Comércio e economia” - ambas as obras reiterando a importância da Universidade de Montreal na produção de bibliografias especializadas.

1981-1990

Em relação aos anos setenta, a década de 1980 triplica o número de publicações gerais em tradução especializada. São, no total, 7281 publicações, comparadas a 2688 na década anterior. Dessas, 625 são sobre tradução especializada nos anos oitenta contra apenas 182 nos anos setenta.

A distribuição de publicações na década de 80 apresenta mudanças significativas em relação aos anos precedentes. As traduções e comentários sobre textos bíblicos, apesar de ainda

possuírem certa importância em termos qualitativos, parecem ceder a sua posição nuclear com o surgimento de novas áreas de orientação acadêmica e profissional, como aspectos profissionais e de ensino, além do tradicional interesse em história da tradução ou em temas literários (AIXELÁ, 2016, p.150).

A língua inglesa permanece predominante, com 3503 publicações no total, enquanto o francês conta com 1461 publicações, o alemão, com 971 e o espanhol, com 867. No ramo dos textos especializados, a distribuição segue a mesma linha: 255 publicações em inglês, 208 em francês, 83 em alemão e 60 em espanhol.

Quanto à distribuição das 625 publicações na área específica de nossa discussão, percebe-se uma continuidade nas tendências já existentes nos anos setenta. São 236 publicações sobre tradução de textos jurídicos, uma área que adquire cada vez mais força e se torna um domínio específico de destaque dentro da área da tradução especializada. Traduções médicas e de negócios permanecem com um perfil razoavelmente elevado, com 80 e 33 publicações, respectivamente, enquanto a tradução de tecnologia da informação (TI) parece crescer um pouco, com 24 publicações. Aspectos relacionados a ensino passam a desempenhar um papel muito importante como um todo, especificamente para formação universitária. Outros temas de caráter prático, como aspectos profissionais ou documentação, ainda representam uma proporção significativa da dedicação de pesquisadores.

1991-2000

Na última década do século XX, a produção acadêmica publicada na área de Estudos da Tradução se duplica. Temos, então, não menos que 18438 publicações no total, das quais 1997 tratam a tradução especializada, contra um total de 7281 publicações da década anterior, sendo 625 sobre tradução especializada. Evidencia-se, assim, um aumento proporcional que parece ser estatisticamente significativo pela primeira vez em quarenta anos.

A literatura ainda atrai o maior interesse dos pesquisadores, com 4685 verbetes, enquanto a tradução de textos sagrados, outro tema de cunho tradicional, continua a perder terreno. Temas relacionados ao ensino, por sua vez, parecem enfim ter alcançado uma posição

estável na área de Estudos da Tradução, superada apenas pela área da literatura. A tradução automática continua a exercer um papel secundário, porém significativo. Finalmente, o crescimento dos Estudos da Tradução significa que outros temas, que até então haviam sido ignorados no âmbito da pesquisa acadêmica, passam a atrair a atenção de estudiosos. É o caso, por exemplo, da tradução audiovisual.

O inglês ainda é a língua dominante, chegando ao total de 8838 publicações - pouco menos da metade. O espanhol chega em segundo lugar, com 3506 publicações, e é seguido pelo francês, com um total de 2575, e pelo alemão, com 1844. O aumento de trabalhos em espanhol deve-se, de acordo com Aixelá (2016), à criação do curso de tradução na Universidade Autônoma de Barcelona, em 1972, que foi seguido pela criação de dezessete cursos universitários de tradução na Espanha - hoje, um dos países com maior concentração de cursos do gênero no mundo. Isso corresponde ao maior número de conferências e de periódicos, dos quais ao menos dezesseis utilizam o espanhol como primeira língua.

Se observarmos a distribuição das 1997 publicações sobre tradução especializada, percebemos que não houve muitas mudanças em relação à década anterior. A tradução de textos jurídicos continua predominante, com 787 publicações ao todo. Em comparação, a tradução na área médica possui 367 trabalhos publicados; a tradução referente ao universo corporativo conta com 135 artigos, e a tradução de TI, com 137 publicações. Esse importante crescimento pode ser explicado, de certa forma, ao considerarmos os novos fenômenos acadêmicos da localização. O interesse pelo ensino de tradução especializada, como esperado, continua crescendo, bem como as questões profissionais e de documentação, desempenhando funções importantes nessa área. Podemos também encontrar, contudo, publicações que abordam a tradução especializada sob uma perspectiva mais global, como a palestra proferida por Durieux, em 1991, intitulada “A criatividade na tradução técnica”, ou o artigo de 1997 escrito por Steyaert, denominado “Linguagem e Tradução em um contexto de negócios internacionais: além de uma abordagem instrumental.”

2001-2010

Com o início do século XXI, o número de publicações totais dispara para 27.160, sendo 3720 sobre tradução especializada. Como Aixelá (2016) mesmo pontua, é preciso levar em consideração que a disseminação da tecnologia facilitou ao BITRA o acesso a novas publicações e os Estudos da Tradução abriram espaço para pesquisas que abrangessem mais temáticas e gêneros.

Grande parte das 3720 publicações do período se relacionam à tradução jurídica (35%); no entanto, vemos um crescimento, em comparação com as décadas anteriores, na variedade de pesquisas desenvolvidas com corpora e texto especializados, que nesse período contam com 72 publicações - entre elas Ribeiro (2004)⁴⁴, Camargo (2003)⁴⁵ e Bower & Pearson (2002)⁴⁶. Outros temas são menos populares, mas também aparecem no banco de dados, como o ensino de tradução especializada, representado por poucos trabalhos, como o de Cámara (2004)⁴⁷, assim como os trabalhos sobre criatividade representados por Magalhães (2007)⁴⁸ e a discussão crítica sobre essa vertente de tradução, por Jiménez (2003)⁴⁹, Corpas (2001)⁵⁰ e Polchlopek; Aio (2009)⁵¹. Os temas menos frequentes são ferramentas de tradução e estratégias de tradução.

Quanto às línguas das publicações sobre texto especializado, o inglês abrange 1637 publicações, seguido pelo espanhol, com 1183 publicações, pelo alemão, com 292 e pelo francês, com 290 publicações. Os artigos e capítulos das línguas citadas têm em comum o alto número de publicações sobre a área jurídica; entretanto, apresentam particularidades na abordagem dada à

⁴⁴ "Tradução técnica, terminologia e lingüística de corpus: a ferramenta WordSmith Tools"

⁴⁵ "Procedimentos tradutórios mais frequentes em textos jurídicos, corporativos e jornalísticos"

⁴⁶ Working with specialized language - A practical guide to using corpora"

⁴⁷ "Prácticas de traducción científica y técnica: una experiencia didáctica innovadora en colaboración con instituciones académicas y profesionales"

⁴⁸ "Tradução Técnica e Criatividade: Alguns Aspectos não Teóricos"

⁴⁹ "Investigación en traducción técnica (inglés-español)"

⁵⁰ "Evaluación de la calidad en la traducción técnica"

⁵¹ "Tradução técnica: armadilhas e desafios"

temática dependendo da língua na qual se publica. O inglês conta com 553 publicações na área jurídica, das quais a maioria foca nas dificuldades e nos problemas enfrentados por tradutores nos textos do gênero. Logo atrás, vêm os textos com enfoque no ensino de tradução e teoria. O espanhol aparece com 396 publicações, com textos mais focados no ensino de tradução - fato que Aixelá (2016) afirma ser devido à criação de diversos cursos de tradução da Espanha no século XXI -; em segundo lugar, temos outros artigos sobre terminologia jurídica e teoria. O francês e o alemão aparecem com 87 publicações cada, mas enquanto o primeiro foca na terminologia jurídica, seguido do ensino e da teoria, o segundo conta com mais publicações sobre teoria, seguido do ensino e da terminologia.

2011-2017

Os dados da presente década são parciais, e só poderão ser completados ao fim da mesma. No entanto, a análise de dados prévios denotam uma tendência decrescente no número de publicações em comparação ao mesmo período na década anterior. Atualmente, o BITRA conta com 11625 ocorrências gerais, o que representa uma diminuição de 38% no número total de entradas no banco de dados em relação ao mesmo período da década anterior, entre 2001 a 2007. As entradas atuais referentes aos textos especializados chegam a 1579 publicações, apresentando uma queda de 40% na produção, em comparação ao mesmo período na década anterior.

Dentre essas 1579 publicações, observamos que as pesquisas têm se desenvolvido nas áreas do ensino de tradução especializada (16%), dos problemas da tradução especializada (11%), do uso de ferramentas tecnológicas na tradução especializada (8%), do papel do tradutor (5%), de corpora e terminologia (4%) e de textos teóricos (1%). As temáticas se mantêm com proporções semelhantes às décadas anteriores: textos jurídicos (40%), textos médicos (21%), *business* (11%) e textos históricos (5%).

As línguas das publicações mantêm proporções semelhantes às décadas precedentes - o inglês aparece mais uma vez como líder, com 808 publicações no total, seguido pelo espanhol, com 507 publicações, pelo francês, com 96, e pelo alemão, com 63. As publicações mais

relevantes do período sobre tradução especializada são, em sua maioria, em língua inglesa. É o caso de, por exemplo, Olohan (2012; 2016), Wright (2011) e Byrne (2012) - apenas Aixelá (2013; 2015) aparece publicando em espanhol.

A seguir, apresentamos o gráfico que ilustra o número de publicações através das décadas.

Quadro 6: Total de publicações comparado com as publicações envolvendo textos especializados

Fonte: BITRA, 2018

O período inicial representado pelo gráfico mostra que as primeiras publicações no BITRA sobre tradução especializada datam do período de 1901 a 1950 e representam apenas 1,7% do total de publicações da época. De 1951 a 1960, esse número sobe 6,1% com o lançamento dos periódicos *Babel* (1955) e *Meta* (1956). No processo de definir-se como área de pesquisa, de 1961 a 1970, a tradução especializada vai ganhando espaço, com 8,1% das publicações. De 1971 a 1980, os Estudos da Tradução consolidam-se como uma disciplina autônoma, facilitando as pesquisas sobre literatura e ensino de tradução, mas não tanto sobre tradução especializada, que registra uma queda para 6,7%.

De 1981 a 1990, a tradução especializada volta a crescer e chega a 8,5% das publicações totais, acompanhada da diminuição das traduções sobre textos bíblicos, que cedem sua posição para aspectos profissionais e de ensino da tradução. De 1991 a 2000, a tradução especializada sobe para 10,8% do total de publicações, e a literatura mantém-se na liderança dos interesses dos pesquisadores, enquanto a tradução de textos sagrados continua a perder terreno. O crescimento dos Estudos da Tradução como disciplina significa que outros temas, que até então haviam sido ignorados no âmbito da pesquisa acadêmica, passam a atrair a atenção de estudiosos, como, por exemplo, a tradução audiovisual. De 2001 a 2010, as publicações totais têm um pico de crescimento e a tradução especializada o acompanha, chegando a 13,6% do total de publicações - com o aumento, inclusive, das pesquisas envolvendo corpora e textos especializados. Não achamos relevante apontar no gráfico o período de 2011 a 2017, já que um resultado oficial dependeria do crescimento das publicações durante os anos de 2018, 2019 e 2020.

2.7 Contexto da tradução especializada no Brasil entre 2010 e 2017

Na presente seção, analisaremos a porcentagem de trabalhos apresentados entre 2010 e 2017 nos volumes das principais revistas nacionais com a temática da tradução, com o objetivo de propor uma comparação com o mesmo período analisado anteriormente através da bibliografia de interpretação e tradução (BITRA). As cinco revistas foram escolhidas a partir da plataforma sucupira da CAPES⁵², e tiveram classificação entre qualis A1 e qualis B2. Abaixo, apresenta-se a descrição das revistas, com o ano de início de publicação, a universidade a que pertencem e a classificação.

⁵² Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>

Quadro 7: Periódicos qualis A1 e B2 no Brasil

Nome do periódico	Instituição/ ano de criação
Belas Infieis (B2)	UNB (2012) (Universidade de Brasília)
Cadernos de Tradução (A1)	UFSC (1996) (Universidade Federal de Santa Catarina)
TradTerm (B2)	USP (1994) (Universidade de São Paulo)
Tradução em Revista (B2)	PUC-Rio (2004) (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)
Translatio (B2)	UFRGS (2011) (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Fonte: Amanda Cabral Vieira Benites, 2018

Entre os anos pesquisados, foi encontrado um total de 2840 artigos, dos quais apenas 60 (2.1%) tinham como foco a tradução especializada. Examinando esses 60 artigos, notamos que as discussões concentram-se em corpora e terminologia, historiografia, no papel do tradutor, nos problemas e desafios enfrentados pelos tradutores, em textos teóricos e no ensino de tradução especializada. O gráfico a seguir ilustra as porcentagens obtidas.

Quadro 8- Temas das publicações envolvendo textos especializados no Brasil entre 2010-2017

Fonte: Amanda Cabral Vieira Benites, 2018

O panorama brasileiro entre 2010-2017 possui diferenças consideráveis em relação ao panorama mundial que apresentamos no tópico anterior, fornecido pela bibliografia de interpretação e tradução (BITRA). No contexto mundial, as pesquisas no período focam-se no ensino de tradução (32%) e nos problemas e desafios apresentados pela vertente especializada (22%), enquanto nos periódicos brasileiros analisados, as publicações concentraram-se no uso de corpora e terminologia (47%), e também nos problemas e desafios da vertente especializada (35%). O segundo lugar em número de publicações se mantém o mesmo nos dois contextos, evidenciando que a vertente da tradução especializada demanda estudo e pesquisa, por ser um tipo de tradução tão plural e carente de pesquisas ao longo da historiografia da tradução.

O uso de tecnologia aparece em terceiro lugar (16%) no contexto mundial, como apontado pelo BITRA, e quase em último no contexto dos periódicos brasileiros, o que pode ser justificado pela localização das empresas criadoras desses programas. Empatados em quarto lugar no contexto do BITRA, temos a historiografia da tradução especializada e o papel

desempenhado pelo tradutor especializado (10%), enquanto as mesmas categorias encontram-se nos periódicos brasileiros, respectivamente com 7% e 3%.

Por fim, as pesquisas com corpora e terminologia somam 8% e os textos teóricos somam 2% no contexto da bibliografia de interpretação e tradução (BITRA), enquanto nos periódicos do Brasil, os textos teóricos representam apenas 5% do total, e os textos sobre corpora e terminologia ficam em primeiro lugar.

Entre as categorias apresentadas, os trabalhos publicados sobre corpora e terminologia no período de 2010 a 2017 no BITRA e nos periódicos brasileiros têm uma diferença percentual considerável - 8% no banco de dados e 47% nos periódicos -, o que pode ser reflexo da expansão dessa área no Brasil e da aplicabilidade do uso de corpora em pesquisas das mais diversas áreas dentro dos Estudos da Tradução, que talvez não tenha sido reconhecida em outros países.

3 O MANUAL DE INSTRUÇÕES

O terceiro capítulo da dissertação, intitulado "O manual de instruções", apresenta o tipo textual em questão, com vistas a esclarecer suas características, particularidades e estruturação. Primeiramente, contextualizamos o gênero manual (3.1 *O gênero "manual de instruções"*), e em seguida discutimos os tipos de manuais de instrução de usuários existentes no mercado (3.2 *Tipos de manuais de instruções*), assim como sua estrutura (3.3 *Estrutura dos manuais de instruções*). Então, apresentamos um estudo sobre as advertências e informações de segurança presentes em manuais de instrução, (3.4 *Advertências e informações de segurança*), como o recurso da palavra-sinal (3.4.1 *Palavra sinal*) e os recursos icônicos (3.4.2 *Recursos icônicos*). Por fim, expomos a temática da acessibilidade nos manuais de usuários (3.4.3 *A questão da acessibilidade nos manuais de usuários de eletrodomésticos*), além de um breve histórico da acessibilidade para contextualização (3.4.3.1 *Acessibilidade: um breve histórico*).

3.1 O gênero "manual de instruções"

A tradução dos textos especializados começou a ser mais estudada, como afirma Azenha Junior (1999, p. 9), através dos estudos das linguagens técnicas; mais especificamente, das discussões dentro da Terminologia. Em contraste com o passado, hoje em dia o interesse e as discussões se voltaram para o texto especializado como um todo que se insere nos debates relacionados a tradução.

Tratando-se de textos *informativos* - possivelmente com uma perspectiva internacional, no caso dos manuais -, observamos um tipo de texto em uma determinada situação específica de comunicação. Textos com o uso da linguagem dentro de uma situação cultural nunca são meros detalhes que não precisam de atenção; pelo contrário, devem ser estudados e adaptados. De fato, como reforçam Zavaglia et.al (2012, p.789), pesquisas recentes apontam que textos

especializados estão permeados por marcadores culturais, mesmo que não se espere sua existência, sendo esse o caso de manuais de instrução de produtos de uso doméstico.

É relevante destacar que, em diversos momentos da obra de Reiss e Vermeer (2013), os autores exemplificam conceitos de sua teoria utilizando textos especializados, mostrando as particularidades dessa modalidade de tradução e contribuindo nas discussões de uma teoria de tradução. Entre as menções, os autores apontam que a tradução de textos especializados é diferenciada dependendo dos receptores. Caso sejam especialistas, pode-se esperar equivalência entre o texto de partida e texto de chegada, ou seja, o texto de chegada deve ter o mesmo valor comunicativo e alcançar uma interação comunicativa entre especialistas no campo. No entanto, se o mesmo texto for destinado a um público que não seja de especialistas, a equivalência textual não pode mais ser o objetivo; este texto, então, será traduzido de tal forma que permita aos receptores compreendê-lo, embora não tenham conhecimento especializado sobre o tópico e a terminologia. O tradutor selecionará os signos linguísticos e tudo o mais que for necessário para a compreensão do texto.

Retomando a divisão de tipos textuais, Reiss (2013) classifica os materiais de instrução como um texto do tipo informativo, pois há a transmissão das informações necessárias para que o leitor use um produto corretamente. Aponta também que, embora textos instrucionais contenham imperativos, o seu uso é específico, descaracterizando a função isolada dos imperativos como descrito no modelo de Bühler (1934).

Ainda dentro de sua teoria, Reiss aponta que textos destinados a fins comunicativos práticos serão tratados pelos tradutores com uma tradução do tipo comunicativo, uma vez que as convenções presentes nesse cenários se diferenciam entre as culturas e devem ser adaptadas.

Vista sob essa perspectiva integrada, a tradução especializada deixa de ser um universo à parte e vem juntar-se à reflexão sobre o processo de tradução como um todo, revelando um complexo jogo de interesses que marca as relações entre os países, os empresários e a transferência de tecnologias, exigindo, assim, sua inclusão em uma historiografia da tradução, ao lado dos textos sagrados e da chamada “grande literatura”.

A definição proposta pela presente pesquisa, no contexto de produtos eletrodomésticos, é a de que o manual é um pequeno livro portátil e obrigatório, cuja finalidade é instruir o consumidor a operar os produtos de consumo de modo adequado e com segurança. Dentre as informações oferecidas aos usuários, as de segurança (ex: cuidados e/ou precauções a serem observados) devem ser contempladas nos manuais de instrução. Contudo, após adquirir um novo eletrodoméstico, e, às vezes, impulsionado pela ansiedade de utilizá-lo, o consumidor não lê o manual disponibilizado pelos fabricantes. Essa atitude pode ser considerada um equívoco por parte do consumidor, já que a falta da leitura poderá induzi-lo a cometer falhas e/ou operar os produtos de modo inadequado, ou ainda resultar na perda dos direitos do consumidor por má utilização (AZEVEDO, 2006, p.33).

De acordo com a ELETROS⁵³, associação nacional de fabricantes de produtos eletroeletrônicos, os manuais de instrução devem informar ao usuário sobre a instalação e a utilização de produtos e têm por obrigação disponibilizar, no mínimo, as seguintes informações para o consumidor:

- Informar todas as características técnicas do produto, para que o consumidor o conheça em detalhes;
- Indicar a voltagem (110V ou 220V) correta, para que não ocorram choques ou queima do aparelho;
- Instruir quanto à necessidade de se utilizar o 'fio terra', para que a instalação do produto seja segura, evitando danos decorrentes de descarga elétrica durante a sua utilização;
- Solicitar que confira as condições de uso da tomada elétrica, para evitar curtos-circuitos e riscos de incêndio;
- Esclarecer quanto à possibilidade de usar fio de extensão;

⁵³ A ELETROS - associação nacional de fabricantes de produtos eletroeletrônicos -, reúne os maiores fabricantes de eletrodomésticos e eletroeletrônicos de consumo do país. São 30 empresas associadas, que representam marcas importantes dos segmentos de linha branca, áudio e vídeo (linha marrom) e de linha de portáteis. Foi criada em 1994 com o objetivo de representar os interesses do setor junto às entidades e aos órgãos públicos e privados do Brasil e do exterior. Os fabricantes de eletroeletrônicos associados à ELETROS recebem orientações sobre as normas técnicas de fabricação e as leis de defesa do consumidor, além de apoio técnico para auxiliar no cumprimento dessas normas e leis.

- Sugerir o local mais adequado para a instalação do produto, para que este apresente seu melhor desempenho;
- Indicar de modo claro todos os cuidados (que devem ser tomados) e os eventuais danos e/ou riscos associados à utilização do produto, para que se obtenha melhor rendimento e maior segurança;
- Instruir sobre as formas de limpeza e manutenção, a fim de garantir maior durabilidade do produto de consumo.

A obrigatoriedade dos manuais de instrução acompanharem eletrodomésticos é estabelecida pela legislação brasileira; todavia, pode-se observar que certos fabricantes disponibilizam para o consumidor apenas folhetos explicativos, com algumas instruções de uso. Quando estes folhetos são adotados, a descrição dos demais procedimentos de uso é feita através de arquivos digitais, em PDF ou de forma interativa no site da empresa, os quais apresentam todas as informações elencadas anteriormente. A adoção desta medida pelos fabricantes representa uma tentativa de reduzir os custos do produto e evitar danos ambientais (AZEVEDO, 2006, p. 34).

3.2 Tipos de manuais de instruções

Com base na divisão de Azevedo (2006, p. 35), os manuais de instrução são encontrados em 3 modos distintos: os manuais impressos, os manuais digitais e os manuais interativos; todos representados por imagens e descritos a seguir.

Figura 1- Capa de manual impresso

Fonte: Singer, 2012

O manual impresso é disponibilizado com o produto e produzido por meio de impressão em papel, conforme apresenta a figura acima. No Brasil, não há normas e/ou diretrizes específicas sobre os aspectos gráficos e informacionais desses informativos; a única questão considerada na legislação é a obrigatoriedade dos fabricantes em adotar uma linguagem de fácil compreensão e acessível a diversos públicos na elaboração desses impressos. A inclusão das ilustrações, então, fica a cargo do responsável pelo projeto gráfico dos manuais de instrução, que pode empregar as ilustrações para representar os procedimentos de transporte, instalação, operação e manutenção dos produtos (AZEVEDO, 2006, p. 35).

Figura 2- Capa de manual digital

Fonte: Kitchen Aid, 2012

O manual digital é um arquivo digital com características semelhantes às adotadas no manual impresso. As informações são apresentadas aos consumidores através de arquivos no formato PDF, no website da empresa fabricante. O acesso a essa forma do manual é irrestrito, possibilitando a consulta constante do consumidor, além da possibilidade de impressão diretamente da internet.

Figura 3- Layout de manual interativo

Fonte: Apple Inc., 2017

Por fim, nos manuais interativos - que começaram a se tornar os mais comuns, principalmente em produtos que envolvam uma tecnologia mais moderna -, o usuário acessa o website do fabricante e percorre o caminho que desejar, procurando as informações de que precisa de forma mais ativa e interativa. Um exemplo de manual interativo são os manuais de produtos como o Iphone 7, da fabricante Apple Inc.

3.3 Estrutura dos manuais de instruções

De acordo com o estudo de Azevedo (2006, p. 40-47), os manuais se estruturam em oito seções principais, ilustradas e descritas a seguir:

Figura 4- Instruções/recomendações de segurança

Requisitos elétricos para Brasil somente

⚠ ADVERTÊNCIA

Risco de Choque Elétrico

Ligue em uma tomada aterrada.

Não use adaptadores ou T's.

Não use extensões elétricas.

Não seguir estas instruções pode trazer risco de vida, incêndio ou choque elétrico.

Rede elétrica da residência:

Os fios da rede elétrica devem ser de cobre e ter seções mínimas conforme ABNT (NBR-5410).

Para a proteção do produto e da rede elétrica contra sobrecorrentes, o circuito onde o produto será ligado deve estar conectado a um disjuntor termomagnético.

Caso não exista este disjuntor em sua residência, consulte um electricista especializado para instalá-lo.

Conexão à tomada:

Para sua segurança e do equipamento, é muito importante que o aterramento seja feito de maneira correta.

O plugue do cabo de alimentação da seu dispositivo em formato sextavado, 12A, conforme ABNT (NBR 14136).

A instalação elétrica da sua residência deve ter uma tomada de força apropriada para este tipo de plugue. Se não tiver, providencie a instalação de uma por um electricista habilitado.

Utilize o tipo de tomada adequado ao plugue de seu dispositivo, conforme imagem abaixo:

Antes de ligar seu dispositivo, verifique se a tensão da rede elétrica no local de instalação é a mesma indicada na etiqueta de dados técnicos do produto.

Esta mesma informação está indicada na etiqueta fixada próxima ao plugue do cabo de alimentação da seu dispositivo.

IMPORTANTE:

- Caso seja necessário ligar o modelo da seu dispositivo 127V em tensão 220V, utilize um estabilizador de 1,0 KVA.
- Caso seja necessário ligar o modelo da seu dispositivo 220V em tensão 127V, utilize um estabilizador de 1,0 KVA.
- Nunca conecte a seu dispositivo através de extensões duplas ou triplas com outro eletrodoméstico na mesma tomada. Não use extensões. Este tipo de ligação pode provocar sobrecarga na rede elétrica, prejudicando o funcionamento da seu dispositivo e resultando em acidentes com fogo. Use uma tomada exclusiva.
- Em caso de oscilação na tensão da rede elétrica, instale um estabilizador automático de tensão com potência mínima de 1500 Watts, entre a dispositivo e a tomada.
- Se o cabo de alimentação estiver danificado, ele deve ser substituído. Entre em contato com a Central de Relacionamento KitchenAid mais próxima.

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Instruções/recomendações de segurança:* nessa seção, são fornecidas ao usuário informações e recomendações de segurança referentes aos procedimentos de utilização do produto. Essas recomendações instruem o consumidor a agir de forma segura em situações que apresentam algum grau de periculosidade. Voltam-se principalmente para a etapa de instalação do produto e é comum que apareça a descrição de situações específicas de uso e de soluções para eventuais problemas decorrentes da instalação.

Figura 5- Descrição do produto

Características da batedeira de cabeça inclinável

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Descrição do produto:* Nesse tópico, o produto é apresentado aos usuários por meio de uma ilustração, na qual o aparelho é representado juntamente com seus componentes e/ou todas as peças que devem acompanhá-lo no ato da compra. Pode-se verificar, na descrição do produto, o uso de números e de linhas como indicadores de leitura para auxiliar a identificar todos os elementos contemplados na representação.

Figura 6- Instruções de operação

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Instruções de operação:* A seção apresenta as instruções de operação, disponibilizando ao consumidor informações sobre como operar o produto e destacando sua principal função. A descrição de operação do produto é feita sucintamente, através dos modos de representação verbal e pictórico.

Figura 7- Instruções de manutenção

MANUTENÇÃO E LIMPEZA DA SUA BATEDEIRA

⚠ ADVERTÊNCIA

Risco de Choque Elétrico

Retire o plugue da tomada antes de efetuar qualquer manutenção ou limpeza do produto.

Recoloque todos os componentes antes de ligar o produto.

Não seguir estas instruções pode trazer risco de vida ou choque elétrico.

LIMPEZA DA SUA BATEDEIRA

A tigela, o batedor plano e o batedor tipo "gancho" podem ser lavados em uma lava-louça automática. Ou, limpe cuidadosamente em água quente ensaboada e enxágüe completamente antes de secar. O globo deve ser lavado manualmente e seco imediatamente. Não lave o globo em uma lava-louças. Não guarde os batedores em uma haste.

NOTA: Sempre desligue a batedeira antes de limpá-la. Esfregue a batedeira com uma toalha macia e úmida. Não use limpadores caseiros ou comerciais. Não mergulhe em água. Esfregue a haste do batedor frequentemente, removendo qualquer resíduo que possa estar acumulado.

AJUSTE DA ALTURA DO BATEDOR

Sua batedeira vem ajustada pela fábrica. Se por alguma razão o batedor tocar ou ficar muito distante do fundo da tigela, você pode ajustá-lo, como descrito a seguir:

1. Verifique se a alavanca de controle de velocidade está em OFF/O (desligar) e se o plugue da batedeira está desconectado da tomada.
2. Coloque a alavanca TRAVA/DESTRAVA da batedeira na posição destravada.

3. Incline a parte superior da batedeira para trás.

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Instruções de manutenção:* As informações de manutenção são observadas especialmente em manuais de instrução de produtos de uso doméstico, explicando os procedimentos de limpeza geral do produto e especificando quais materiais devem ou não devem ser usados, a fim de evitar danos ao produto. Para auxiliar o usuário, a descrição dessas instruções também pode ser feita em formato "passo-a-passo".

Figura 8- Solução de problemas

ANTES DE PROCURAR A ASSISTÊNCIA TÉCNICA**COMO EVITAR PROBLEMAS**

- A sua batedeira foi desenvolvida exclusivamente para uso doméstico.
- Instale a sua batedeira de acordo com todas as recomendações descritas neste manual.
- Faça a limpeza de sua batedeira sempre que necessário e de acordo com as recomendações deste manual.
- Certifique-se de que a batedeira e seus acessórios estejam limpos e completamente secos antes de serem guardados.
- Evite acidentes e danos ao aparelho usando somente acessórios recomendados pelo fabricante.
- Não puxe o plugue da tomada pelo cabo de força para desligar sua batedeira, você pode danificar o cabo de força, o plugue e a tomada.
- Não deixe o cabo de força em contato com superfícies quentes ou pendurado em cima da mesa ou bancada. Isto pode danificá-lo.

COMO RESOLVER PROBLEMAS

Caso sua batedeira apresente algum defeito ou não funcione corretamente, verifique os seguintes itens:

Problema	Verifique
A batedeira não funciona	<ul style="list-style-type: none"> • Se a batedeira está ligada na tomada. • Se há corrente elétrica na tomada, chave disjuntora desligada ou fusíveis queimados.
Vibração em excesso	<ul style="list-style-type: none"> • Se o produto está em uma superfície firme e plana. • Se não tem resíduos sob os pés da batedeira.

12

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Solução de problemas:* Nesse tópico, são listados alguns problemas que o produto pode vir a apresentar, em conjunto com suas prováveis soluções. Essas instruções são geralmente disponibilizadas em tabelas com duas ou três colunas. Na primeira, os problemas são descritos e, nas seguintes, se ensina as ações corretivas a serem adotadas. Essa seção visa auxiliar o usuário a corrigir pequenos erros, sem que seja necessário solicitar a assistência técnica ou encaminhar o produto para o posto autorizado de serviços.

Figura 9- Especificações/ características técnicas

DADOS TÉCNICOS		KEA33	KEA30
Características Técnicas	Tensão/Voltagem (V)	127	220
	Frequência (Hz)	60	50/60
	Potência Total (W)	325	300
	Rotações por Minuto (RPM)	58-220	58-220
	Volume (Lts)	4,83	4,83
Dimensões com Embalagem	Altura (mm)	410	419
	Largura (mm)	405	414
	Profundidade (mm)	285	279
Dimensões sem Embalagem	Altura (mm)	353	353
	Largura (mm)	219	221
	Profundidade (mm)	357	358
	Peso (Kg)	10,34	11,3

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Especificações/ características técnicas*: Esse tópico apresenta aos consumidores uma relação de todas as especificações técnicas do produto, contemplando: modelo, dimensão (mm), potência nominal (kw), voltagem (V), capacidade de armazenamento (l), peso líquido (kg), consumo de energia de acordo com o ISO 8561 etc. Nessa seção, o usuário é ainda informado sobre quando o produto deve ser operado vinculado a outros acessórios como adaptadores, pilhas, botijões de gás, etc.

Figura 10- Certificado de garantia

TERMO DE GARANTIA

O seu produto KitchenAid é garantido contra defeitos de fabricação, pelo prazo de 12 meses, contado a partir da data da emissão da Nota Fiscal ou da entrega do produto, ao primeiro adquirente, sendo:

- Os 03 (três) primeiros meses, - garantia legal;
- Os 09 (nove) últimos meses, - garantia especial, concedida pela Whirlpool S.A.;

A garantia compreende a substituição de peças e mão-de-obra no reparo de defeitos devidamente constatados, pelo fabricante ou pelo Serviço Autorizado KitchenAid, como sendo de fabricação; Durante o período de vigência da garantia, o produto terá assistência técnica do Serviço Autorizado KitchenAid. As garantias legal e/ou especial ficam automaticamente invalidadas se:

- O uso do produto não for exclusivamente doméstico;
- Não forem observadas as orientações e recomendações do **Manual do Consumidor** quanto a utilização do produto;
- Na instalação do produto não forem observadas as especificações e recomendações do **Manual do Consumidor** quanto às condições para instalação

do produto, tais como, nivelamento do produto, adequação do local para instalação, tensão elétrica compatível com o produto, etc;

- Na instalação, as condições elétricas e/ou hidráulicas e/ou de gás não forem compatíveis com a recomendada no **Manual do Consumidor** do produto;
- Tenha ocorrido mau uso, uso inadequado ou se o produto tiver sofrido alterações ou modificações estéticas e/ou funcionais, bem como, tiver sido realizado conserto por pessoas ou entidades não credenciadas pela Whirlpool S.A.;
- Houver sinais de violação do produto, remoção e/ou adulteração do número de série ou da etiqueta de identificação do produto.

As garantias legal e/ou especial não cobrem:

- Despesas decorrentes e consequentes de instalação de peças e acessórios que não pertençam ao produto, mesmo aqueles comercializados pela Whirlpool S.A., salvo os especificados para cada modelo no **Manual do Consumidor**;
- Despesas com mão-de-obra, materiais, peças e adaptações

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Certificado de garantia:* O certificado de garantia enuncia detalhadamente todas as cláusulas da garantia dada ao produto. Quanto à garantia adicional, cabe ao fornecedor esclarecer, por meio de termo escrito, no que consiste a garantia, qual é seu prazo e o que ela não cobre (ELETROS, 2005). Assim, o usuário é claramente informado sobre a garantia concedida contra defeitos de fabricação, as exclusões dessa cobertura e sua perda, que poderá ocorrer por condições de uso inadequado, decorrente da não obediência das instruções expressas no manual.

Figura 11- Assistência técnica

ASSISTÊNCIA TÉCNICA OU DE MANUTENÇÃO

Em caso de dúvidas ou de problemas no produto, entre em contato com a Central de Relacionamento KitchenAid. Ao ligar, tenha em mãos o número do modelo e o número de série da sua batedeira. Ambos os números podem ser encontrados na etiqueta, que está localizada na parte inferior da batedeira, para visualizá-la, vire a batedeira e localize uma etiqueta com as informações solicitadas.

Entre em contato com a Central de Relacionamento KitchenAid através dos números de telefone abaixo ou acesse o nosso site.

Capitais e Regiões Metropolitanas: 4004-1759

Demais Regiões: 0800-722-1759

www.kitchenaid.com.br

Fonte: Kitchen Aid, 2012

- *Assistência técnica:* A seção de assistência técnica é o oitavo tópico quanto à estrutura informacional dos manuais de instrução. Aqui, é apresentada a relação de todos os postos que prestam serviço de assistência técnica autorizada em área nacional. Em alguns casos, a lista é um folheto à parte ao invés de se incluir no corpo do manual.

3.4 Advertências e informações de segurança

Uma das etapas necessárias para a comercialização de eletrodomésticos importados no Brasil é a tradução dos manuais de usuário. Uma equipe de tradutores, consultores de mercado e consultores jurídicos se junta para produzir a tradução, na qual o principal desafio é reler o texto de partida, tornando-o adequado à legislação brasileira e escrevendo as orientações de segurança "de uma determinada forma que possam captar a atenção de um consumidor razoavelmente prudente, dentro das circunstâncias de uso do produto"⁵⁴ (TIERSMA, 2002, p. 55, apud COULTHARD; HAGEMEYER, 2015, p.55, tradução nossa).

⁵⁴ in such form that could reasonably be expected to catch the attention of a reasonably prudent [person] in the circumstances of its use

Quando se fala em textos com informações de segurança e advertências, devemos nos atentar às relações entre a produção e a recepção de tais textos. Coulthard (1994, p. 8) aponta que, para se redigir um texto, o escritor deve - mesmo que inconscientemente -, criar um leitor imaginário como sendo o receptor do texto e, dessa forma, traçar um perfil referente ao assunto abordado para iniciar a construção textual. Segundo essa lógica, o tradutor, visto pela perspectiva funcionalista, desempenharia o mesmo ritmo de trabalho que o redator do texto fonte, preocupando-se com aqueles que lerão a tradução a fim de garantir clareza aos perigos.

De acordo com Coulthard; Hagemeyer (2015, p. 56), uns dos principais problemas em textos de caráter instrucional são as construções que geram interpretações dúbias, aliadas às incongruências nas explicações devido à falta de observação do perfil do receptor, que não foi previsto pelo redator e nem pelo tradutor.

Coulthard; Hagemeyer (2015, p. 54) afirmam que, do ponto de vista legal, caso a comunicação do manual seja insuficiente, "o fabricante é o responsável pelos métodos de prevenção de riscos e pelo perigos oferecidos pelo produto e por isso responderá se algum acidente ocorrer ao usuário ou houver dano ao produto"⁵⁵.

Qualquer tentativa de se descrever o que são as representações de segurança se depara com a ambiguidade e a pluralidade de tipos de discursos direto, indireto e condicional, que dependem do contexto de leitura e produção. De acordo com Dumas (1992, p. 267) apud Coulthard; Hagemeyer (2015, p. 55), nenhuma disciplina reconhece uma forma clara e sem ambiguidades para definir as orientações de segurança. Dessa forma, pode ser que o usuário, às vezes, nem reconheça as indicações de segurança, devido à pluralidade de formas do discurso que ainda incute confusões e sentenças vagas.

Tiersma (2002) apud Coulthard; Hagemeyer (2013, p. 34) afirma que existem dois grandes grupos que exercem influência na mensagem transmitida nos manuais: o informativo e o imperativo. Enquanto o primeiro fornece informação sobre os possíveis riscos do produto, ex: "produto inflamável" ou "algumas pessoas podem desenvolver visão turva enquanto fazem uso

⁵⁵ "Legally, it is the product manufactures who are responsible for hazard prevention and therefore who are liable if the consumer and/or his/her possessions suffer any harm, injury or damage."

do medicamento", o segundo tipo detalha as ações necessárias para evitar esses riscos ex: "não aplique o spray perto de chamas ou fontes de ignição" ou "não opere máquinas ou dirija durante o uso desse medicamento".

O autor ainda discute que a efetividade das formas apresentadas dependem da situação. Utopicamente, ambos os tipos deveriam ser usados, mas devido aos limites de espaço, ele sugere que se utilize, preferencialmente, o imperativo, pois a forma direta alerta o leitor sobre o que pode ou não ser feito, embora não se informem diretamente a natureza dos eventuais riscos. Em outras palavras, Tiersma (2002, p. 33) é enfático em dizer que, se os consumidores não forem abordados com discursos diretos, eles podem fazer inferências incorretas, sem saber como evitar certos riscos.

Coulthard; Hagemeyer (2013) consideram a análise de Searle (1969)⁵⁶ sobre advertências e as definem como ideia de que "referem-se a eventos futuros, quando falantes ou ouvintes não estão interessados que eventos aconteçam", mas estes "precisam ter razões para acreditar que estes eventos podem acontecer" (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 31). Desse modo, uma frase como "parar de fumar agora reduz sérios riscos à sua saúde" (DUMAS, 1992, p.169 apud COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 31), poderia ser considerada como uma advertência por não especificar os possíveis eventos ruins decorrentes da ação de fumar. Para que essa frase fosse uma advertência, a inferência imediata do leitor ao lê-la teria que ser "se eu não parar de fumar agora, trarei sérios riscos à minha saúde"; caso contrário, ela se assemelha a uma *promessa*, uma vez que prediz um resultado positivo.

A diferenciação entre *advertência*, *promessa* e *ameaça* é feita por Fraser (1998), que afirma:

Advertências são como promessas quando se referem a uma ação que pode beneficiar o destinatário (...) no caso das *advertências*, a ação é normalmente executada pelo destinatário, que pode escolher ou não, executá-la. Já as *promessas*, a ação é executada pelo falante, que se compromete a executá-la. (...) a principal diferença entre elas (a *promessa* e a *ameaça*) reside no fato das *promessas* serem benéficas para o destinatário, ao passo que as *ameaças* não o são" (FRASER, 1998, apud COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 31).

⁵⁶ SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge UP, 1969.

Quando se fala de advertências, é importante também distinguir as advertências *categóricas* e as *hipotéticas*⁵⁷. A primeira tem o propósito de aconselhar, informando aos ouvintes e leitores que certos resultados seguirão certos modos de comportamento (e.g. fumar causa câncer de pulmão); a segunda, por sua vez, implica um pedido, seguindo a estrutura ‘se X, então Y’ (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 32), ainda que implicitamente (e.g. usuários crônicos de bebidas alcoólicas podem apresentar um risco aumentado de doenças do fígado caso seja ingerida uma dose maior que a dose recomendada). Embora o risco seja explícito em ambos os exemplos, o consumidor precisa inferir como evitá-lo. Exigir do leitor essa inferência retira dele a responsabilidade única de entender as advertências, que deveriam “identificar e descrever a natureza e o perigo do risco, depois (...) deveriam dizer ao leitor como evitá-lo e finalmente, elas deveriam comunicar estas informações em uma linguagem clara e inteligível” (SHUY, 2008, p. 72 apud COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 33).

A advertência em um pacote de pipoca dizendo “cuidado quando abrir, pois o vapor é muito quente” (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 33) é um exemplo dessa escassez de informação, que pode levar a problemas de interpretação. No exemplo, o consumidor é informado somente sobre o perigo implícito, precisando inferir três situações: a) o vapor é liberado só quando o pacote é aberto, b) o vapor pode queimar as mãos, a face ou qualquer outra parte do corpo que entre em contato com o vapor e c) como evitar esse perigo.

Tiersma (2002) apud Coulthard; Hagemeyer (2013, p. 34) aponta que é preciso elencar um número preciso de advertências para dar instruções sobre o perigo real sem sobrecarregar o texto, pois, ao apontar riscos excessivos, as advertências podem ter seu efeito diminuído ou, ainda, levar o leitor a subestimar os riscos a que está exposto - especialmente quando os riscos mais graves se misturam com outros de menor seriedade, visto que eles podem passar despercebidos por leitores menos atentos. O autor exemplifica essa ideia com avisos encontrados em escadas rolantes: “evite pés descalços”, “suas sandálias podem ficar presas na saída da escada rolante”, “cuidado com crianças com sandálias de borracha na escada rolante”. Nenhuma das orientações esclarecem ao leitor a atitude que deve ser tomada para se proteger nas situações

⁵⁷ Cf. DUMAS, 2010, p. 365.

mencionadas, além de contarem com certo excesso de informações que torna provável que o receptor ignore o aviso. Ao leitor atento, podem haver perguntas como: só a sandália infantil de borracha pode ficar presa? Para os adultos é qualquer tipo de sandália? Como procedo caso esteja usando uma sandália adulta de borracha? A intenção do aviso, explica o autor, era reduzir o número de lesões nos pés de crianças quando usavam a escada calçando sandálias tipo *crocs*.

3.4.1 Palavra sinal

A "palavra sinal" é comumente usada em advertências a fim de alertar as pessoas sobre um possível perigo e indicar o nível dessa ameaça. Guias de advertências, como o ANSI (American National Standards Institute) e o SAE (The Society of Automotive Engineers), recomendam o uso de uma palavra sinal, “que é selecionada com base no nível de seriedade do risco, especificamente, a probabilidade e severidade do risco associado a não seguir a mensagem de segurança” (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 34). Entretanto, como afirmam os autores, não existe um consenso a respeito do nível de perigo transmitido por cada uma das palavras sinal.

As palavras sinal mais usadas nos Estados Unidos, segundo Wogalter et al. (1994), são: perigo (danger), advertência (warning), atenção (attention) e cuidado (caution). É possível que o uso de cada uma delas seja influenciado pelo guia de advertência ANSI-Z535, que recomenda o seguinte emprego dessas palavras de acordo com o grau do risco oferecido:

PERIGO: indica uma situação perigosa que, se não evitada, resultará em morte ou ferimento sério.

ADVERTÊNCIA: indica uma situação perigosa que, se não evitada, poderia resultar em morte ou ferimento sério.

CUIDADO: com o símbolo de alerta, indica uma situação perigosa que, se não evitada, poderia resultar em um risco menor ou moderado.

ATENÇÃO: É usada para endereçar práticas não relacionadas a riscos pessoais. (KUNDINGER, 2008, p.15 apud COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p.35)

O mesmo guia ainda sugere o uso de um sinal de alerta - um ponto de exclamação dentro de um triângulo - para se referir a ferimentos pessoais de qualquer risco. Sendo assim, perigo, advertência e cuidado devem ser precedidos por um sinal de alerta.

No Brasil, até onde foi estudado, vigora ainda a Lei 6514/77, Portaria 3214, de 08/06/1978, NR 26-25.6, Disposições sobre a segurança e medicina do trabalho com normas sobre rotulagem. Por não se tratar de uma Lei exclusiva para os sinais de advertência, a Norma Reguladora (NR) dessa Lei dispõe quanto à utilização da cor nas estações de trabalho. No item 26.6.6, a NR informa sobre o uso de palavras de advertência em rótulos perigosos ou nocivos à saúde, sugerindo que sejam adotadas as seguintes palavras: perigo, para indicar substâncias que apresentam alto risco; cuidado para assinalar substâncias que apresentam risco médio; e atenção, relativa a substâncias que apresentam risco leve. Todavia, não se apresentam instruções ou parâmetros para a categorização dos produtos quanto ao seu risco potencial. A ausência dessas informações pode interferir na transmissão adequada da mensagem. Dessa forma, a decisão do grau de perigo informado ao consumidor fica a cargo do responsável pelo desenvolvimento dos rótulos de segurança.

3.4.2 Recursos icônicos

Por "recursos icônicos" entendemos "números, fórmulas, sinais diacríticos, recursos de destaque e de espacialização, além de gráficos, tabelas e ilustrações, todos eles com uma função específica" (AZENHA JUNIOR, 1999, p. 85). O objetivo de estudar a presença destes recursos em manuais de instrução é demonstrar a sua relação contínua com o texto verbal e sua caracterização particular em culturas distintas.

Em manuais de instrução, a representação gráfica dos procedimentos e das advertências é normalmente feita através de elementos textuais aliados a recursos icônicos, com a finalidade de instruir o usuário a respeito da execução de determinada tarefa ou da contra indicação de uma ação. De acordo com Azevedo (2006), a adoção de elementos textuais é mais apropriada para representar os conceitos abstratos e temporais, enquanto as ilustrações são mais eficazes para

representar objetos ou instrumentos, para que um maior nível de detalhamento pode ser observado nas imagens. No caso de aparelhos eletrodomésticos, como pontua a autora, as ilustrações podem ser utilizadas para melhor instruir quanto a forma de montar/desmontar o produto ou a forma correta/incorreta de uso. Esse recurso permite que as informações sejam interpretadas com maior exatidão e mais rapidez do que as palavras, servindo, assim, como lembretes de um perigo (OTSUBO, 1988 apud AZEVEDO, 2006, p. 25).

O emprego do texto associado à ilustração reafirma o que foi apresentado por Barthes (1964) em duas funções diferentes: ancoragem e etapa. A função de ancoragem pode ser vista quando "o texto reforça a informação representada pictoricamente, ou quando a ilustração reafirma o que foi apresentado no texto". Já a de etapa pode ser identificada quando "a imagem funciona como complemento para um texto, ou seja, acrescenta uma informação que não está representada e vice-versa" (AZEVEDO, 2006, p. 25).

No caso das advertências, elementos gráficos, como cores, linhas, tabela, setas e etc., podem ser empregados no modo de representação pictórica para ilustrar um procedimento, e, quando são associados à diagramação, podem estabelecer a configuração gráfica de tais advertências. Pode-se utilizar os pictogramas apenas com os avisos de perigo/segurança ou associá-los, como medidas complementares, à informação textual. O uso de pictogramas se disseminou, atualmente, na tentativa de resolver alguns problemas da internacionalização dos mercados, evitando o excesso de exposição a informações que devem ser transmitidas em diversas línguas.

Entendemos ser necessária a definição de alguns conceitos expostos. Ilustrações, símbolos e pictogramas, como representantes de recursos icônicos, ficam doravante definidos como:

- *Figura/ilustração:* é uma fotografia realista ou desenho de um objeto sobre aquela informação;

Figura 12- Representação de corte com a faca elétrica

Fonte: Cuisinart, 2012

- *Símbolo:* uma configuração, consistindo em uma imagem que explique uma mensagem sem o uso de palavras. A palavra “símbolo” inclui artes gráficas como pictogramas, ícones e elementos pictóricos;

Figura 13- símbolo de descarte e reciclagem

Protecting the environment

Separate collection. This product must not be disposed of with normal household waste.

Should you find one day that your Black & Decker product needs replacement, or if it is of no further use to you, do not dispose of it with household waste. Make this product available for separate collection.

Separate collection of used products and packaging allows materials to be recycled and used again. Reuse of recycled materials helps prevent environmental pollution and reduces the demand for raw materials.

Fonte: Black & Decker, 2010

- *Pictograma*: é uma série de figuras associadas que visa fornecer informação sobre uma sequência de ações a ser executada (PETTENDORFER, 2006, p. 27-29).

Figura 14- exemplo de pictograma

Fonte: Hamilton Beach, 2007

Ainda sobre os pictogramas, lemos:

“pictogramas são signos de comunicação visual, gráficos e sem valor fonético, de natureza icônica figurativa e de função sinalética. São auto-explicativos e apresentam como principais características: concisão gráfica, densidade semântica e uma funcionalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras lingüísticas.” (VOLLMER, 2012, p. 153 APUD PETTENDORFER, 2006, p. 30).

A importância dos pictogramas destaca-se quando estes são capazes de comunicar, rapidamente, conceitos e instruções, facilitando a compreensão para pessoas com problemas de visão ou falta de familiaridade com determinada língua usada na mensagem, que teriam dificuldade no acesso à mensagem escrita - como é o caso de crianças, idosos, estrangeiros ou analfabetos (PETTENDORFER, 2006, p. 30)

3.4.3 A questão da acessibilidade nos manuais de usuários de eletrodomésticos

Identificamos, durante a leitura do corpus de análise, que quatro dos cinco manuais traduzidos possuíam orientações de segurança referentes a pessoas com algum tipo de limitação ou deficiência. Dessas quatro traduções, apenas uma delas reflete uma orientação já presente no texto fonte em inglês. É importante ressaltar que os produtos descritos nos manuais estudados podem gerar acidentes ou ferimentos graves, tornando imprescindível a existência de orientações acessíveis por todo tipo de usuário nesses manuais, - já que, como afirmam Coulthard; Hagemeyer (2015, p.54), do ponto de vista legal, o fabricante é o responsável por todos os métodos de prevenção de perigos oferecidos pelo produto e deve responder legalmente em caso de acidentes devido à comunicação falha do manual.

No manual do cortador de grama da fabricante Black&Decker, a especificação vem tanto no texto fonte, em inglês, como no texto de chegada, em português:

This appliance is not intended for use by persons (including children) with reduced physical, sensory or mental capabilities or lack of experience and knowledge, unless the have been given supervision or instruction concerning use of the appliance by a person responsible for their safety (BLACK&DECKER, 2010 p. 14).

Este aparelho não deve ser usado por pessoas (incluindo crianças) que não estejam adequadas, ou que não tenham experiência e conhecimento, a menos que estejam sendo supervisionadas ou tenham sido instruídas sobre o uso do aparelho por uma pessoa que se responsabiliza pela segurança destas pessoas (BLACK&DECKER, 2010, p. 10).

Já nos manuais do liquidificador, da batedeira e da faca elétrica, a orientação de segurança aparece apenas no texto de chegada em português:

Este aparelho não se destina ao uso por pessoas (incluindo crianças) com redução das capacidades física, sensorial ou mental, ou falta de experiência e conhecimento, a não ser que tenham sido supervisionadas ou dadas instruções relativas à utilização do aparelho por uma pessoa responsável pela sua segurança. Se houver falta de entendimento sobre estes riscos, a pessoa responsável pela sua segurança deve impedir a utilização do aparelho ou tomar precauções para eliminar tais riscos (KITCHEN AID, 2012, p. 3).

Este aparelho não deve ser utilizado por pessoas (inclusive crianças) com capacidade mental, física ou sensorial reduzida, ou sem conhecimento e experiência, a não ser que tenham sido instruídas sobre seu uso pelo responsável pela sua segurança (HAMILTON BEACH, 2014, p. 2).

Este aparelho não pode ser usado por pessoas (inclusive crianças) com capacidade física, sensorial ou mental reduzida ou sem experiência e sem as devidas instruções quanto ao uso do aparelho pela pessoa responsável por sua segurança (CUISINART, 2012, p. 2).

Parece óbvio que as empresas queiram proteger-se do mau uso do seus produtos a fim de evitar processos e outras complicações. No entanto, essas orientações violam as leis brasileiras de acessibilidade, pois não presumem o uso dos produtos por pessoas com deficiência que, por mais que tenham “capacidade física, sensorial ou mental reduzida”, levam uma vida cotidiana como qualquer outro cidadão.

Desde a Constituição brasileira de 1988, o governo vem avançando nas leis, decretos e legislações para promover a garantia dos direitos das pessoas com deficiência. As leis nº 10.098, do ano 2000 - que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida -, e nº 13.146, de 2015, que institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) são referências em leis de acessibilidade em toda a América latina⁵⁸.

Acessibilidade, conforme os principais documentos brasileiros, é entendida como:

“Acessibilidade – possibilidade e condição de alcance para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como de outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privados de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida” (BRASIL, 2000).

De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), em todo o planeta há aproximadamente 650 milhões de pessoas que possuem algum tipo de deficiência. Só no Brasil,

⁵⁸ As leis e os decretos a respeito de pessoas com deficiência e acessibilidade são extensas. Consulte 4.1.3.1

segundo o Censo 2010 divulgado em 2012 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essa parcela representa 23,9 % dos brasileiros - ou quase 46 milhões de habitantes⁵⁹.

A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes de 1975, feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), postula que é portadora de deficiência “qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas, sensoriais ou mentais” (ONU, 1975 apud SASSAKI, 2009, p. 1).

O direito à acessibilidade é regulamentado no Brasil pela norma brasileira 9050 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e se baseia no direito constitucional de igualdade previsto na Constituição Federal de 1988, que garante o direito à cidadania e à dignidade da pessoa humana. A execução da norma é contemplada na legislação federal através do Decreto n.º 3.298/99, que prevê uma política nacional para integração da pessoa portadora de deficiência e consolida as normas de proteção (NONATO, 2013). As leis, normas e decretos acima citados são fundamentais para que a pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida defenda seus interesses, pois visa efetivar os direitos a ela assegurados, principalmente em relação à acessibilidade.

Ferreira (2009) aponta que muitas empresas não se adaptaram aos parâmetros e critérios de acessibilidade estabelecidos pela ABNT, alegando falta de demanda do público com deficiência. Para garantir o cumprimento de tais normas, o CONADE (Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência) tem se esforçado no desenvolvimento e na avaliação de políticas inclusivas, através da publicação de leis, decretos e normas que passem a conscientizar e responsabilizar a sociedade, seja no âmbito civil, público ou privado, a respeito da importância de promover e assegurar condições de igualdade, direitos e liberdades fundamentais aos deficientes, visando sua inclusão social e cidadania.

Para auxiliar no cumprimento de tais leis, Sassaki (2009, p. 1) sugere uma organização metodológica dos tipos de acessibilidade previstas por lei na atualidade: 1) dimensão

⁵⁹ <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf> acesso em 12/04/18

arquitetônica, que exclui barreiras físicas; 2) dimensão comunicacional, que exclui as barreiras na comunicação interpessoal; 3) dimensão metodológica, que exclui as barreiras nos métodos e nas técnicas de lazer, trabalho, educação etc.; 4) dimensão instrumental, que exclui barreiras com instrumentos, ferramentas, utensílios etc.; 5) dimensão programática, que exclui barreiras embutidas em políticas públicas, legislações, normas etc., e, por fim, 6) dimensão atitudinal, que exclui preconceitos.

Pensando na acessibilidade dos manuais de eletrodomésticos enquanto textos, a dimensão comunicacional prevê a adequação da comunicação escrita à pessoas com cegas ou com baixa, por exemplo, incluindo textos em braile, com letras ampliadas, bem como a leitura automática e a alteração do contraste, além de outros caminhos possíveis para promover a acessibilidade digital. Essa, de acordo com o Instituto de Tecnologia Social (ITS - BRASIL)⁶⁰, compreende um conteúdo online que possa ser acessado, percebido e compreendido, além de receber interação de qualquer usuário com autonomia e sem barreiras. Nesse quesito, nenhum dos sites dos produtos analisados nessa sessão promove o acesso a deficientes. Na acessibilidade dos produtos em si, a dimensão instrumental de acessibilidade - que prevê adequação dos aparelhos, equipamentos, máquinas, ferramentas e outros dispositivos que fazem parte dos locais de lazer, trabalho e vida diária - não é contemplada. Não há adequação e nem indicação de que essa adequação possa ocorrer por parte da empresa, mostrando que são ignoradas as limitações físicas, sensoriais e mentais das pessoas com deficiência.

Mesmo com movimentos gerais ocorrendo, é necessário avaliar que em nenhum dos manuais traduzidos aqui estudados está prevista a acessibilidade ou a inclusão de pessoas com deficiência. Quando um produto não é pensado de forma inclusiva e não há sequer um manual que instrua sobre sua utilização caso o consumidor seja portador de deficiência, a vida cotidiana dessa pessoa fica limitada. Até o momento da redação deste trabalho, não existem movimentos para incluir, em manuais de eletrodomésticos, orientações específicas e inclusivas para o uso dos produtos por portadores de deficiência. Caso algum acidente ocorra durante o uso do produto, a empresa é a única que possui respaldo para se proteger de uma ação de danos.

⁶⁰ <http://itsbrasil.org.br/2018/04/27/acessibilidade-digital-o-que-e/>

Questionamos se o fato de portadores de necessidades especiais serem mais citados nos manuais em português brasileiro do que em inglês americano poderia indicar um aspecto cultural presente no texto traduzido - é possível pensar, por exemplo, que no Brasil as questões de deficiências e de inclusão tenham um maior respaldo do que nos Estados Unidos. Diante disso, analisamos o último censo dos dois países, bem como a legislação, as leis e os decretos de cada um deles referentes a acessibilidade e deficiências. Confira a tabela a seguir:

Quadro 9: Comparação do Censo 2010 entre Brasil e Estados Unidos

	Brasil	Estados Unidos
População geral Censo 2010	190,7 milhões	308,7 milhões
População deficiente Censo 2010	45,6 milhões	56,7 milhões
População deficiente Censo 2010 em %	23.9%	18.6%

Fonte: Cartilha do Censo, 2012; United States Census Bureau⁶¹; 2012

Mesmo a população estadunidense sendo maior em número, a porcentagem de pessoas portadoras de deficiência no último censo, se comparada ao número total de habitantes, é menor do que a brasileira - uma diferença de 5,3 %. Como uma fatia grande da população brasileira é portadora de alguma deficiência, isso poderia certamente se refletir na menção desse público nos manuais.

A legislação brasileira conta com um número extenso de leis e decretos que garantem os direitos dos portadores de deficiência. Além da Constituição de 1988, são trinta e três leis e vinte e um decretos totalizando cinquenta e cinco documentos oficiais entre 1962 e 2015. Abaixo, se encontra o detalhamento dos documentos:

⁶¹ <https://www.census.gov/newsroom/releases/archives/miscellaneous/cb12-134.html>

Quadro 10: Legislação brasileira da pessoa com deficiência

Ano de sanção	Constituição	Lei	Decreto
1962	*	Lei nº 4.169	*
1982	*	Lei nº 7.070	*
1985	*	Lei nº 7.405	*
1988	Constituição Federal da República Federativa do Brasil	*	*
1989	*	Lei nº 7.853	*
1991	*	Lei nº 8.160	*
1993	*	*	Decreto nº 914
1994	*	Lei nº 8.899	*
1995	*	Lei nº 8.989	*
1998	*	Leis nº 9.610, nº 9.777	*
1999	*	*	Decreto nº 3.298
2000	*	Leis nº 10.048, nº 10.050, nº 10.098	Decreto nº 3.691
2001	*	Lei nº 10.226	Decreto nº 3.956
2002	*	Lei nº 10.436	*
2003	*	Leis nº 10.683, nº 10.708, nº 10.753, nº 10.754	*
2004	*	Lei nº 10.845	Decreto nº 5.296
2005	*	Leis nº 11.126 Lei nº 11.133 Lei nº 11.180	Decreto nº 5.626
2006	*	Lei nº 11.307	Decreto nº 5.904
2007	*	*	Decretos nº 6.039, nº 6.214
2008	*	Lei nº 11.692	Decreto Legislativo nº 186

2009	*	Lei nº 11.982	Decretos nº 6.980, nº 7.037, nº 6.949
2010	*	Leis nº 12.190, nº 12.319	Decretos nº 7.235, nº 7.256
2011	*	Lei nº 12.470	Decretos nº 7.512, nº 7.612, nº 7.613, nº 7.617, nº 7.660
2012	*	Leis nº 12.587, nº 12.608, nº 12.613, nº 12.622	Decreto nº 7.705
2015	*	Lei nº 13.146	*

Fonte: Secretaria Especial dos Direitos da Pessoa com Deficiência ⁶²

Os Estados Unidos contam com quatorze documentos oficiais entre 1968 e 2012 que garantem os direitos dos cidadãos estadunidenses. Segue abaixo um quadro que expõe o ano de sanção de cada documento.

⁶² disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/legislacao>

Quadro 11: Legislação estadunidense da pessoa com deficiência

Ano de sanção	Atos
1968	Architectural barriers act
1973	Rehabilitation act
1975	Individuals with disabilities education act
1980	Civil rights of institutionalized persons act
1984	Voting accessibility for the elderly and handicapped act
1986	Air carrier access act
1988	Fair housing amendments act
1990	Americans with disabilities act
1993	National voter registration act
1994	American with disabilities act
1996	Telecommunications act
1997	Civil rights of institutionalized persons act
2010	American with disabilities act
2012	American with disabilities act

Fonte: U.S. Department of Justice⁶³

3.4.3.1 Acessibilidade: um breve histórico

O termo acessibilidade originou-se, na década de 1940, para designar a condição de acesso das pessoas com incapacidades funcionais e se relaciona ao surgimento dos serviços de reabilitação física e profissional (Xavier-Gomes, 2013). Nos anos 50, um movimento que surgiu

⁶³ <https://www.ada.gov/cguide.htm>

junto aos profissionais de reabilitação denunciava a existência de barreiras físicas em espaços urbanos, edifícios e meios de transporte coletivo que impediam ou dificultavam a locomoção de pessoas com deficiência. Foi assim que, na década de 60, muitas universidades americanas iniciaram a eliminação das barreiras arquitetônicas existentes em seus recintos: em áreas externas, estacionamentos, salas de aula, laboratórios, bibliotecas, lanchonetes, etc (SASSAKI, 2009, p. 9).

Sasaki (2009, p. 9) aponta que, nos anos 70, houve o surgimento do primeiro centro de vida independente do mundo, em Berkeley, Califórnia (EUA), e de outras centenas de centros que impulsionaram o exercício da independência (tomada de decisões) e da autonomia (funcionalidade) de pessoas com deficiência. Em 1975, a ONU publicou a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, que afirma: “As pessoas deficientes, qualquer que seja a origem, natureza e gravidade de suas deficiências, têm os mesmos direitos fundamentais que seus concidadãos da mesma idade” (ONU, 1975 apud SASSAKI, 2009, p. 9).

A década de 80 é marcada pelo lema “Participação Plena e Igualdade”, que levou pessoas com deficiência a desencadear campanhas mundiais para alertar a sociedade a respeito das barreiras arquitetônicas e exigir não apenas a eliminação delas como também a não-inserção de barreiras já nos projetos arquitetônicos. A ONU, nessa época, publicou o "Programa Mundial de Ação Relativo às Pessoas com Deficiência", que estipula que “Os países membros devem trabalhar em prol de um ambiente físico acessível para todos, abrangendo as pessoas com vários tipos de deficiência” (ONU, 1983 apud SASSAKI, 2009, p. 9).

A década de 90, por sua vez, é marcada pelo surgimento do conceito de desenho universal, que estipula que os ambientes, meios de transporte e utensílios devem ser projetados para todos, além do paradigma da inclusão e da visão de diversidade humana – ampliando o conceito de acessibilidade para abranger dimensões arquitetônicas, comunicacionais, atitudinais etc. A ONU promove mais um documento chamado "Normas sobre a Equiparação de Oportunidades para Pessoas com Deficiência", que diz:

“Os países membros devem iniciar medidas que removam os obstáculos à participação no ambiente físico. Tais medidas devem desenvolver padrões e diretrizes e considerar a promulgação de leis para garantir a acessibilidade a várias áreas da sociedade, tais como moradia, edifícios, serviços de transportes públicos e outros meios de transporte, ruas e outros ambientes externos” (ONU, 1993 apud SASSAKI, 2009, p. 9).

Ao final dessa década, é publicada a "Carta para o Terceiro Milênio" que afirma:

“O século 20 demonstrou que, com inventividade e engenhosidade, é possível estender o acesso a todos os recursos da comunidade - ambientes físicos, sociais e culturais. No século 21, nós precisamos estender este acesso - que poucos têm - para muitos, eliminando todas as barreiras ambientais que se interponham à plena inclusão deles na vida comunitária” (REHABILITATION INTERNATIONAL, 1999 apud SASSAKI, 2009, p. 9).

Por fim, os anos 2000 são marcados por uma intensa luta pelo cumprimento das leis de acessibilidade e pelo direito de ir e vir das pessoas com deficiência, que se incorporam à defesa de todos os direitos humanos. A ONU publica, na "Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência", um documento que estipula no seu artigo 9º que:

"A fim de possibilitar às pessoas com deficiência viver com autonomia e participar plenamente de todos os aspectos da vida, os Estados Partes deverão tomar as medidas apropriadas para assegurar-lhes o acesso, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, ao meio físico, ao transporte, à informação e comunicação, inclusive aos sistemas e tecnologias da informação e comunicação, bem como a outros serviços e instalações abertos ou propiciados ao público, tanto na zona urbana como na rural" (ONU, 2006 apud SASSAKI, 2009, p. 9).

O trecho acima embasa a necessidade de tornar os manuais de instrução de eletrodomésticos mais acessíveis a pessoas com deficiência, pois esses produtos fazem parte da vida cotidiana do ser humano e precisam ter seus materiais instrucionais adequados a todos. Assim, é possível garantir não só a instrução, mas também a segurança do usuário com deficiência através de orientações de segurança adequadas a este público. No capítulo seguinte, exploraremos a temática das orientações de segurança, através da análise dos manuais que compõem o corpus.

4 ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES DE SEGURANÇA EM MANUAIS DE ELETRODOMÉSTICOS

O quarto capítulo desta dissertação, intitulado "Análise das orientações de segurança em manuais de eletrodomésticos", tem como objetivo promover o encontro entre teoria e prática, exemplificando com trechos do corpus a expressão da cultura nas orientações de segurança de manuais de eletrodomésticos. Primeiramente, apresentamos os manuais que compõem o corpus e os parâmetros de análise utilizados para este trabalho (*4.1 Apresentação do corpus e parâmetros de análise*); em seguida, discutem-se as diferentes representações de perigo nos trechos do corpus em inglês e em português (*4.1.1 A realidade do perigo por uso de eletrodoméstico: comparação de dados entre Estados Unidos e Brasil*), além dos aspectos mais relevantes encontrados no corpus, como a questão da segurança infantil (*4.1.2 A segurança infantil no ambiente doméstico e o uso de eletrodomésticos: comparação de dados entre Estados Unidos e Brasil*). Na segunda parte do capítulo, discorre-se a respeito do uso dos recursos icônicos nos manuais estudados e dos possíveis traços culturais presentes nesses elementos (*4.2 Emprego dos recursos icônicos: tabelas, ilustrações, símbolos e pictogramas*).

4.1 Apresentação do corpus e parâmetros de análise

Com vistas à consecução do objetivo proposto para este trabalho de identificar como os aspectos culturais, em específico as advertências e as orientações de segurança, se apresentam na tradução de manuais de produtos de uso doméstico, apresentaremos a seguir o corpus de análise deste trabalho, composto por cinco manuais de usuários de produtos diferentes de origem estadunidense, mas comercializados também no Brasil. A escolha do corpus se justifica uma vez que os produtos de uso doméstico são de uso comum, mas envolvem cuidados de segurança importantes para que o consumidor os utilize. Além disso, os consumidores desse tipo de produto são de ambos os sexos e das mais variadas idades, o que exige cuidados por parte do fabricante.

Iniciamos a seleção do corpus pesquisando quais empresas estadunidenses de eletrodomésticos comercializavam seus produtos no Brasil e possuíam site oficial em português

brasileiro, onde disponibilizassem os manuais de cada produto em PDF. Seleccionamos 5 manuais: 1) o manual da batedeira modelo KEA33 da fabricante Kitchen Aid⁶⁴, 2) o manual do cortador de grama modelo GR3800 da fabricante Black & Decker⁶⁵, 3) o manual da faca elétrica modelo CEK40 da Cuisinart⁶⁶, 4) o manual do liquidificador modelo 51101 da fabricante Hamilton Beach⁶⁷ e 5) o manual do vaporizador para passar roupa modelo Steamworks Pro da fabricante Singer⁶⁸. Embora nenhum dos manuais seleccionados mencione tratar-se de uma tradução, o fato dos textos acompanharem o mesmo produto em culturas diferentes, com uma mesma função (apresentar a uma comunidade de consumidores o produto oferecido) foi o critério de partida para considerar um texto como tradução do outro. O elo e a base de comparação entre os textos do corpus são, portanto, sua função.

Todos os manuais foram baixados em formato PDF através dos sites oficiais. Os manuais em inglês foram baixados dos sites estadunidenses e os em português, dos sites brasileiros, com exceção apenas das versões do manual do cortador de grama da fabricante Black & Decker, que encontram-se na mesma brochura no site brasileiro.

O **primeiro manual** seleccionado foi o da batedeira modelo KEA33 da fabricante Kitchen Aid. Em inglês, o manual é dividido em instruções e receitas, porém trabalharemos apenas com a primeira parte, de instruções, que possui 4291 palavras divididas em 13 páginas, com capa e ilustrações coloridas, além de informações de segurança sinalizadas com as cores referentes ao nível de perigo de cada fase de uso do produto: laranja para avisos e vermelho para perigos. A linguagem é simples e concisa, em sua maioria no modo imperativo, e tem uma redação

⁶⁴ A venda deste modelo foi descontinuada nos Estados Unidos e o link do **manual em inglês** no site foi apagado. Por isso, disponibilizamos o link através de outra fonte. <https://www.manualslib.com/manual/372143/Kitchenaid-K45sswh.html?page=4#manual>

Manual em português <https://kitchenaid.custhelp.com/euf/assets/manuais/KEA33CV.pdf>

⁶⁵ **Link do manual em português e inglês** <http://www.bdferramentas.com.br/manuais/GR3800.pdf>

⁶⁶ **Manual em inglês** <https://www.cuisinart.com/share/pdf/manuals/cek-40.pdf>

Manual em português com o link direcionado direto da página oficial do site <http://manuais.servicos.ws/4081270045.pdf>

⁶⁷ **Link manual em inglês** <http://useandcares.hamiltonbeach.com/files/840123204.pdf>

Link manual em português <http://useandcares.hamiltonbeach.com/files/840248000.pdf>

⁶⁸ **Link do manual em inglês** http://www.singerco.com/uploads/download/1296_5738-svp_instructionswp.pdf

A venda on-line do produto no site foi descontinuada no Brasil e o link original do **manual em português** foi apagado. Disponibilizamos outro link para acesso: <http://conteudoproduto.magazineluiza.com.br/manual/08/088798000/manual.pdf>

repetitiva acerca das instruções de segurança que é característica do gênero analisado. Em português, o manual conta apenas com as instruções e possui 3906 palavras, divididas em 16 páginas, com ilustrações e texto em preto e branco, com uma linguagem acessível no modo imperativo. A seguir, as imagens do manual da batedeira Kitchen Aid em ambas as línguas:

Figura 15- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e português da batedeira Kitchen Aid KEA33

Fonte: Kitchen Aid, 2009; 2012

O **segundo manual** selecionado foi o do cortador de grama modelo GR3800 da fabricante Black & Decker. Os manuais deste produto fazem parte de um arquivo único com o texto fonte, em inglês, e as traduções para o português e espanhol. Apesar de os manuais em inglês e em português possuírem 9 páginas, o primeiro conta com 2358 palavras e o segundo, com 2831 palavras. O manual tem escrita fluida e detalhada acerca das especificações e do funcionamento do produto e usa o modo imperativo. A seguir, as imagens do manual do cortador de grama Black&Decker em ambos os idiomas:

Figura 16- Capa e conteúdo dos manuais em inglês e em português do cortador de grama modelo GR3800 da fabricante Black & Decker.

Fonte: Black & Decker, 2010

O **terceiro manual** selecionado foi o da faca elétrica modelo CEK40 da Cuisinart. Em inglês, o manual foi publicado no ano 2000 e possui 8 páginas, totalizando 2605 palavras. A capa é colorida, com especial destaque ao modelo da faca elétrica, mas o texto e as ilustrações ao longo do manual são em preto e branco. A linguagem é acessível ao leitor consumidor, em sua maioria no modo imperativo, e conta ainda com a repetição das principais informações de

segurança. O manual é detalhado e possui introdução ao produto, informações importantes, seus benefícios, descrição do modo de uso e dos cuidados, bem como dicas e explicações sobre a garantia. A organização da capa e dos conteúdos é a mesma em língua portuguesa, distinguindo-se apenas quanto à seção de garantia, que ocupa uma página inteira em português e só metade em inglês, fazendo com que o manual em português tenha, no total, 9 páginas e 2395 palavras. A seguir, as imagens do manual da faca elétrica Cuisinart em ambas as línguas:

Figura 17- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português da faca elétrica Cuisinart CEK40

Fonte: Cuisinart, 2000; 2012

O quarto manual selecionado foi o do liquidificador modelo 51101 da fabricante Hamilton Beach. Em inglês, o manual é do ano de 2007, possui 6 páginas e 968 palavras, é todo

em preto e branco e não possui fotos do produto, apenas ilustrações do mesmo. O texto conta com muitas ilustrações e pouco texto, mas este último é claro e fluido. Em português, a publicação data de 2014 e conta com 8 páginas e 969 palavras. As ilustrações e orientações de uso do produto são as mesmas do manual fonte. Seguem abaixo as imagens do manual do liquidificador Hamilton Beach em ambas as línguas:

Figura 18- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português do liquidificador 1101 da Hamilton Beach

Fonte: Hamilton Beach, 2007; 2014

E por fim, o quinto e último manual escolhido foi do vaporizador para passar roupa modelo Steamworks Pro da fabricante Singer. Em inglês, o manual publicado no ano de 2010 conta com 14 páginas e 2886 palavras. Os manuais em ambas as línguas possuem a mesma

diagramação e ilustrações em preto e branco. Em português, a tradução, de 2012, tem 15 páginas e 3085 palavras. Em ambos os textos, as orientações são dadas em modo imperativo e têm extensas explicações sobre as particularidades do produto. A seguir, as imagens do manual do vaporizador Singer em ambas as línguas:

Figura 19- Comparação de capa e conteúdo do manual em inglês e em português do vaporizador para passar roupa Steamworks Pro da Singer.

Fonte: Singer, 2010/2012

A **diferença no número de páginas** entre os manuais estudados e suas traduções, sendo 50 páginas de texto fonte e 57 de tradução, nos levou à investigação, na busca de elementos relevantes que pudessem justificar essa variação e expor diferenças culturais entre os textos. Constatamos que isso se deu principalmente pela discrepância no número das **orientações de segurança**, em especial da parte elétrica. Comparando os textos de partida (TP) e os textos de chegada (TC), observamos que, no todo, os TP possuíam 196 orientações e os TC possuíam 226 orientações, totalizando uma diferença de 13,3%. Essa diferença na porcentagem foi suficiente para iniciarmos uma análise do léxico dos textos com o objetivo de apurar como as palavras usadas em ambas as versões dos manuais, poderiam representar as culturas nas quais os textos se inserem.

É importante lembrar que textos instrucionais estabelecem uma relação de responsabilidade do fabricante com o uso do produto pelos consumidores (ZAVAGLIA et al., 2011). Por isso, não é de se espantar que sejam extensas e recorrentes as recomendações de segurança para produtos que possuem agentes cortantes, perfurantes, de alta temperatura ou que possam causar choque elétrico, como os produtos representados pelo corpus. Essas recomendações de segurança buscam mostrar ao leitor os perigos oferecidos pelo produto e ensiná-lo a evitar ações que possam acarretar qualquer dano.

Assim, no capítulo a seguir apresentaremos a análise das orientações de segurança presentes no corpus, apoiando nossos apontamentos em dados governamentais brasileiros e estadunidenses como forma de embasar e validar as discussões que propomos para este trabalho.

Os dados governamentais brasileiros foram fornecidos através de relatórios oficiais do Sistema Inmetro de Monitoramento de Acidentes de Consumo, o SINMAC, que identifica os produtos e serviços que mais oferecem riscos à saúde e à segurança dos consumidores brasileiros. Os dados estadunidenses, por sua vez, são de dois órgãos, o *Consumer Product Safety Commission* (CPSC), agência regulatória que visa proteger a população estadunidense de riscos e mortes que podem ser causados pelo uso de produtos - desde cafeteiras até brinquedos -, e o *National Electronic Injury Surveillance System* (NEISS), que coleta dados anuais da causa de internações hospitalares por todos os Estado Unidos.

4.1.1 A realidade do perigo por uso de eletrodoméstico: comparação de dados entre Estados Unidos e Brasil

Os eletrodomésticos fazem parte da vida cotidiana da população e, mesmo que utilizados por alguém que tenha experiência em seu manuseio, estão propícios a causar queimadura, intoxicação, choque elétrico, queda e etc., como indicam os dados do sistema Inmetro de Monitoramento de Acidentes de Consumo (SINMAC). O último relatório feito em 2017 mostrou que os eletrodomésticos, em conjunto com os produtos eletrônicos, estão em segundo lugar na lista de causadores de acidentes de consumo, sendo citados por 16,5% dos consumidores que apresentaram relatos ao instituto. Na família "eletrônicos e eletrodomésticos", o segundo corresponde a 59% dos casos relatados. Abaixo, as outras famílias que mais receberam reclamações em 2017 (INMETRO, 2017, p. 37).

Quadro 12: Famílias mais relatadas

Fonte: Inmetro, 2017, p.17

Um acidente de consumo ocorre quando "um produto ou serviço prestado provoca dano ao consumidor, quando utilizado ou manuseado de acordo com as instruções de

uso" (INMETRO, 2017 p.1). Isso inclui, por exemplo, quedas provocadas por uma escada doméstica, choques elétricos ocasionados por eletrodomésticos ou cortes devido à abertura de embalagens. Seguem alguns outros exemplos de acidentes de consumo relatados em 2017.

Quadro 13: Produtos mais relatados

Fonte: Inmetro, 2017, p. 19

De acordo com o Inmetro, os eletrodomésticos que mais causaram acidentes de consumo no Brasil em 2017 foram fogões (64%), refrigeradores (10%) e lavadoras de roupa (7%), sendo queimadura a lesão mais incidente, representando 29% dos casos, seguida de cortes, com 24%, e choque elétrico em 3% dos casos. Houve uma diminuição brusca no número de acidentes relatados nos últimos anos pelo documento: em 2015, haviam ocorrido quarenta e oito reclamações; em 2016, trinta e oito e, em 2017 - data da última publicação -, apenas treze reclamações. O documento não relata os possíveis motivos da diminuição do número de casos, tornando inviável qualquer tentativa de avaliar, por exemplo, se o uso das instruções de segurança resultaram em efeitos protetores ao consumidor. Abaixo, segue o detalhamento dos dados sobre eletrodomésticos expostos acima.

Quadro 14: Família “eletrônicos e eletrodomésticos”

Subfamílias	Produtos mais reclamados	Principais lesões	Antes	2015	2016	2017	Total Geral
Eletrodoméstico	Fogão (64%), Refrigerador (10%), Lavadora de roupa (7%).	Queimadura (29%), Corte (24%), Choque elétrico (3%).	126	48	38	13	225
Eletroportáteis	Liquidificador (19%), Ferro elétrico (15%), Sanduicheira (10%).	Queimadura (21%), Corte (19%), Choque elétrico (6%).	44	16	14	8	82
Climatização e refrigeração	Ventilador (58%), Aquecedor elétrico (15%), Condicionador de ar (15%).	Corte (12%), Choque elétrico (9%), Queimadura (9%).	19	6	4	4	33
Telecomunicações e informática	Telefone celular (35%), Notebook (27%).	Choque elétrico (31%), Queimadura (15%).	12	8	3	3	26
Televisores, som e vídeo	Televisão (64%), Aparelho de som (14%).	Corte (21%), Choque elétrico (14%).	11	2		1	14
Serviço de instalação	Instalação de aquecedores (100%).	Corte (50%).	2				2
Total Geral	-	-	214	80	59	29	382

Eletrônicos e eletrodomésticos

A subfamília “Eletrodoméstico” corresponde a 59% dos acidentes da família.

“Fogão” e “Chuveiro elétrico” estão entre os produtos mais reclamados do Sinmac em 2017.

As principais lesões com “Fogões” correspondem a corte, queimadura e choque elétrico.

Principais lesões: Queimadura (24%), Corte (21%), Choque elétrico (7%).

Fonte: Inmetro (2017, p. 37)

Já nos Estados Unidos, os dados estatísticos dos acidentes de consumo são fornecidos pelo *Consumer Product Safety Commission* (CPSC) e coletados principalmente a partir de registros hospitalares, através do *National Electronic Injury Surveillance System* (NEISS), revelando que ocorrem cerca de 36 milhões de acidentes de consumo por ano no país e que, desse número, apenas 10 milhões de casos geram atendimento médico. Como resultado, estima-se aproximadamente 35 mil mortes por ano e um gasto de US\$ 1 trilhão decorrente de tratamento de vítimas, pagamento de indenizações e danos a propriedades.

O último relatório publicado em 2017 conta com catorze categorias de produtos:⁶⁹

⁶⁹ Categorias como no documento: 1) nursery equipment; 2) toys; 3) sports & recreational equipment; 4) home comm'n & entertainment; 5) personal use item; 6) household containers; 7) yard & garden equipment; 8) home workshop equipment; 9) home maintenance; 10) general household appliances; 11) heating, cooling, vent. equipment; 12) home furnishings & fixtures; 13) home structures & const. mat.; 14) miscellaneous products.

Quadro 15: Categorias de produtos⁷⁰

Posição	Categoria de produtos	Produtos	Nº de acidentes em 2017
1º	Equipamentos esportivos e recreativos	Equipamentos para natação, futebol, trampolim e etc.	105,811
2º	Materiais de construção	Cercas, janelas, maçanetas e etc.	98. 576
3º	Móveis e iluminação	Mesas, espelhos, luminárias e etc.	91,721
4º	Itens de uso pessoal	Roupas, depiladores, secador de cabelo e etc.	14,715
5º	Armazenamento doméstico	Jarras, potes, latas e etc.	8,382
6º	Brinquedos	*	8329
7º	Utilidades de quintal e jardim	Cortador de grama, equipamento de jardinagem e etc.	6809
8º	Ferramentas	Serras, soldas, martelos e etc.	6190
9º	Eletrodomésticos	Refrigeradores, batedeiras, liquidificadores e etc.	4628
10º	Manutenção doméstica	Produtos e equipamentos de limpeza, tintas e etc	4603
11º	Produtos para bebês	*	3471
12º	Produtos diversos	Elevadores, fogos de artifício, combustíveis e etc.	2896
13º	Aquecimento, resfriamento e ventilação	Lareiras, aquecedores, ar condicionado e etc.	2773
14º	Entretenimento doméstico	Televisão, equipamentos de som e etc.	2683

Fonte: NEISS, 2017

⁷⁰ As categorias "brinquedos" e "produtos para bebês" não contam com exemplos de produtos no documento.

A categoria de eletrodoméstico vem em 9º lugar, com 4628 casos de lesões registrados no total, dividida em quatro subcategorias: 1) fogões, fornos e etc.; 2) refrigeradores e freezers; 3) pequenos eletrodomésticos; 4) lavadoras e secadoras. A subcategoria de produtos com maior número de acidentes foi a de fogões e fornos, seguida dos pequenos eletrodomésticos, refrigeradores e freezers e, por último, das lavadoras e secadoras.

A tabela abaixo, retirada do próprio relatório da NEISS, aponta a estimativa total de casos de lesões que poderiam ser geradas por eletrodomésticos (*estimated number of injuries*), também dividida por idades (*age*), além do real número de lesões (*number of injuries*) causadas pelo uso de eletrodomésticos em 2017.

Quadro 16: categorias de produtos⁷¹

Product Groupings	Estimated Number of Injuries*	CV*	Number of Injuries*	Estimated Number of Injuries and Estimated Rate of Product-Related Injuries per 100,000 Population in the United States and Territories (listed in italic) that Were Treated in Hospital Emergency Departments*									
				Age						Sex		Disposition	
				All Ages	0-4	5-14	15-24	25-64	65+	Male	Female	Treated & Rel.	Hosp. & DOA
General Household Appliances													
Cooking Ranges, Ovens, etc.	57,082	.08	1,483	57,082	8,868	5,892	5,759	27,293	9,270	25,671	31,410	51,140	5,942
				17.5	44.4	14.3	13.3	16.0	18.2	16.0	19.0	15.7	1.8
Refrigerators, Freezers	55,537	.08	1,260	55,537	3,027	2,874	7,004	28,056	14,576	28,438	27,099	50,723	4,798
				17.1	15.2	7.0	16.2	16.5	28.7	17.8	16.4	15.6	1.5
Small Kitchen Appliances	59,921	.08	1,369	59,921	2,512	2,739	6,660	40,076	7,934	24,082	35,839	58,168	1,753
				18.4	12.6	6.7	15.4	23.5	15.6	15.0	21.7	17.9	0.5
Washers, Dryers	24,290	.09	516	24,290	913	810	2,216	15,698	4,654	12,399	11,891	22,723	1,567
				7.5	4.6	2.0	5.1	9.2	9.2	7.7	7.2	7.0	0.5

Fonte: NEISS, 2017

Para facilitar a compreensão dos dados e entender como estes se organizam no padrão estadunidense, vejamos o exemplo das lesões causadas por fogões e fornos (*cooking ranges, ovens, etc.*). Estimou-se um total de 57.082 casos de ferimentos, sendo 8.868 entre crianças de 0-4 anos, 5.892 entre a faixa etária de 5-14 anos, 5.759 entre 15-24 anos, 27.292 entre 25-64 anos e 9.270 entre pessoas acima de 65 anos de idade. Na divisão por sexo, os homens (*male*) representariam 25.671 casos e as mulheres (*female*), 31.410 casos. Do total de casos, a projeção dos pacientes tratados e liberados (*treated & rel.*) era de 51.140 enquanto os pacientes que já

⁷¹ As categorias "brinquedos" e "produtos para bebês" não contam com exemplos de produtos no documento.

chegaram sem vida ao hospital ou faleceram durante a internação (hosp. & DOA) representariam 5.942 dos casos.

Ainda observando o quadro 13, percebe-se que a somatória dos casos reais de acidentes (*number of injuries*) chega a um total de 4.628 pessoas que sofreram lesões em decorrência do uso de um produto, mas que não são categorizadas por lesão sofrida ou faixa etária - o que mostra que os relatórios disponíveis ao público no site da NEISS são mais focados nas estimativas de acidentes de consumo do que nos dados de casos reais, pois não apontam o tipo de lesão sofrida por cada indivíduo afetado, diferentemente do Inmetro, que disponibiliza o detalhamento das lesões sofridas pelos consumidores no relatório anual do SINMAC.

Em contato via e-mail com a instituição estadunidense NEISS em maio de 2018, questionamos se esses 4.628 casos foram categorizados por sexo e faixa etária, e, caso a resposta fosse positiva, se poderíamos ter acesso a esses dados.

Figura 20: E-mail respondido pela instituição

Fonte: email recebido em 25 de maio de 2018

Em resposta rápida e solícita, recebemos a orientação de usar o site <https://www.cpsc.gov/cgibin/NEISSQuery/home.aspx> para gerar relatórios detalhados dos casos registrados. A ferramenta permite encontrar dados bem completos dos acidentes de consumo, como, por exemplo, o número de pessoas entre 10 e 19 anos que sofreram queimaduras na mão por uso de eletrodomésticos e foram hospitalizadas entre datas específicas. Embora possua riqueza de detalhes em pesquisas específicas, o site não gera dados gerais, como os apresentados pelo Inmetro no quadro 11, tornando inviável a apresentação de uma análise individual dos mais de 4 mil casos de acidentes por uso de eletrodoméstico em 2017 neste trabalho. As figuras 21 e

22, apresentadas a seguir, mostram a página inicial de acesso ao gerador de relatórios da NEISS e um exemplo de resultado que geramos com o uso da ferramenta.

Figura 21: NEISS highlights, data and query builder

The screenshot displays the NEISS Highlights, Data and Query Builder web interface. At the top, the United States Consumer Product Safety Commission logo is visible on the left, and a search bar labeled 'Search CPSC' is on the right. Below the header, a navigation bar includes language options (En | Es | 汉字) and a menu icon. A breadcrumb trail reads: Home » Research & Statistics » National Electronic Injury Surveillance System (NEISS) » NEISS Estimates Query Builder. The main heading is 'NEISS Highlights, Data and Query Builder' in blue. The interface is divided into four sections, each with a yellow header bar: 1. 'User Affiliation (Required)' with radio buttons for Media, Consumer, Researcher, Industry, and Other. 2. 'NEISS Data Highlights' with a 'Year' dropdown set to 2017, a 'Report Content' dropdown set to 'Overview - All Products', and 'Find Report' and 'Reset' buttons. 3. 'Archived Annual NEISS Data' with a 'Year' dropdown set to 2017, a 'File Format' dropdown set to 'Excel', and 'Find Data' and 'Reset' buttons. 4. 'NEISS Estimates Query Builder' with a 'Build Query' button. A final yellow bar is at the bottom.

Fonte: <https://www.cpsc.gov/cgibin/NEISSQuery/home.aspx>

Figura 22: Relatório individual de acidente causado por eletrodoméstico

CPSC Case #:	170103982	Treatment Date:	01/01/2017	PSU:	17	Weight:	16.1828	Stratum:	V
Age:	20 YEARS	Sex:	FEMALE						
Race:	0 - N.S.	Race Other:							
Diagnosis:	48 - BURN, SCALD	Diagnosis Other:							
Body Part:	83 - FOOT								
Disposition:	1 - TREATED/EXAMINED AND RELEASED								
Location:	1 - HOME	Fire Involvement:	0 - NO/?						
Products:	278 - ELECTRIC RANGES OR OVENS (EXCL COUNTER-TOP OVENS)								
	1645 - DAY WEAR								
Narrative:	20YOF BURN FOOT- REMOVED HAM FR OVEN, JUICE SPILLED ON FEET, SOAKED THR								
	U SOCKS								

Fonte: <https://www.cpsc.gov/cgibin/NEISSQuery/home.aspx>

Os dados apresentados pelas agências regulatórias de cada país - no caso do Brasil, o SINMAC, e nos Estados Unidos, o CPSC e a NEISS, mostraram não só os números de acidentes causados por eletrodomésticos, mas também a forma usada por cada país para registrar essas ocorrências. No caso do SINMAC, no Brasil, o registro é feito pelos consumidores que foram lesados e entram em contato com o órgão, enquanto nos Estados Unidos, o próprio governo recolhe os dados dos hospitais e gera as estatísticas. Enquanto o relatório brasileiro se foca mais nos resultados, apresentando apenas as estatísticas gerais dos ferimentos causados, o relatório dos Estados Unidos divulga as estimativas em comparação com os casos reais, sem divulgar, no documento oficial de 2017, o detalhamento dos ferimentos causados, sendo apenas possível obter essas informações com a construção de um relatório minucioso através da página da CPSC.

Passamos agora à análise e à reflexão acerca dos trechos do corpus em que o perigo é expresso de maneira diversa nas duas culturas. Os trechos dos manuais em inglês estarão sempre dispostos à esquerda, na coluna EN-US, e os trechos em português estarão à direita, na coluna PT-BR. Observemos o trecho a seguir, que está presente nos manuais da batedeira modelo KEA33 da fabricante Kitchen Aid:

Quadro 17: Comparação do manual da batedeira

EN-US	PT-BR
Danger: you can be killed or seriously injured if you don't <u>immediately</u> follow instructions. (Kitchen Aid, 2009, p. 4)	Perigo: existe risco de você perder a vida ou de ocorrerem danos graves se as instruções não forem seguidas <u>imediatamente</u> . (Kitchen Aid, 2012, p. 4)

Fonte: Kitchen Aid, 2009, 2012.

No primeiro quadro comparativo, nota-se a diferença no uso da palavra "killed" em inglês e da expressão "perder a vida" em português, ambas intencionando expressar o perigo de óbito caso seja feito uso do produto sem a devida leitura das instruções de segurança. Neste caso, o manual em inglês promove um uso lexical mais enfático e conciso para atingir o leitor e ressaltar o perigo, enquanto em português o impacto parece menor e mais suave. Como bem pontua Miranda (2015, p. 91), mesmo que a língua ofereça uma gama de vocábulos para expressar a ideia de morte, existem contextos sociais diferentes entre si, que poderão exigir expressões mais ou menos enfáticas, a depender do teor da mensagem que se quer transmitir.

No segundo quadro, encontrado abaixo, o uso do vocábulo "injury"⁷², no manual em inglês do vaporizador Singer Steamworks Pro, é repetido para expressar a possibilidade de lesão ou ferimento em decorrência do uso do produto. Em português, a tradução desse vocábulo toma diversas formas, como pode ser observado a seguir: ⁷³

⁷² Definição pelo dicionário Oxford: "a harm done to a person's or an animal's body, for example in an accident". Definição pelo dicionário Michaelis: "dano, prejuízo, avaria."

⁷³ Nosso papel nesse trabalho não é julgar a tradução em questão, e sim entender o que as escolhas na tradução refletem da cultura de partida e chegada.

Quadro 18: Comparação do manual do vaporizador

EN-US	PT-BR
WARNING: Always hang the steam head on the steam head hanger when not in use to prevent injury and surface damage. (Singer, 2010, p. 4)	AVISO: Sempre que não for utilizar o bocal de vapor, mantenha-o pendurado no suporte para evitar danos ao aparelho e acidentes. (Singer, 2010, p. 30)
WARNING: Always turn off the steamer before attaching accessories to avoid injury . (Singer, 2010, p. 6)	AVISO: Sempre desligue o aparelho antes de conectar qualquer acessório. Evite queimaduras e acidentes. (Singer, 2010, p. 32)
WARNING: Never steam a garment while it is being worn. Injury may result. (Singer, 2010, p. 9)	AVISO: Nunca vaporize a roupa enquanto estiver vestindo. Isso pode causar queimaduras ou lesões graves. (Singer, 2010, p. 36)

Fonte: Singer, 2010; 2012

Observamos que, no primeiro trecho, "injury" é traduzido como *acidente*; no segundo trecho, também aparece como *acidente*. acrescido de *queimadura*, e, no terceiro trecho, surge como *queimaduras e lesões graves*. Buscamos entender a necessidade das informações extras no trecho em português, primeiramente checando a definição de *acidente* no dicionário, para averiguar se o uso do vocábulo *lesão*, sem especificar de que tipo ou natureza, seria suficiente. Acidente, de acordo com o dicionário Houaiss (2009) é um "acontecimento imprevisto", e *lesão* é definida como "ferimento ou traumatismo".

Nos três trechos em inglês, não há menção da imprevisibilidade dos acontecimentos envolvendo o produto nem a especificação de lesões causadas por um vaporizador de roupas, haja vista a suposta obviedade dessas informações - afinal, se o produto funciona em alta temperatura, ele pode queimar, o que ocorre de forma fortuita, pois não se planeja queimar-se de propósito. Em outras palavras, o óbvio não é exposto graficamente no manual em inglês, talvez por deduzirem que o consumidor americano saiba inferir o perigo e como evitá-lo.

Presumir que o consumidor saiba inferir qualquer informação do manual é uma situação problemática, de acordo com Coulthard; Hagemeyer (2013), uma vez que o consumidor pode

equivocar-se ao fazê-lo. Os autores completam que os redatores de manuais devem seguir o princípio essencial de compreensão que estabelece que “o escritor não deve delegar ao leitor a tarefa de inferir o significado” (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 24). Eles destacam ainda que muitos consumidores movem ações indenizatórias contra as empresas fabricantes, mas muitas são julgadas improcedentes sob o argumento de que o consumidor não seguiu as recomendações que constavam no manual; todavia, a falta de clareza e de exposição explícita dos perigos no manual pode significar causa ganha ao consumidor que conseguir provar que o prejuízo a si ou a qualquer bem que possua, tenha sido causado pelo produto⁷⁴.

Na busca de mais trechos que sustentassem a ideia de que os manuais em português verbalizam informações aparentemente óbvias, encontramos no manual da faca elétrica o trecho a seguir:

Quadro 19: comparação do manual da faca elétrica

EN-US	PT-BR
CAUTION: BLADES ARE SHARP. HANDLE CAREFULLY. (Cuisinart, 2000, p. 4)	AS LÂMINAS SÃO MUITO AFIADAS. MANUSEIE C/ CUIDADO. (Cuisinart, 2012, p. 4)

Fonte: Cuisinart, 2000; 2012

Facas são instrumentos que podem causar cortes, visto que as lâminas são afiadas; entretanto, assumir o óbvio e não explicitá-lo pode ser um risco à segurança dos consumidores,

⁷⁴ Coulthard trabalhou como perito em um caso no Canadá que envolveu uma série de textos de advertências que o comprador alegou serem desastrosamente inadequados. Clive Maile comprou uma churrasqueira/grill a gás móvel, projetada para uso externo, e a instalou dentro de sua casa. O gás que alimentava o grill era conduzido por meio de um tubo flexível ligado a um cilindro de gás localizado fora da casa. Um dia o grill explodiu, e o filho do Sr. Maile sofreu queimaduras de terceiro grau. O Sr. Maile reivindicou uma indenização, mas a empresa recusou, alegando que ele era o único responsável pelo acidente, uma vez que tinha instalado o grill dentro de casa. Coulthard foi contratado para comentar os significados comunicados tanto nas advertências anexadas ao GRILL-BBQ quanto no manual que acompanhava o equipamento. O ponto em questão era se o Sr. Maile e/ou outro cliente qualquer poderiam ter interpretado os textos de forma a permitir-lhes instalar o aparelho dentro de casa, apesar de a empresa haver pretendido informar que tal ação seria proibida. Os textos que acompanhavam o GRILL-BBQ, comprado pelo Sr. Maile, estavam fatalmente falhos. Eles consentiram uma leitura legítima que permitiu a instalação do GRILL-BBQ dentro de casa desde que existisse um sistema de ventilação adequado e que o cilindro permanecesse fora de casa. (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p.15)

já que, como pontuado por Coulthard; Hagemeyer (2013), "textos são na verdade lidos por leitores reais que podem ser significativamente diferentes, em termos de conhecimentos e estratégias e habilidades de processamento de texto (...)" (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 17). Os trechos acima alertam o consumidor que as lâminas da faca elétrica são afiadas, mas no texto em português, o uso da palavra "muito", que não está presente no original em inglês, promove uma orientação mais enfática que poderia refletir em como o consumidor manusearia as lâminas do produto, principalmente porque estas vêm separadas do motor e precisam ser encaixadas no aparelho a fim de funcionarem. O discurso enfático nas orientações de segurança, de acordo com Tiersma (2002), ajuda o leitor a não subestimar os riscos a que se expõe ao utilizar produtos que ofereçam potenciais riscos ao seu bem estar - especialmente quando riscos mais graves estão misturados com riscos menos graves, visto que eles podem passar despercebidos por leitores menos atentos.

Quadro 20: comparação do manual da batedeira

EN-US	PT-BR
WARNING: when using electrical appliances, basic safety precautions should always be followed including the following. (Kitchen Aid, 2009, p. 4)	ADVERTÊNCIA: Para reduzir o risco de incêndio, choque elétrico ou ferimentos, quando usar a sua batedeira elétrica, siga estas precauções básicas. (Kitchen Aid, 2012, p. 4)

Fonte: Kitchen Aid, 2009; 2012

No trecho acima, a orientação em inglês afirma que, para o uso de produtos que envolvam eletricidade, deve-se seguir orientações básicas de segurança como as indicadas no manual. Esse tipo de orientação ilustra o que Coulthard; Hagemeyer (2013) bem pontuam quando afirmam que "é comum encontrar advertências que dão instruções sobre como evitar uma situação perigosa, mas que não informam sobre o risco real" (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 6); ou seja, se apresenta a existência do perigo, mas não fica claro qual é este perigo específico. Por outro lado, na orientação em português, há menção aos perigos de incêndio,

choque elétrico e ferimentos que podem ser causados pelo produto. A ausência de uma real explicação das consequências do uso equivocado ou descuidado de um produto "reduz significativamente a eficiência de tais advertências"⁷⁵ (COULTHARD; HAGEMEYER, 2013, p. 6).

Os perigos envolvendo eletricidade aparecem nos manuais em inglês em pequenos quadros que apontam onde encontrar a indicação de voltagem no produto, além de apresentar uma breve orientação da instalação elétrica, caso o fio seja curto demais, e um quadro com outras orientações de segurança.

Figura 23: Orientações elétricas manual Kitchen Aid em inglês

Fonte: Kitchen Aid, 2012

Já nos TC em português, temos o mesmo quadro de orientações gerais e, em alguns manuais do corpus, uma página completa com duas colunas que apontam orientações sobre fiação doméstica e conexões da tomada conforme a ABNT (NBR-14136), exemplificando com

⁷⁵ Consulte exemplo envolvendo o vapor de um pacote de pipoca no item 3.4

ilustrações como não proceder e, depois, a maneira correta de proceder. Apresenta-se também orientações gerais sobre voltagens disponíveis no Brasil e ressalta-se, inclusive com ilustração, que o fabricante não aconselha o uso de adaptador no modelo "T", conforme consta no próprio manual.

Figura 24: Orientações elétricas manual Kitchen Aid em português

INSTALAÇÃO ELÉTRICA

CONDIÇÕES ELÉTRICAS

⚠️ ADVERTÊNCIA

Risco de Choque Elétrico

Ligue a uma tomada tripolar aterrada.

Não remova o pino de conexão à terra.

Não use adaptadores ou Ts.

Não use extensões elétricas.

Não seguir estas instruções pode trazer riscos de vida, incêndio ou choque elétrico.

Rede elétrica da residência:

Os fios da rede elétrica devem ser de cobre e ter seções mínimas conforme ABNT (NBR-5410).

Para a proteção do produto e da rede elétrica contra sobrecorrentes, o circuito onde o produto será ligado deve estar conectado a um disjuntor termomagnético.

Caso não exista este disjuntor em sua residência, consulte um eletricista especializado para instalá-lo.

Conexão à tomada:

Para sua segurança e do equipamento, é muito importante que o aterramento seja feito de maneira correta.

O plugue do cabo de alimentação da sua batedeira é de 3 pinos em formato sextavado, conforme ABNT (NBR-14136).

A instalação elétrica da sua residência deve ter uma tomada de força apropriada para este tipo de plugue. Se não tiver, providencie a instalação de uma por um eletricista habilitado.

Utilize o tipo de tomada adequado ao plugue de sua batedeira, conforme imagem abaixo:

Antes de ligar sua batedeira, verifique a tensão da rede elétrica no local de instalação é a mesma indicada na etiqueta de dados técnicos do produto. Esta mesma informação está indicada na etiqueta fixada próxima ao plugue do cabo de alimentação da sua batedeira.

IMPORTANTE:

- Caso seja necessário ligar o modelo de batedeira 127V em tensão 220V, utilize um estabilizador de 1,0 KVA.
- Caso seja necessário ligar o modelo de batedeira 220V em tensão 127V, utilize um estabilizador de 1,0 KVA.
- Nunca conecte a sua batedeira através de extensões duplas ou triplas com outro eletro-doméstico na mesma tomada. Não use extensões. Este tipo de ligação pode provocar sobrecarga na rede elétrica, prejudicando o funcionamento da sua batedeira e resultando em acidentes com fogo. Use uma tomada exclusiva.
- Em caso de oscilação na tensão da rede elétrica, instale um estabilizador automático de tensão com potência mínima de 1500 Watts, entre a batedeira e a tomada.
- Se o cabo de alimentação estiver danificado, ele deve ser substituído, entre em contato com a Central de Relacionamento KitchenAid mais próximo.

Fonte: Kitchen Aid, 2012

Tudo isso posto, buscamos entender, então, o que leva o manual em português a ser tão meticuloso com as orientações de segurança elétrica. Observamos que essa meticulosidade deve-se ao grande número de casos de acidentes, com internações e óbitos, devido às práticas comuns na vida cotidiana do povo brasileiro. Nos últimos dez anos, de acordo com o Inmetro, o SUS registrou 13.776 internações, com 379 óbitos, e mais 15.418 mortes imediatas decorrentes de acidentes relativos à exposição a correntes elétricas em residências, escolas, asilos e locais de

trabalho. Além disso, dentre os acidentados, o choque elétrico é a terceira maior causa de morte infantil. Em função do expressivo número de acidentes graves, decidiu-se por criar o Padrão Brasileiro de Plugues e Tomadas.

De acordo com o Inmetro, o padrão foi criado, acima de tudo, para dar mais segurança ao consumidor ao diminuir a possibilidade de choques elétricos, incêndios e mortes. Antes da padronização, o consumidor convivia com mais de 12 tipos de plugues e oito tipos de tomadas diferentes, o que tornava necessário o uso indiscriminado de frágeis adaptadores para ligação dos aparelhos, com diferentes plugues nos diversos modelos de tomadas existentes. Em alguns casos, os formatos e as potências distintas dos aparelhos tornavam o ato de ligá-los uma ameaça à segurança do usuário.

Os plugues de três pinos são utilizados em aparelhos que necessitam de aterramento, uma vez que o terceiro pino realiza a ligação com o fio terra, evitando que o consumidor sofra um choque elétrico ao ligar aparelhos que estejam em curto-circuito.

As tomadas possuem um novo formato para dificultar o contato do dedo com a corrente elétrica e impedir que seja inserido somente um pino do plugue, evitando o contato acidental do usuário. Os novos plugues vêm com um sistema que evita sobrecarga e aquecimento e também propiciam melhor acoplamento com seus terminais. Esses fatores tornaram o plugue mais seguro e também mais econômico, pois evitam a perda de energia.

As mudanças também afetaram o diâmetro dos plugues: agora há duas configurações para plugues e para as tomadas. Plugues com o diâmetro mais fino (4 mm), para aparelhos com corrente nominal de até 10 ampères, e os plugues mais grossos (4,8 mm), para equipamentos que operam em até 20 ampères. Essa distinção se fez necessária para garantir a segurança dos consumidores, evitando a ligação de equipamentos de maior potência em um ponto não especialmente projetado para essa receber aparelhos de alta amperagem.

Tecidas as devidas justificativas do Inmetro, observamos que o volume de informações no manual em língua portuguesa é motivado pelas mudanças e pelos hábitos da cultura do TC, exigindo longa e quase exaustiva orientação. Nesse ponto, percebemos que o texto é uma interação ancorada em um tempo e em um espaço, que reflete as culturas de partida e chegada. A

falta de observação do fabricante ao contexto situacional elétrico do Brasil poderia acarretar problemas com a legislação brasileira e com a própria segurança dos usuários que desconhecem os novos padrões de tomada e os perigos do uso de adaptadores do modelo "T", benjamins ou outros tipos de adaptadores.

Partimos agora para a análise das orientações contidas nos manuais em português, que **não constam** no manual de partida em inglês. No manual da faca elétrica Cuisinart, há cinco instruções de segurança a mais, bem detalhadas:

Quadro 21: Instruções que constam apenas no TC Cuisinart

Não usar em oficinas ou sob compartimento fechado. Ao guardar em uma oficina, sempre desconectar o aparelho da tomada. Se isso não for feito, pode haver risco de incêndio, especialmente se o aparelho tocar as paredes da garagem ou se a porta tocar o aparelho ao fechar.
Este aparelho não deve ser usado por pessoas (inclusive crianças) com capacidade física, sensorial ou mental reduzida ou sem experiência e sem as devidas instruções quanto ao uso do aparelho pela pessoa responsável por sua segurança.
Crianças devem ser supervisionadas, para que não brinquem com o aparelho.
Sempre desconectar a faca quando ela ficar sem assistência e antes de montar, desmontar ou limpar o aparelho.
Sem BPA (não mostrado): todos os materiais que entram em contato com a madeira não contêm BPA.

Fonte: Cuisinart, 2012, p. 2;3

A instrução número um, a respeito da "oficina"⁷⁶, pode parecer confusa de início, se não se conhece o hábito brasileiro de se usar equipamentos para outros fins que são sejam os que o fabricante recomenda. Nesse quesito, o manual expressa, que caso haja uso da faca elétrica -

⁷⁶ No manual em inglês, usou-se a palavra *office*, que além de ser traduzida como oficina, significa qualquer estação de trabalho.

como uma serra em oficina talvez -, deve haver o cuidado ao desconectar da tomada e também no contato das lâminas com as paredes do ambiente fechado. Ambas as versões dos manuais expressam que o produto é apenas para uso da cozinha doméstica, mas só em português há orientação a respeito de outros usos que não o previsto.

As orientações números dois e três mencionam crianças e pessoas portadoras de deficiência, e nenhuma das duas está presente no texto em inglês, o que reflete a preocupação com a segurança desses dois públicos na tradução⁷⁷. A quarta orientação extra é a de desligar a faca quando ela não estiver em uso, quando for higienizada ou se estiver sem supervisão.

A última orientação extra é relativa à ausência de BPA, substância também conhecida como bisfenol A. De acordo com a Anvisa⁷⁸, essa substância é utilizada, principalmente, na produção de policarbonato e em vernizes epóxi, ou seja, produtos de origem plástica. Instituições como a Organização Mundial da Saúde (OMS) destacam que a exposição de um cidadão comum ao BPA é muito inferior aos níveis que causariam preocupações, não incorrendo em problemas de saúde.

Por precaução, o Brasil optou por proibir a importação e fabricação de mamadeiras que contenham Bisfenol A, considerando a maior exposição e susceptibilidade dos indivíduos usuários deste produto. Esta proibição está vigente desde janeiro de 2012 e foi feita por meio da Resolução RDC n. 41/2011. Para as demais aplicações, o BPA ainda é permitido, desde que os fabricantes informem ostensiva e adequadamente a sua presença nas embalagens e nos rótulos de produtos que contenham essa substância em sua composição, o que justifica a menção extra no manual em português.

No manual traduzido do liquidificador 51101, da fabricante Hamilton Beach, existem sete orientações extras que não aparecem em inglês. Vejamos os exemplos a seguir:

⁷⁷ Na subseção 4.1.2 discutimos as orientações envolvendo crianças

⁷⁸ <http://portal.anvisa.gov.br/alimentos/embalagens/bisfenol-a>

Quadro 22: Instruções que constam apenas no TC Hamilton Beach

Este aparelho não deve ser usado por pessoas (inclusive crianças) com capacidade mental, física ou sensorial reduzida, ou sem conhecimento e experiência e conhecimento, a não ser que tenham sido instruídas sobre seu uso sob supervisão ou instruções quanto ao uso pelo responsável pela sua segurança.
É necessária uma supervisão de perto quando qualquer aparelho for usado por crianças ou perto de crianças.
Crianças devem estar sob supervisão, para garantir que não brinquem com o aparelho.
Não utilize o aparelho para outros usos além dos descritos nesse manual.
Não deixe o liquidificador sozinho enquanto estiver em funcionamento.
Para retirar o fio da tomada, solte o botão Pulsar. Em seguida retire o plugue da tomada.

Fonte: Hamilton Beach, 2014, p. 2

As orientações um, dois e três são específicas para a proteção de crianças e pessoas portadoras de deficiência, repetindo o padrão do manual da faca elétrica, assim como a orientação quatro, que esclarece que o produto não deve ser usado para fins que não os descritos - orientação muito importante quando um produto se destina ao público brasileiro. As orientações cinco e seis, por sua vez, parecem estar mais relacionadas à segurança elétrica envolvendo o liquidificador.

Por fim, no manual do cortador de grama não foram encontradas quaisquer informações extras ou mais detalhadas como as apresentadas até aqui, mas ele conta com um extenso uso dos recursos icônicos, que serão explorados na seção 4.2.

Os exemplos apresentados até aqui, e os demais apresentados durante a análise neste trabalho, demonstram que até na tradução de manuais de instrução de eletrodomésticos os aspectos culturais de um povo são expostos, mesmo que de uma maneira sutil, corroborando as ideias trazidas por Azenha Junior (2006) ao afirmar que os marcadores culturais aparecem “no

modo como cada cultura enxerga o mundo e o reconstrói no interior do discurso” (AZENHA JUNIOR, 2006, p. 30).

Na seção seguinte, buscaremos refletir sobre o número de ocorrências da palavra "crianças" na comparação dos manuais em ambas as línguas, a fim de investigar como essas culturas enxergam a figura e a segurança infantil no ambiente doméstico.

4.1.2 A segurança infantil no ambiente doméstico e o uso de eletrodomésticos: comparação de dados entre Estados Unidos e Brasil

Ainda que distante do perigo das ruas, a casa oferece riscos que causam a morte de pelo menos cinco mil crianças por ano no Brasil, envolvendo quedas, contusões, cortes, queimaduras e perfurações (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009). Como afirmam Xavier-Gomes et al. (2013), o ambiente doméstico concentra grande parte das atividades diárias e rotineiras de uma família e é cada vez mais atingido pelo desenvolvimento tecnológico, tornando-se mais perigoso para as crianças. Dois terços de todos os acidentes com crianças ocorrem dentro de casa, e grande parte poderia ser evitada se a casa funcionasse como um meio facilitador para ações preventivas e educativas, neutralizando a existência dos riscos de acidentes.

O grupo infantil é o mais vulnerável aos desastres e acidentes domésticos, pois quanto mais jovem e imatura for a criança, menor será sua percepção de risco e maior a sua vulnerabilidade e a dependência de terceiros em termos de segurança contra acidentes (MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, 2002). Os pais, como pontuam Xavier-Gomes et al. (2013), "nem sempre conhecem as limitações de cada fase da vida dos filhos, além de não terem o hábito de pensar nos perigos dentro de casa" (XAVIER-GOMES ET AL., 2013, p. 395). Até os quatro anos de idade, a criança mistura o real e o fantasioso ao tentar imitar os adultos; após essa idade, elas são movidas pelo desafio - sem contar que caem com mais facilidade, porque a cabeça é desproporcional ao corpo, fazendo com que o centro de gravidade seja o peito, e não o umbigo. Por mais que a ingenuidade diminua à medida que a criança cresce, o desafio sempre faz parte de sua natureza, requisitando dos pais um cuidado específico (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Durante a avaliação do corpus de trabalho, percebemos que as traduções enfatizavam mais as orientações relacionadas às crianças do que o corpus em inglês: encontramos nove ocorrências da palavra "children" nos manuais em inglês e, em português, quinze ocorrências para a palavra "crianças" em contexto de alerta aos perigos do uso dos produtos por essa faixa etária.

Visando entender essa diferença expressa no corpus, iniciamos com uma pesquisa junto às instituições governamentais estadunidenses e apuramos que os acidentes por causas evitáveis envolvendo crianças de até 9 anos de idade, nos Estados Unidos, foram em sua maioria por afogamento e sufocamento, não sendo explicitado se envolviam eletricidade, lesões por queimadura ou corte.

Quadro 23: Acidentes envolvendo crianças de 0-9 anos nos Estados Unidos

Rank	Age Groups										Total
	<1	1-4	5-9	10-14	15-24	25-34	35-44	45-54	55-64	65+	
1	Unintentional Suffocation 1,023	Unintentional Drowning 425	Unintentional MV Traffic 384	Unintentional MV Traffic 455	Unintentional MV Traffic 7,037	Unintentional Poisoning 14,631	Unintentional Poisoning 13,278	Unintentional Poisoning 13,439	Unintentional Poisoning 9,438	Unintentional Fall 29,668	Unintentional Poisoning 58,335
2	Homicide 132	Unintentional MV Traffic 334	Unintentional Drowning 147	Suicide Suffocation 247	Unintentional Poisoning 4,997	Unintentional MV Traffic 7,010	Unintentional MV Traffic 5,075	Unintentional MV Traffic 5,536	Unintentional MV Traffic 5,397	Unintentional MV Traffic 7,429	Unintentional MV Traffic 38,748
3	Unintentional MV Traffic 88	Unintentional Suffocation 118	Unintentional Fire/Burn 78	Suicide Firearm 160	Homicide Firearm 4,553	Homicide Firearm 4,510	Suicide Firearm 3,099	Suicide Firearm 3,873	Suicide Firearm 4,067	Suicide Firearm 5,756	Unintentional Fall 34,673
4	Homicide Other Spec., Classifiable 63	Homicide Unspecified 114	Homicide Firearm 68	Unintentional Drowning 103	Suicide Firearm 2,683	Suicide Firearm 3,298	Homicide Firearm 2,555	Suicide Suffocation 2,112	Unintentional Fall 2,679	Unintentional Unspecified 5,021	Suicide Firearm 22,938
5	Undetermined Suffocation 60	Unintentional Fire/Burn 107	Unintentional Suffocation 35	Homicide Firearm 95	Suicide Suffocation 2,100	Suicide Suffocation 2,643	Suicide Suffocation 2,199	Suicide Poisoning 1,736	Suicide Poisoning 1,538	Unintentional Suffocation 3,631	Homicide Firearm 14,415
6	Undetermined Unspecified 38	Unintentional Pedestrian, Other 82	Unintentional Other Land Transport 24	Unintentional Other Land Transport 64	Unintentional Drowning 530	Undetermined Poisoning 855	Suicide Poisoning 1,144	Homicide Firearm 1,420	Suicide Suffocation 1,474	Unintentional Poisoning 2,458	Suicide Suffocation 11,642
7	Unintentional Drowning 38	Homicide Firearm 64	Unintentional Pedestrian, Other 18	Unintentional Fire/Burn 52	Suicide Poisoning 426	Suicide Poisoning 767	Undetermined Poisoning 788	Unintentional Fall 1,238	Unintentional Suffocation 792	Adverse Effects 2,028	Suicide Poisoning 6,698
8	Homicide Suffocation 19	Homicide Other Spec., Classifiable 64	Unintentional Firearm 16	Unintentional Suffocation 39	Homicide Cut/Pierce 340	Unintentional Drowning 463	Unintentional Fall 515	Undetermined Poisoning 929	Homicide Firearm 738	Unintentional Fire/Burn 1,150	Unintentional Suffocation 6,610
9	Adverse Effects 18	Unintentional Firearm 34	Unintentional Struck by or Against 15	Unintentional Poisoning 26	Undetermined Poisoning 289	Homicide Cut/Pierce 420	Unintentional Drowning 396	Unintentional Drowning 478	Undetermined Poisoning 707	Suicide Poisoning 1,070	Unintentional Unspecified 6,507
10	Unintentional Natural/Environment 18	Unintentional Poisoning 34	Unintentional Other Transport 14	Unintentional Firearm 23	Unintentional Fall 199	Unintentional Fall 326	Homicide Cut/Pierce 350	Unintentional Suffocation 419	Unintentional Unspecified 625	Suicide Suffocation 859	Undetermined Poisoning 3,827

Data Source: National Center for Health Statistics (NCHS), National Vital Statistics System.
Produced by: National Center for Injury Prevention and Control, CDC using WISQARS™.

Centers for Disease Control and Prevention
National Center for Injury Prevention and Control

Fonte: Centers for disease control and prevention, 2017

Assim como os Estados Unidos, o Brasil⁷⁹ possui um grande número de hospitalizações e óbitos de crianças por afogamento e sufocamento, mas 3% dos casos envolvem choque e 2,7% se relacionam à exposição a rede elétrica, o que justifica a preocupação com o envolvimento de crianças com eletrodomésticos e corrente elétrica expressa nos manuais estudados neste trabalho.

Quadro 24: Acidentes envolvendo crianças de 0-9 anos no Brasil

Causas externas	< 01 ano		01 a 04 anos		05 a 09 anos		Total	
	N	%	n	%	n	%	n	%
Acidentes Transporte	97	10,8	443	29,3	747	44,6	1287	31,5
Afogamentos	39	4,3	475	31,4	414	24,7	928	22,7
Riscos à respiração	507	56,5	124	8,2	44	2,6	675	16,5
Agressões/Violências	82	9,1	89	5,9	136	8,1	307	7,5
Quedas	61	6,8	89	5,9	73	4,4	223	5,5
Exposição fumaça, fogo	24	2,7	76	5,0	53	3,2	153	3,7
Choque contra objetos/pessoas	14	1,6	53	3,5	54	3,2	121	3,0
Exposição corrente elétrica	16	1,8	59	3,9	37	2,2	112	2,7
Outras causas externas	57	6,4	103	6,8	118	7,0	278	6,8
Total	897	100	1511	100	1676	100	4084	100,0

Fonte: Ministério da saúde, 2014

Após colher e analisar os dados apresentados acima, recorreremos aos trechos dos manuais para identificar semelhanças e diferenças no tratamento dos vocábulos “children” e “criança”. Organizamos os trechos lado a lado, com a coluna à esquerda (EN-US) para os trechos dos manuais em inglês, e à direita (PT-BR) para os trechos em português.

⁷⁹ http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2013_analise_situacao_saude.pdf
http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_materiais_informativos.pdf

Quadro 25: Ocorrências de "children" e "crianças" no manual Singer

		EN-US	PT-BR
1	Vaporizador	Close supervision is necessary when the appliance is used near children.	Dobre a atenção quando utilizar este aparelho próximo de crianças.

Fonte: Singer, 2010; 2012

Ambos os manuais do vaporizador exploram o fato de que, no caso de proximidade de crianças durante o uso do produto, este pode ser prejudicial; entretanto, o uso de palavras para expressar tal ideia se diferencia. Em inglês utilizou-se a palavra "close" que significa, de acordo com o dicionário Cambridge, "perto, aproximado", enquanto, em português, a expressão "dobre a atenção" parece mais enfática e precisa, para expressar a responsabilidade envolvida.

Quadro 26: Ocorrências de "children" e "crianças" no manual Kitchen Aid

		EN-US	PT-BR
2	Batedeira	Close supervision is necessary when any appliance is used by or near children.	Supervisão cuidadosa é necessária quando qualquer aparelho é usado por crianças ou quando estiver próximo delas. Não deixe a batedeira funcionando enquanto estiver ausente.
3	Batedeira	*	Não permita que as crianças utilizem ou brinquem com a batedeira.
4	Batedeira	*	Este aparelho não se destina ao uso por pessoas (incluindo crianças) com redução das capacidades física, sensorial ou mental, ou falta de experiência e conhecimento, a não ser que tenham sido supervisionadas ou dadas instruções relativas à utilização do aparelho por uma pessoa responsável pela sua segurança. Se houver falta de entendimento sobre estes riscos, a pessoa responsável pela sua segurança deve impedir a utilização do aparelho ou tomar precauções para eliminar tais riscos.

Fonte: Kitchen Aid, 2009; 2012

O primeiro trecho de ambos os textos prevê o uso do eletrodoméstico por crianças ou na presença delas, sugerindo atenção e cuidado. No entanto, a segunda e a terceira orientações, apenas em português, proíbem o uso do eletro por crianças, causando uma contradição perigosa para o público leitor do texto. Muitas contradições em manuais são exemplos de fabricantes que, pretendendo se proteger de ações judiciais a todo custo, como afirmam Coulthard; Hagemeyer (2015, p. 57), se contradizem em diferentes partes dos manuais para abarcar toda e qualquer situação possível - de forma que, em caso de judicialização, possam afirmar que determinada situação estava prevista no material informativo do produto.

Algumas empresas da área farmacêutica, como exemplificam Coulthard; Hagemeyer (2015, p. 56), afirmam nas bulas de seus medicamentos que não foram observados efeitos na capacidade de dirigir ou operar maquinário e mais à frente, no mesmo texto, advertem, utilizando-se de palavras-sinal, a não dirigir ou operar maquinário, pois a atenção pode ser afetada pelo uso do medicamento. É certo que o perigo de um medicamento é diferente do perigo do uso de um eletrodoméstico, porém ambos podem causar danos graves ao consumidor desatento que não faça a leitura completa do manual e consiga identificar essas dubiedades.

A seguir, a análise segue para as menções às crianças no manual da faca elétrica da Cuisinart:

Quadro 27: ocorrências de "children" e "crianças" no manual Cuisinart

		EN-US	PT-BR
5	Faca elétrica	To avoid possible accidental injury, close supervision is necessary when any appliance is used by or near children.	Para evitar ferimentos, supervisionar quando aparelhos elétricos forem usados por ou perto de crianças.
6	Faca elétrica	*	Crianças devem ser supervisionadas, para que não brinquem com o aparelho.
7	Faca elétrica	*	Este aparelho não deve ser usado por pessoas (inclusive crianças) com capacidade física, sensorial ou mental reduzida ou sem experiência e sem as devidas instruções quanto ao uso do aparelho pela pessoa responsável por sua segurança.

Fonte: Cuisinart 2000; 2012

No comparativo da faca elétrica, vemos que o manual em inglês utiliza-se do vocábulo "possible" para expressar que podem acontecer eventuais acidentes, enquanto o manual em português admite esses ferimentos como fato, e não apenas possibilidade. Como ocorreu no manual da batedeira, os dois trechos extras na versão em português contradizem a primeira orientação.

A seguir, temos as menções às crianças no manual do liquidificador Hamilton Beach.

Quadro 28: Ocorrências de "children" e "crianças" nos manuais do liquidificador Hamilton Beach

		EN-US	PT-BR
8	Liquidificador	Close supervision is necessary when any appliance is used by or near children.	É necessária uma supervisão de perto quando qualquer aparelho for usado por crianças ou perto de crianças.
9	Liquidificador	*	Crianças devem estar sob supervisão , para garantir que não brinquem com o aparelho.
10	Liquidificador	*	Este aparelho não deve ser utilizado por pessoas (inclusive crianças) com capacidade mental, física ou sensorial reduzida, ou sem conhecimento e experiência, a não ser que tenham sido instruídas sobre seu uso pelo responsável pela sua segurança.

Fonte: Hamilton Beach, 2007; 2014

Nos trechos do manual do liquidificador constam três menções às crianças em português e apenas uma em inglês. O padrão de incoerência se repete em português, já que na orientação oito se prevê o uso do aparelho por crianças e, nas orientações nove e dez, esse uso é proibido.

A seguir, destacamos as menções às crianças no manual do cortador de grama Black & Decker.

Quadro 29: Ocorrências de "children" e "crianças" nos manuais Black & Decker

		EN-US	PT-BR
11	Cortador de grama	Do not allow children or any person unfamiliar with these instructions to operate the appliance. Local regulations may restrict the age of the operator.	Não permita que crianças ou qualquer pessoa que desconheça estas instruções opere o aparelho. Poderá haver leis na sua região que estabelecem uma idade mínima para operar o aparelho.
12	Cortador de grama	When not in use, the appliance should be stored in a dry place. Children should not have access to stored appliances.	Quando não estiver sendo usado, o aparelho deve ser armazenado em um local seco. Crianças não devem ter acesso a aparelhos armazenados.
13	Cortador de grama	Children should be supervised to ensure that they do not play with the appliance.	Deve-se supervisionar as crianças para evitar que elas brinquem com o aparelho.
14	Cortador de grama	Never use the appliance while people, especially children, or pets are nearby. Remember that the operator will be held responsible for accidents or hazards occurring to other people or their property.	Nunca use o aparelho enquanto pessoas, especialmente crianças, ou animais domésticos estiverem por perto. Lembre-se de que o operador será responsabilizado por riscos ou acidentes envolvendo outras pessoas ou suas propriedades.
15	Cortador de grama	This appliance is not intended for use by persons (including children) with reduced physical, sensory or mental capabilities, or lack of experience and knowledge, unless they have been given supervision or instruction concerning use of the appliance by a person responsible for their safety.	Este aparelho não deve ser usado por pessoas (incluindo crianças) que não estejam em condições físicas, sensoriais ou mentais adequadas, ou que não tenham experiência e conhecimento, a menos que estejam sendo supervisionadas ou tenham sido instruídas sobre o uso do aparelho por uma pessoa que se responsabilize pela segurança destas pessoas.

Fonte: Black & Decker, 2010

As orientações do manual do cortador de grama são bem mais completas do que os dos outros produtos e estão em igual quantidade tanto nos textos em inglês e em português. Não foram encontradas incoerências no decorrer do texto, como nos manuais anteriores, que proibissem e permitissem que crianças utilizassem o eletro - talvez porque seja incomum que

crianças manuseiem cortadores de grama, diferentemente de um liquidificador, por exemplo. Embora os dois produtos ofereçam riscos de choque elétrico e de corte, o manual do cortador parece explorar de forma mais adequada, inclusive por não ser incoerente, o perigo envolvendo as crianças. Entretanto, é preciso levar em consideração que esse foi o único manual que não foi incoerente dentre os analisados. Por fim, destaca-se também o trecho envolvendo a segurança de animais de estimação, que não haviam sido mencionado até então no restante do corpus.

Concluindo, a análise lado a lado do TP e do TC mostrou que as ocorrências a mais na tradução do vocábulo "crianças" deve-se ao fato de a figura infantil ser utilizada como forma de ressaltar que os perigos do uso do produto se aplicam aos adultos, mas especialmente às crianças, mostrando a grande preocupação com a segurança do público infantil.

4.2 Emprego dos recursos icônicos: tabelas, ilustrações, símbolos e pictogramas

Há vários métodos usados pela indústria para prevenir riscos associados aos eletrodomésticos - como o uso de advertências, por exemplo. Contudo, as advertências não devem ser vistas como substitutas de um bom design e do uso de recursos icônicos, que podem diminuir ou extinguir os riscos do uso do produto pelo consumidor (COULTHARD, HAGEMEYER, 2013, p. 2). Os recursos icônicos como pictogramas, gráficos, tabelas e ilustrações, em diversas cores, estilos e diagramações, expõem um significado e estão relacionados a elementos linguísticos e culturais, que, como vimos anteriormente, expressam o perigo de maneiras diferentes.

Um manual mais visual contribui para produtos mais seguros e competitivos, como aponta o Sistema Inmetro de Monitoramento de Acidentes de Consumo (SINMAC) (INMETRO, 2017, p. 12). Desde que constatou que o grande número de acidentes domésticos no Brasil era um dos fatores que mais causava impacto no sistema de saúde - além de afetar significativamente a qualidade de vida das pessoas -, o Ministério da Saúde também decidiu investir em políticas e campanhas de prevenção para evitar acidentes e, por conseguinte, diminuir os gastos públicos (VIVA, 2017, p. 4).

Passemos então à análise do emprego de recursos icônicos no corpus deste trabalho, para avaliar o uso de: a) tabelas; b) figuras/ilustrações; c) símbolos e d) pictogramas no tocante aos possíveis traços culturais presentes nesses textos. Seguem abaixo nossas constatações:

As tabelas são quadros sistemáticos que organizam dados e estão pouco presentes no corpus de análise: são seis, ao todo, e não possuem explicação dos dados em texto. São elas: duas tabelas sobre acessórios e características dos produtos, duas com perguntas e respostas para a solução de problemas e duas com dados técnicos. Nessas últimas, encontramos dados das tensões de cada país, sendo 120V o padrão estadunidense e, no Brasil, 127V e 220V, o que reflete as diferenças técnicas e, conseqüentemente, culturais nos países em questão, como vemos a seguir:

Quadro 30: Tabela de dados técnicos do vaporizador Singer

Alimentação	Potência	Código EAN
127V 50/60Hz	1500W	7896785441489
220V 50/60Hz	1500W	7896785441496

Fonte: Singer, 2012, p. 29

As figuras/ilustrações são fotos ou desenhos que representam uma informação e "também pode complementar as informações verbais (da palavra) incluídas nas advertências, uma vez que, traçando uma comparação entre palavras e imagens, ambas possuem muitos aspectos em comum, porém ficam evidenciadas suas diferenças", como o fato de a linguagem da palavra ser simbólica e a linguagem das imagens, icônica; a primeira linear e unidimensional, enquanto a segunda pode ser bi ou tridimensional (SILVA, 2008, p. 59).

De acordo com Silva (2008), a palavra é semanticamente mais precisa do que as imagens, já que as estas, com frequência, necessitam de apoio verbal - como uma legenda complementar - para determinar contexto.

Todo o corpus utiliza ilustrações e legendas para apresentar os produtos, mas poucos possuem informações de segurança ilustradas. As ilustrações relativas ao novo padrão elétrico

brasileiro são acompanhadas pela recomendação do uso da tomada correta para o plugue do aparelho e pela contra indicação do uso de "Ts" ou adaptadores.

Figura 25: Exemplo de ilustração de informação de segurança

Fonte: Kitchen Aid, 2012, p. 28

Os símbolos são imagens que vinculam uma mensagem sem o uso de palavras e acabam por atrair mais a atenção do que o texto impresso, devido a suas formas, tamanhos e cores. Esses três aspectos garantem que os símbolos sejam mais rapidamente processados pelos consumidores e, conseqüentemente, mais eficientes do que a escrita, mesmo se o consumidor não entender por completo a sua mensagem, como afirmam Medeiros et al. (2010, p. 38). A fácil compreensão, associada à eficácia, faz com que os símbolos sejam utilizados por órgãos como a ISO (International Standards Organization), a ANSI (American National Standards Institute), a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e o INMETRO (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial), que agora buscam a padronização de alguns desses símbolos a nível mundial (MEDEIROS ET AL., 2010, p. 39).

As cores executam papel importante na efetividade de uma advertência, pois atraem a atenção dos usuários e comunicam os riscos associados a um produto - é o exemplo da cor vermelha, já culturalmente associada ao perigo. Cor e texto, em mensagens de advertências, devem ser estudados em conjunto, uma vez que, conforme a combinação utilizada, pode informar corretamente ou não o risco ao observador (MEDEIROS ET AL., 2010, p. 39).

Observemos os exemplos do uso de símbolos e cores nos manuais estudados:

Quadro 31: Símbolos e cores de advertência

EN-US	PT-BR
<p>Your safety and the safety of others are very important.</p> <p>We have provided many important safety messages in this manual and on your appliance. Always read and obey all safety messages.</p> <p>This is the safety alert symbol.</p> <p>This symbol alerts you to potential hazards that can kill or hurt you and others.</p> <p>All safety messages will follow the safety alert symbol and either the word "DANGER" or "WARNING." These words mean:</p> <div data-bbox="284 632 537 684"> </div> <p>You can be killed or seriously injured if you don't <u>immediately</u> follow instructions.</p> <div data-bbox="284 720 537 772"> </div> <p>You can be killed or seriously injured if you don't follow instructions.</p> <p>All safety messages will tell you what the potential hazard is, tell you how to reduce the chance of injury, and tell you what can happen if the instructions are not followed.</p>	<p>A sua segurança e a de terceiros é muito importante.</p> <p>Este manual e o seu produto têm muitas mensagens importantes de segurança. Sempre leia e siga as mensagens de segurança.</p> <p>Este é o símbolo de alerta de segurança.</p> <p>Este símbolo alerta sobre situações que podem trazer risco a sua vida, ferimentos a você ou a terceiros.</p> <p>Todas as mensagens de segurança virão após o símbolo de alerta de segurança e a palavra "PERIGO" ou "ADVERTÊNCIA". Estas palavras significam:</p> <div data-bbox="878 646 1008 678"> </div> <p>Existe risco de você perder a vida ou de ocorrerem danos graves se as instruções não forem seguidas <u>imediatamente</u>.</p> <div data-bbox="878 709 1008 741"> </div> <p>Existe risco de você perder a vida ou de ocorrerem danos graves se as instruções não forem seguidas.</p> <p>Todas as mensagens de segurança mencionam qual é o risco em potencial, como reduzir a chance de se ferir e o que pode acontecer se as instruções não forem seguidas.</p>
<div data-bbox="394 905 675 1150"> <p>WARNING</p> <p>Injury Hazard</p> <p>Unplug mixer before touching beaters.</p> <p>Failure to do so can result in broken bones, cuts or bruises.</p> </div>	<div data-bbox="976 911 1321 1142"> <p>ADVERTÊNCIA</p> <p>Perigo de Ferimento</p> <p>Retire o plugue da tomada antes de trocar os batedores.</p> <p>Não seguir estas instruções pode resultar em fraturas, cortes ou contusões.</p> </div>

Fonte: Kitchen Aid, 2009; 2012

Na maioria dos símbolos de segurança presentes no corpus em inglês, os símbolos possuem as cores referentes ao nível de perigo que representam, enquanto em português não há nenhum aviso colorido; tudo permanece em preto e branco.

Embora tantos estudos aleguem as vantagens do emprego das cores na comunicação, como ressalta Silva (2008), é necessário refletir o porquê de não serem usadas cores nos manuais em português. O Institute for Consumer Ergonomics (ICE)⁸⁰ esclarece:

⁸⁰ ICE. Instructions for consumer products. Londres: Department of trade and industry, 1989.

A adição de apenas uma cor pode elevar os custos de um projeto entre 6% e 9% a mais que as impressões em preto e branco. Quando reproduzidas fotocopiadas, as cores se transformam em preto e tons de cinza; Aproximadamente 8 % da população masculina e 0.5% da feminina tem deficiência cromática. Essas pessoas não conseguem fazer distinção entre certas cores. As cores podem apresentar variações conforme as condições de iluminação do ambiente (ICE, 1989, p.43 APUD SILVA, 2008, p. 59).

Os pictogramas são uma alternativa aos problemas da internacionalização na comercialização de produtos importados, pois são auto-explicativos e apresentam concisão gráfica, densidade semântica e uma funcionalidade comunicativa que ultrapassa as barreiras linguísticas. O corpus analisado possui dezoito pictogramas nos manuais em inglês que são reproduzidos integralmente nos manuais em português. Destacamos abaixo o pictograma que ensina a limpar o liquidificador da fabricante Hamilton Beach e que é culturalmente marcado, contando com a ilustração do padrão de tomada oficial para cada país.

Figura 26: Comparação de pictogramas Estados Unidos e Brasil

Fonte: Hamilton Beach 2007, p. 5; Hamilton Beach, 2014 p. 5

Concluimos a análise tendo visto os textos em toda a sua extensão e analisado as orientações de segurança e os recursos icônicos com foco nas marcas que levam às diferenças culturais entre o Brasil e os Estados Unidos. Na seção a seguir, destacaremos resultados e teceremos conclusões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicado na introdução, esta pesquisa teve como objetivo central identificar como os aspectos culturais, em específico as advertências e orientações de segurança, se apresentam na tradução de manuais de produtos de uso doméstico, a fim de refletir sobre as possíveis particularidades culturais presentes na tradução especializada. Este objetivo foi atingido por meio da comparação entre os textos de partida (TP) e os textos de chegada (TC), que evidenciou que as advertências e orientações de segurança em manuais de usuários de eletrodomésticos revelam traços culturais presentes nos textos.

Para desenvolver este trabalho, buscamos a fundamentação teórica acerca dos conceitos de tradução que seriam abordados. Esta etapa foi realizada com base nos textos de Reiss/Vermeer (1984) a respeito da Teoria Funcionalista e nas análises de Moreira (2014) e Snell-Hornby (2006) sobre essa teoria. Em relação à tradução dos textos especializados, nos apoiamos em Azenha Junior (1992; 1994; 1996; 1999), Aixelá (1996; 2004; 2016), Zethsen (1999), Stolze (2009), entre outros.

Com relação ao primeiro objetivo específico - que previa analisar marcas textuais no campo léxico que evidenciassem o tratamento dado às advertências e orientações de segurança - buscamos atingi-lo através da metodologia escolhida, separando as orientações de segurança e os recursos icônicos para localizar lacunas, expansões e alterações. Nessa etapa, percebemos a diferença no número de páginas e de orientações de segurança entre os textos de partida e de chegada - o que nos levou a investigar os motivos pelos quais havia mais orientações de segurança em português. Refizemos, então, a leitura das orientações de segurança e as sistematizamos em grandes grupos, com base nas diferenças encontradas entre as orientações presentes nos TP e TC, para que fosse possível desenvolver a análise.

O segundo objetivo específico foi verificar como os recursos icônicos aparecem e se inserem na tradução especializada. Nessa etapa, analisamos tabelas, ilustrações, símbolos e

pictogramas e buscamos traços culturais neles presentes, a fim de corroborar a hipótese inicial deste trabalho.

No início desta pesquisa, foi colocada uma pergunta que norteou a análise: "Como as condicionantes culturais relacionadas a segurança se manifestam na tradução de manuais?". Assim, gerou-se a hipótese de que a tradução de advertências e orientações de segurança em manuais de usuários de eletrodomésticos evidencia relações existentes entre linguagem e cultura, que influenciam no produto final da tradução. Essa hipótese foi confirmada dentro do corpus analisado, pois foi possível obter informações sobre leis, hábitos e costumes do Brasil a partir da leitura da tradução dos manuais.

Constatamos na análise do corpus que o perigo é visto de forma diferente entre os Estados Unidos e o Brasil. O fato de os manuais em português verbalizarem mais o "óbvio" em relação aos manuais em inglês, serem mais enfáticos, evidenciarem a preocupação com a segurança elétrica do consumidor, levarem em consideração hábitos do povo brasileiro e mencionarem mais a figura das crianças e das pessoas com deficiência nos mostrou que o tradutor e os fabricantes buscaram contemplar a cultura de chegada ao realizar a tradução.

Todos os exemplos de envolvimento de um texto com os hábitos de um país mostram a aplicabilidade dos conceitos funcionalistas envolvendo o *skopos* e a função do texto, que postulam que, a partir da determinação da função atribuída a cada texto escrito, este deve se estruturar com vistas ao objetivo proposto - seja levando em conta os traços culturais presentes no ambiente de recepção ou não.

É importante ressaltar, também - como afirmam Reiss; Vermeer (2013) -, que o texto é uma tentativa do produtor de ir ao encontro do receptor, isto é, uma tentativa de estabelecer correspondências, tantas quantas possíveis, entre as intenções do produtor e a interpretação do receptor. Por trás disso, o texto de partida consiste nessa oferta de informação de um produtor, dirigida a um público; o translador (tradutor), enquanto produtor, também destina uma oferta de informação a um público determinado, que se difere, no entanto, do público receptor do respectivo texto de partida, o que afeta a informação ofertada pela translação. Isso é especialmente exemplificado na análise das orientações mais específicas e em maior número nos

manuais traduzidos como forma de alertar o consumidor brasileiro sobre os riscos oferecidos pelos produtos e os cuidados que podem evitá-los, de maneira que possam ser totalmente entendidos e assim evitar o máximo de acidentes possível.

Em grande parcela das advertências analisadas, especialmente em inglês, as deficiências no conteúdo informacional são relativas ao pouco uso da palavra sinal, à omissão de informações sobre a indicação do perigo e à ausência de descrições das consequências explícitas a que o usuário estará sujeito em caso de não obediência às informações de segurança. Assim, é importante destacar que descrições completas das consequências, o uso da palavra sinal e a indicação do perigo poderiam auxiliar os consumidores e contribuir para uma melhor compreensão dessas advertências.

O detalhamento do contexto situacional elétrico do Brasil nos manuais traduzidos evidenciou que os textos analisados são uma interação ancorada em um tempo e em um espaço, que refletem a cultura de chegada. A falta de observação ao novo padrão de tomadas poderia, por exemplo, acarretar problemas tanto com a legislação brasileira como com a própria segurança dos usuários brasileiros acostumados ao uso de adaptadores do modelo "T", benjamins ou outros tipos de adaptadores. A preocupação com a segurança elétrica não foi muito explorada nos textos fontes, os manuais em inglês, exemplificando mais uma diferença na visão de perigo entre Estados Unidos e Brasil.

Além da diferença no tratamento de questões de segurança elétrica, a análise nos possibilitou perceber que não só o perigo é visto de maneira diferente entre os Estados Unidos e o Brasil, mas também os próprios relatórios de acidentes de consumo estadunidense (NEISS e CPSC) e brasileiro (SINMAC) são construídos de maneiras diferentes, parecendo-nos possível refletir então que a cultura de cada país aqui mencionado se expressa até em como são construídos os relatórios de acidentes de consumo, reiterando a hipótese a qual nos propomos confirmar neste trabalho.

O fato de as traduções mencionarem as crianças quinze vezes não foi suficiente para que as orientações fossem bem compreendidas. Como foi visto na análise, os trechos que envolvem as crianças nos manuais em português são cheios de incoerências e contradições - ao mesmo

tempo que orientam a supervisão quando o produto é usado por uma criança, postulam, até mais de uma vez, não ser permitido o uso do produto por crianças -, o que não contribui para a compreensão de uma advertência, já que a incoerência pode gerar confusão na hora da leitura do manual e impossibilitar a compreensão do consumidor em como deve agir quando crianças se aproximarem ou usarem os eletrodomésticos.

Conforme os textos de Azenha Junior (1992, 1994, 1996, 1999), Zethsen (1999) e Rogers (2015), que teorizam a alta carga cultural presente na tradução especializada, podemos evidenciar com o corpus de análise desse trabalho que nesse tipo de tradução, considerada com frequência simples e mecânica, existem diversos aspectos que evidenciam, por exemplo, a preocupação sobre questões de acessibilidade. Vimos que as pessoas com deficiência são mencionadas nos manuais sem que estes sejam sequer adaptados para garantir sua acessibilidade - no caso de pessoas cegas ou com baixa visão, por exemplo, não existem versões em braile, ou ainda, para os deficientes auditivos, não há tradução para LIBRAS, o que seria importante, visto que, para muitos brasileiros, a língua portuguesa aparece como língua coadjuvante.

A acessibilidade é um direito garantido por lei, mas não é respeitado nos manuais de usuários e nem na fabricação de muitos produtos, já que estes não possuem um design que facilite seu manuseio por pessoas com deficiências físicas que se beneficiariam, por exemplo, com mais superfícies texturizadas para auxiliar na aderência das mãos ao segurar, manusear ou transportar o produto.

Após os escritos de Azenha Junior (1992, 1994, 1996, 1999, 2006), nos é possível discutir e combater as noções ainda presentes no senso comum e no ambiente acadêmico de que a tradução especializada se constitui como uma variedade de tradução que demandaria menos trabalho por parte do tradutor por não possuir elementos de criatividade e cultura. Ao levar em consideração os trechos da análise que evidenciaram a preocupação com a segurança elétrica e as crianças, além do fato de os manuais em português serem mais claros a respeito dos perigos a que o consumidor se expõe durante o uso de eletrodomésticos, evidencia-se que os marcadores culturais estão realmente "no modo como cada cultura enxerga o mundo e o reconstrói no interior do discurso" (AZENHA JUNIOR, 2006, p.30).

Diante das conclusões deste trabalho, é possível afirmar que os resultados de pesquisas que envolvam textos especializados, em específico de manuais de usuários, são não só pertinentes, do ponto de vista da contribuição que podem trazer à sociedade - alertando sobre as incoerências presentes nos textos e pontuando a necessidade de aperfeiçoamento, para que estes textos sejam capazes de proteger mais o consumidor - como também promissores, no que se refere às vastas possibilidades de investigação que apresentam, como estudos de compreensibilidade das orientações de segurança pelo viés da linguística textual na análise dos manuais como gênero textual ou da ergonomia cultural e informacional que estuda como a forma, o design e a apresentação das orientações de segurança são compreendidas pelo leitor.

No decorrer da pesquisa, não nos focamos na investigação da visibilidade do tradutor na tradução de manuais de usuários; mas cabe mencionar que trabalhos como este, que evidenciam a presença do tradutor, são por si só importantes, já que o tradutor parece ser figura esquecida nos trabalhos a respeito de tradução especializada, principalmente nas traduções de manuais. Os espaços para a voz do tradutor na tradução de manuais podem ser menores em relação aos textos literários, uma vez que não é comum aparecerem notas explicativas ou prefácios escritos pelo tradutor em textos especializados; contudo, identificamos que há espaço suficiente nesta área de pesquisa para estudos a respeito da visibilidade do tradutor no trabalho com a tradução de manuais de usuários.

Por fim, concluímos que esta dissertação tenha contribuído para ressaltar a relevância do trabalho com a tradução de textos especializados, em especial no que tange as condicionantes culturais, e esperamos desenvolver novas propostas a partir das questões levantadas neste trabalho.

REFERÊNCIAS

AIO, M. A. The poor status of technical translations. 2009. Disponível em: <https://www.proz.com/translation-articles/articles/2411/>. Acesso em: 24 de abril de 2016.

AIXELÁ, J. F. Culture-Specific Items in Translation. In: ALVAREZ, Román; VIDAL, Carmen-África. Translation, Power Subversion. Clevedon, Philadelphia/Adelaide: Multilingual Matters, p. 52-78, 1996.

_____. The Study of Technical and Scientific Translation: An Examination of its Historical Development. Journal of Specialised Translation, Reino Unido, v.1, p. 29-49, 2004.

_____. O Estudo de Tradução Técnica e Científica: Uma análise de seu desenvolvimento histórico. Trad. Pedro Luís Sala Vieira. Rio de Janeiro: Tradução em Revista, 21, 2016. Original em espanhol.

ALMEIDA, G. M. B. O percurso da Terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. TRADTERM, São Paulo, n. 9, p. 221-222, 2003.

ASENSIO, R. M. Specialised translation: a concept in need of revision. Babel, v. 53, n.1, p. 48-55, 2007.

AUBERT, F. H. Tradução técnico-científica e terminologia: um ensaio exploratório. In: ALVES, I. (org.) – TradTerm. São Paulo: Humanitas, n. 7, p. 41-52, 2001.

_____. A tradução do intraduzível. Pesquisa apresentada a FFLCH, USP, 1981.

_____. Indagações acerca dos marcadores culturais na tradução. In: Revista de Estudos Orientais, São Paulo: n.5, p. 23-36, 2006.

AZENHA JUNIOR, J. O lugar da tradução na formação em Letras: algumas reflexões. Cadernos de Tradução. Florianópolis: vol. 17, p. 157-188, 2006.

_____. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. TradTerm, São Paulo: v. 16, p. 37-66. 2010.

_____. Interculturalidade e ensino de tradução. Cadernos da Semana de Língua Alemã. São Paulo: FFLCH/USP, n.2, p. 30-40, 1992.

_____. Tradução Técnica, Condicionantes Culturais e os Limites da Responsabilidade do Tradutor. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v.1, p. 137-149, 1996.

_____. Tradução Técnica e Condicionantes Culturais: Primeiros Passos para um Estudo Integrado. FFLCH/USP, Humanitas, 1999.

_____. Aspectos culturais na produção e na tradução de textos técnicos de instrução alemão-português: teoria e prática. São Paulo, 1994. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____; NOMURA, M. Interculturalidade e prática de tradução. Projekt, Revista de Cultura Brasileira e Alemã n. 8. São Paulo: ABRAPA, p. 24-26, 1992.

AZEVEDO, E. R. A representação gráfica de sinais de advertência em manuais de instrução de produtos eletroeletrônicos. Recife, 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco.

BAKER, M. Routledge Encyclopedia of Translation Studies. London: Routledge, 2001.

BARBOSA, H. G. Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta. Campinas: Pontes, 2004.

BARBOSA, H. G. Tradução, mercado e profissão no Brasil. Confluências: revista de tradução científica e técnica. Lisboa: n. 3, p. 6-24, 2005.

BARROS, L. A. Curso básico de terminologia. São Paulo: Edusp, 2004.

BEDNÁROVÁ-GIBOVÁ, K. Non-literary and Literary Text in Translation. Discourse and Interaction, Brno: v.6, p. 93-97, 2012.

BENITES, A. Pressupostos da tradução técnica: a visão dos alunos ingressantes no curso de Bacharelado em tradução da UEM. In: Anais do 21.o EAIC - Encontro Anual de Iniciação Científica, 2012. Disponível em: <http://www.eaic.uem.br/eaic2012/anais/artigo.php?cod=533> Acesso em março/2016.

BERMAN, A. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerrini. Rio de Janeiro, 2007.

BITRA. Bibliografia de Interpretação e Tradução. Disponível em: https://aplicacionesua.cpd.ua.es/tra_int/usu/buscar.asp?idioma=en. Último acesso em: setembro de 2018

BLACK&DECKER. Instruction manual: Lawnmower GR3800. 2010. Disponível em: <http://www.bdferramentas.com.br/manuais/GR3800.pdf>

_____. Manual de usuário do cortador de grama GR3800. 2010. Disponível em: <http://www.bdferramentas.com.br/manuais/GR3800.pdf>

BRASIL. Cartilha do Censo 2010 – Pessoas com Deficiência Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR) / Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SNPD) / Coordenação-Geral do Sistema de Informações sobre a Pessoa com Deficiência; Brasília : SDH-PR/SNPD, 2012.

_____. Lei n. 10098, 19 de dezembro de 2000. Acesso em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/busca?q=Art.+2+da+Lei+da+Acessibilidade+-+Lei+10098%2F00>. Último acesso em 8 de outubro de 2018.

_____. Ministério da Integração Nacional. Redução das vulnerabilidades aos desastres e acidentes na infância. Secretaria Nacional de Defesa Civil. 2a ed. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002.

_____. Ministério da saúde. Intoxicação por Remédios: os perigos dentro de casa. Brasília, 2009.

_____. Ministério da saúde. Saúde Brasil 2013: uma análise da situação de saúde e das doenças transmissíveis relacionadas à pobreza. Brasília, 2014. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_brasil_2013_analise_situacao_saude.pdf. Último acesso em 13 de maio de 2018.

_____. Ministério da saúde. Viva: Vigilância de violências e acidentes. Brasília, 2017. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/viva_2013_2014.pdf. Último acesso em 13 de maio de 2018.

BÜHLER, K. Sprachtheorie. Oxford: Fischer. 1934.

BYRNE, J. Technical translation. Usability strategies for translating technical documentation. Dordrecht: Springer, 2006.

CAPES. Plataforma sucupira <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>. Acesso em 11 de julho de 2017.

COMELLAS, P. Algumas reflexões sobre a tradução à letra segundo Berman. Florianópolis: Scientia Traductionis, n.9, p. 152-167, 2011.

COULTHARD, R. M. On analyzing and evaluating written text. In: Advances in written text analysis. Londres: Routledge, p. 1-11, 1994.

_____; HAGEMEYER, C. A. P. On product warnings. Alemanha: Language and Law, v.2, p. 53-75, 2015.

_____; _____. Perigo, cuidado, atenção: a comunicação linguística de risco em advertências de produtos. Florianópolis: Cadernos de Linguagem e Sociedade, n. 14, p. 28-53, 2013.

CPSC. Neiss data highlights. Disponível em: <https://www.cpsc.gov/s3fs-public/2017-Neiss-data-highlights.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2018.

_____. Neiss query. Disponível em: <https://www.cpsc.gov/cgibin/NEISSQuery/home.aspx>. Acesso em 12 de abril de 2018.

CUISINART. Instruction manual: Electric knife CEK40. Estados Unidos, 2000. Disponível em: <https://www.cuisinart.com/share/pdf/manuals/cek-40.pdf>

_____. Manual de instrução: faca elétrica Cuisinart CEK40. Brasil, 2012. Disponível em: <http://manuais.servicos.ws/4081270045.pdf>

DIAZ, O. Novas ferramentas para (ensinar a) traduzir. In: GARRIDO, C. (org.) Ferramentas para a tradução. Ourense: Associação Galega da Língua, p. 143-171, 2004.

DUMAS, B. K. An analysis of the adequacy of federally mandated cigarette package warnings. In: LEVI, J.N. & WALKER, A.G. (eds.). In: Language in judicial process. New York: Plenum Press Corp., p. 309-352, 1992.

_____. Consumer Product Warnings: Composition, Identification, and Assessment of Adequacy. In: COULTHARD, M. & JOHNSON, A. (Eds.). Routledge Handbook of Forensic Linguistics. New York: Routledge, p. 365-377, 2010.

FERREIRA, L, A, M. A inclusão da pessoa portadora de deficiência e o Ministério Público. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_publicacao_divulgacao/doc_gra_doutrina_civel/civel%2009.pdf. Último acesso em: março, 2018.

FINATTO, M, J, B. Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação. Porto Alegre, 2001. Tese (doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FISH, S. Is there a text in this class? The authority of interpretive communities. Cambridge: Harvard University Press, 1980.

GARRIDO, C. Alcance e restritividade da modificação nominal como problema da tradução técnico-científica de inglês e de alemão para português e para espanhol. Revista de traducción e interpretación, n. 24, 2013.

GÖHRING, H. Interkulturelle Kommunikation: Die Überwindung der Trennung von Fremdsprachen- und Landeskundeunterricht durch einen integrierten Fremdverhalten-sunterricht. In Kongressberichte der 8. Jahrestagung der Gesellschaft für Angewandte Linguistik. Mainz: Vol. 4, p. 9–13, 1977.

HAMILTON BEACH. Instruction manual: blender 1101. Estados Unidos, 2007. Disponível em: <http://useandcares.hamiltonbeach.com/files/840123204.pdf>

_____. Manual de instrução: liquidificador 1101. Brasil, 2014. Disponível em: <http://useandcares.hamiltonbeach.com/files/840248000.pdf>

HOFFMANN, L. Conceitos básicos da linguística de linguagens de especialidade. In: FINATTO, M, J, B e (Org.) Textos e termos de Lothar Hoffmann: um convite para o estudo das linguagens técnico-científicas. Porto Alegre: Palotti, 2015, p. 39-48.

HOUAISS. Mini dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

INMETRO. Padrão Brasileiro de Plugues e Tomadas. Disponível em: <http://www.inmetro.gov.br/qualidade/pluguestomadas/>. Último acesso em: 13 de julho de 2017.

_____. Sistema Inmetro de Monitoramento de Acidente de Consumo: Relatório 2017. Brasília, 2017.

KITCHEN AID. Instruction manual: Stand mixer KEA33. Estados Unidos, 2009. Disponível em: <https://www.manualslib.com/manual/372143/Kitchenaid-K45sswh.html?page=4#manual>

_____. Manual de usuário: batedeira KEA33. Brasil, 2012. Disponível em: <https://kitchenaid.custhelp.com/euf/assets/manuais/KEA33CV.pdf>

KRIEGER, M, G.; FINATTO, M, J, B. Introdução à Terminologia: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

MARLON, M. Técnicas de redação: teoria e prática. Belém: Editora didática da Amazônia, 2015.

MEDEIROS, C. VILELA, C. PEREIRA, V. Desenvolvimento de símbolo de advertência compreensíveis. Revista brasileira de ergonomia, v. 5, n. 1, p. 35-45, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Manual de Vigilância do Óbito Infantil e Fetal e do Comitê de Prevenção do Óbito Infantil e Fetal. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_obito_infantil_fetal_2ed.pdf. Acesso em: 05 de janeiro de 2017

MOREIRA, M. Estudos funcionais da tradução: rupturas e continuidades. São Paulo, 2014. 253 f. Dissertação de Mestrado- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas, Universidade de São Paulo.

MOUNIN, G. Os problemas teóricos da tradução. Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975. Título original: Les problèmes théoriques de la traduction.

MUNDAY, J. *Introducing Translation Studies. Theories and Applications*. London: Routledge, 2001.

NIDA, E. Linguistic and ethnology in translation problems. *Word*, v. 1.2, p. 194-208, 1945.

NONATO, D. Acessibilidade arquitetônica como direito humano das pessoas com deficiência. Disponível em: <http://www.cesrei.com.br/ojs/index.php/orbis/article/viewFile/63/41>. Acessado em 17 de julho de 2017.

NORD, C. *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Michigan: St. Jerome, 1997.

OLIVEIRA, P. Tradução & ética In: AMORIM, L.M.; RODRIGUES, C. C.; STUPIELLO; E. N. A. (ed.) *São Paulo: Tradução &, perspectivas teóricas e práticas*, p. 71-98, 2015.

PETTENDORFER, M. P. *Advertências visuais: uma análise da compreensão dos rótulos de risco pela ótica da ergonomia informacional*. Rio de Janeiro, 2006. 199 f. Dissertação de Mestrado - Departamento de Artes e Design, PUC-RIO.

POLCHLOPEK, S.; AIO, M. A. Tradução técnica: armadilhas e desafios. *Tradução & Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, Florianópolis: n.19, p. 101-113, 2009.

REICHMANN, T. Marcas culturais nas linguagens de especialidade. In: *Lusorama*, v. 77-78, p. 103-122, 2009.

REISS, K.; VERMEER, H. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen: Niemeyer, 1984.

_____. *Towards a general theory of translational action*. Trad. Christiane Nord. New York: Routledge, 2013. Título original: *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*.

RESENDE, S. *Normas tradutórias: o caso dos artigos científicos e suas condicionantes culturais*. Rio de Janeiro, 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

ROGERS, M. Specialised Translation. Shedding the 'Non-Literary' Tag. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. Revista Nacional de Reabilitação (Reação). São Paulo: edição mar./abr., p. 10-16, 2009.

SEARLE, J. R. Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language. Cambridge: Cambridge UP, 1969.

SILVA, R. Contribuições da ergonomia cultural para representação gráfica em advertências de medicamentos. Recife, 2008. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade Federal de Pernambuco.

SINGER. Instruction manual: Steamer Steam works Pro. Estados Unidos, 2010. Disponível em: http://www.singerco.com/uploads/download/1296_5738-svp_instructionswp.pdf

_____. Manual do usuário: Vaporizador Steam works Pro. Brasil, 2012. Disponível em: <http://conteudoproduto.magazineluiza.com.br/manual/08/088798000/manual.pdf>

SNELL-HORNBY, M. The Turns of Translation Studies. New Paradigms or Shifting Viewpoints? Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2006.

_____. Translation Studies. An integrated approach. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1988.

STOLZE, R. Dealing with cultural elements in technical texts for translation. Londres: The Journal of Specialised Translation, n. 11, p. 124-142, 2009.

TAGNIN, S. A Linguística de Corpus na e para a tradução. In: VANDER, V; STELLA, T. (Org.). Corpora na Tradução. 1 ed. São Paulo: HUB Editorial, v. 1, p. 19-56, 2015.

TIERSMA, P. M. The Language and Law of product warnings. In: COTTERILL, J. (ed.) Language in legal process. Basingstoke: Palgrave Macmillan, p. 54-71, 2002.

VOLLMER, L. ABC da ADG: Glossário e verbetes utilizados em design gráfico. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2012.

WOGALTER, M. S. Handbook of warnings. Boca Raton: Lawrence Erlbaum Associates, p. 3-9, 2006.

_____; JARRARD, S. W.; SIMPSON, S. N. Influence of warning label signal words on perceived hazard level. Newbury Park: Human factors, n.36, p. 547-556, 1994.

WRIGHT, S. E. Scientific, Technical, and Medical Translation. Oxford: Oxford University Press., p. 243-261, 2011.

_____. Technical translation and the American translator. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, p. 1-10, 1993.

_____; WRIGHT, L. D. Scientific and Technical Translation. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1993.

XAVIER-GOMES, L. M. Descrição dos acidentes domésticos ocorridos na infância. O mundo da saúde, São Paulo: número 37, 2013.

ZAVAGLIA, A.; AZENHA JUNIOR., J; REICHMANN, T. Cultural Markers in LSP Translation. In: Baumann, Klaus-Dieter. (Org.). Fach - Translat - Kultur. Interdisziplinäre Aspekte der vernetzten Vielfalt. 1 ed. Berlin: Frank & Timme, v. 2, p. 785-808, 2012.

ZETHSEN, K. K. The Dogmas of Technical Translation: Are They Still Valid? Hermes, Journal of Language and Communication Studies. Dinamarca: n. 23, p. 65-75, 1999.